

Ives Gandra da Silva Martins

poesia  
COMPLETA

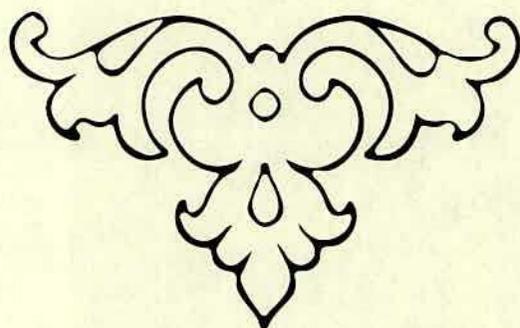
2



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal - 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e RS, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO - SP; ex-Presidente da Academia Paulista de Letras-APL e do Instituto dos Advogados de São Paulo-IASP.

Poesia Completa - 2



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

POESIA COMPLETA - 2



Copyright © 2021 de Ives Gandra da Silva Martins

Capa

Adaptação da capa do primeiro volume de  
*Poesia Completa* (Resistência Cultural, 2014)

[Claudioliber@gmail.com](mailto:Claudioliber@gmail.com)

# SUMÁRIO

Agradecimento .....	12
Prefácio .....	13

## A PRESENÇA DE RUTH AUSENTE

I - Senhor .....	16
II - O tempo .....	17
III - Saudades .....	18
IV - Amor descompassado .....	19
V - Para Ruth .....	20
VI - Gratidão .....	21
VII - Velhice .....	22
VIII - Intemporal .....	23
IX - O velho e a menina .....	24
X - Sessenta e sete anos de encanto .....	25
XI - Soneto lido para meu amor em seu ouvido .....	26
XII - Ruth .....	27
XIII - Saudades .....	28
XIV - Oitenta e seis .....	29
XV - Tocha viva .....	30
XVI - Paz e dor .....	31
XVII - Sempre ao meu lado .....	32
XVIII - Sem rumo .....	33
XIX - Oração para os nossos .....	34
XX - Tua intercessão .....	35
XXI - Ruth e meu Deus .....	36
XXII - Meu pobre canto .....	37
XXIII - O tempo passa .....	38
XXIV - Ruth distante .....	39
XXV - Saudades e paz .....	40
XXVI - Soneto para uma foto .....	41

XXVII - Soneto para outra foto .....	42
XXVIII - Sempre presente .....	43
XXIX - Universidade de Suzano .....	44
XXX - Suave sofrimento .....	45

## **O CAÇADOR CAÇADO**

Prefácio .....	47
Ato I .....	49
Ato II .....	65
Ato III .....	85
Ato IV .....	105
Ato V .....	121

## **EU, MENINO**

### **E**

## **A LENDA DOS QUATRO REINOS**

Breve apresentação .....	136
Repentes .....	138
Eu, menino .....	139
A Lenda dos Quatro Reinos .....	147

## **POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO**

### **&**

## **QUADRAS DE UM HOMEM COMUM**

### **POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO**

Breve apresentação .....	174
I - Poema de minha volta .....	176
II - Poema da pré-madureza .....	178
III - Tus ojos .....	179

IV - Casa do meu passado .....	181
V - Soneto .....	182
VI - Soneto .....	183
VII - Soneto .....	184
VIII - Soneto .....	185
IX - Soneto .....	186
X - Soneto .....	187
XI - Soneto .....	188
XII - Soneto .....	189
XIII - Soneto .....	190
XIV - Soneto .....	191
XV - Musa .....	192
XVI - Soneto .....	193
XVII - Soneto .....	194
XVIII - Soneto .....	195
XIX - Poema do eu maduro .....	196
XX - Para o aniversário .....	197
XXI - Ao som de "Darling" .....	198
XXII - Soneto .....	199
XXIII - Soneto .....	200
XXIV - No casamento da tia Teresa .....	201
XXV - Um grito .....	202
XXVI - Sergipe .....	203
XXVII - Um país corrupto .....	204
XXVIII - O caminhar do tempo .....	205
XXIX - Duas quadras .....	206
XXX - Dois sonetos:	
Meu tempo .....	207
61 anos de namoro .....	208

#### QUADRAS DE UM HOMEM COMUM

I .....	210
II .....	210

III .....	210
IV .....	211
V .....	211
VI .....	211
VII .....	212
VIII .....	212
IX .....	212
X .....	213
XI .....	213
XII .....	213
XIII .....	214
XIV .....	214
XV .....	214
XVI .....	215
XVII .....	215
XVIII .....	215
XIX .....	216
XX .....	216

## **MEU DIÁRIO EM SEXTETOS**

Breve Introdução .....	218
Janeiro 2015 - O Poder sem virtudes .....	220
Fevereiro 2015 - Sextetos do eu ninguém .....	232
Março 2015 - Cantador .....	243
Abril 2015 - Sem saber .....	255
Mai 2015 - Maio sempre o mesmo .....	267
Junho 2015 - Um mês como outro qualquer .....	279
Julho 2015 - Férias, amor e protesto .....	291
Agosto 2015 - De tudo, um pouco .....	303
Setembro 2015 - Às vezes, sou cavaleiro .....	315
Outubro 2015 - Num Brasil sempre mais fundo .....	327

Novembro 2015 - Versejar não é fácil .....	340
Dezembro 2015 - Sem risco de melhorar .....	353

### **101 POEMAS PARA RUTH**

24 Sonetos Octogenários  
77 Haicais Brasileiros

Apresentação .....	366
24 Sonetos Octogenários .....	367
77 Haicais Brasileiros .....	392

### **POEMAS ALÉM DO TEMPO**

Breve apresentação .....	420
Sonetos além do tempo .....	421
Quadras no tempo de todo tempo .....	462
Quadras fora do tempo .....	483

### **MAIS HAICAIS PARA RUTH**

Apresentação .....	505
Haicais .....	506

## AGRADECIMENTO

*Agradeço ao meu amigo Cláudio Giordano, uma vez mais, por veicular, em edição particular para familiares e amigos, minha poesia.*

*Agradeço ao meu amigo e confrade no Instituto Histórico e Geográfico, José Lorêdo Filho, meu editor de inúmeros livros, pela concordância com a utilização da capa do primeiro volume da Poesia Completa, editada em 2014, em edição comercial pela Resistência Cultural, e à artista Carolina Rego, que a desenhou.*

## Prefácio

Publico o 2º volume de minha *Poesia Completa*. O primeiro, com 12 obras escritas, foi editado pela Resistência Cultural em 2014. Prefácio de Paulo Bomfim e João Carlos Martins. Continua as seguintes obras: 1) *Pelos Caminhos do Silêncio* (1956); 2) *Tempo Pretérito* (1982); 3) *Tempo de Lendas* (1991/2001); 4) *Em Tempos do Senhor* (2004); 5) *Olhar do Tempo* (1994); 6) *Intemporal Espaço* (1995); 7) *Pretérito Imperfeito* (1997); 8) *Presente Quase Pretérito* (2001); 9) *Pretérito Presente* (2003); 10) *Cartas de Antanho* (2001); 11) *Meu Diário em Sonetos* (2010) e 12) *Cicatrizes do Tempo* (2014).

De 2014 para cá publiquei mais seis livros, a saber: *Eu, Menino e a Lenda dos Quatro Reinos* (2014); *Poemas de um Tempo Esquecido e Quadras de um Homem Comum* (2015); *Meu Diário em Sextetos* (2016); *101 Poemas para Ruth* (2017); *Poemas Além do Tempo* (2018) e *Mais Haicais para Ruth* (2019).

Não publiquei o sétimo com 30 Sonetos, 11 deles escritos antes do falecimento de minha mulher e 19 após, pois o faço nesta edição. O título diz tudo: *A Presença de Ruth Ausente*. Está junto do Pai. Era uma Santa. Fomos felizes por 67 anos, sendo 5 de namoro e 62 de casados. Nossa família deve tudo a ela, a começar por mim, visto que por ela fui reconvertido ao catolicismo, quando já trilhava os caminhos agrestes de me considerar agnóstico.

Aliás, todos os meus livros lhe foram dedicados.

Neste segundo volume de minha poesia completa, acrescentei uma peça teatral que escrevi aos 17 anos, O

*Caçador Caçado*, pois em forma de redondilhas maiores com unidade de tempo, lugar e ação. Soube por Cláudio Giordano, meu editor de poesias há muitos anos, que um amigo seu, em lendo a peça, sugeriu mudasse o título para *Os Astutos*, razão pela qual podem os eventuais leitores da peça adotar o título que preferirem para esse meu escrito juvenil.

A maioria dos poemas são sonetos, ingleses ou italianos, forma poética que começa a cair em desuso junto aos que versejam no modernismo. Paulo Bomfim, todavia, tinha uma antológica definição do soneto: “O soneto é o traje a rigor da poesia”.

Aos 86 anos, continuo lembrando o velho e saudoso amigo Saulo Ramos que, como escreveu em seu livro *Código da Vida* sobre o nosso grupo de poetas (Guilherme de Almeida, Paulo Bomfim, ele, eu e mais alguns da década de 50), respirávamos mais poesia do que leis. E, em uma de nossas viagens ao interior, para declamar poesias em teatros, brincou: “Ives, quando nos formarmos em Direito a advocacia será o bico que sustentará o poeta”.

Até hoje, apesar de um relativo sucesso profissional, continuo sendo mais poeta que advogado. Creio que o fui e sou porque, como dizia Paulo Bomfim, “você tem uma permanente Musa inspiradora, que é Ruth”. Mesmo tendo ido para o Céu, continua ela sendo quem me inspira na vida, na família e na poesia.

Ives Gandra da Silva Martins  
São Paulo, 15 de maio de 2021.

**A PRESENÇA DE RUTH AUSENTE**  
(2021)

I  
SENHOR

Ana, a sacerdotisa, viu Jesus  
--Dizia a Bíblia ter já muita idade--,  
Mesmo assim percebeu da vida a luz,  
Prelúdio de seu rumo à Eternidade.

Tinha, então, tantos anos quantos tenho,  
E todos respeitavam-lhe a velhice,  
Tal Simão, descobriu que, um dia o lenho  
Da cruz ostentaria, mas não disse.

Assim, num ano novo, vou em frente  
Com a família e sonhos, na alegria,  
Na morte, venha lenta ou de repente,  
Não penso, vivo apenas cada dia.

Senhor, há quanto tempo, amo-Te tanto,  
Mas, teu silêncio, causa-m'inda espanto.

Jaguariúna, 01/01/2020.

## II TEMPO

Divirto-me se, no tempo,  
Não uso o tempo que quero,  
Mas tenho por passatempo  
Meu tempo tornar austero.

Nem mesmo, se em contratempo,  
Meu tempo voltar a zero  
E retornar pelo tempo  
Num tempo que retempero

E mesmo se rima em empo  
Não encontrar, persevero.  
Meu verso, sem contratempo,

Embora pobre, é sincero.  
Escrevo por passatempo,  
Enquanto a mente inda opero.

Jaguariúna, 03/01/2020.

### III SAUDADES

Saudades, eu as tenho, muitas vezes,  
Das batalhas legais e dos esportes,  
Sem parar trabalhava todos meses,  
Nas férias, o labor não tendo cortes.

Família, com meus filhos, minha amada  
Meu tempo conformado cada dia,  
E meu Deus apontava a boa estrada,  
Que trilhávamos todos, na alegria.

Minha gente cresceu sempre ao meu lado  
E velhos, Ruth e eu, fomos em frente,  
Nosso passo tornou-se mais cansado  
E o bom convívio, fez-se diferente.

Sou grato, meu Senhor, se olho pra trás,  
O prêmio que me deu, com tanta paz.

Jaguariúna, 05/01/2020.

IV  
AMOR DESCOMPASSADO

Um amor descompassado na velhice  
Inda sinto por você, meu grande amor.  
Para os outros, bem parece esquisitice,  
Mas para mim nesta vida tem valor.

Não sabemos nosso tempo, quanto resta,  
Mas sabemos mente sã que Deus concede,  
Na verdade o que se faz é muita festa  
Pelos anos que a virtude bem que mede.

Este tempo, há quanto tempo és de meu lado,  
E há quanto tempo este tempo assim refaço.  
Nosso futuro é presente do passado,  
Mas vivemos cada dia em novo espaço.

Tal querer bem na velhice é sempre raro,  
Mas do mundo não escondo e alto declaro.

Jaguariúna, 08/01/2020.

V  
Para RUTH

Eu atiro meus jograis  
Pelas antigas janelas,  
Em gestos acidentais  
Com cores das aquarelas.

Os versos pelos varais  
Nas páginas amarelas  
Tem cheiro de cafezais  
Plantados em caravelas.

Eu fujo de bacanais  
Componho sonhos nas telas  
E nos castelos feudais,  
Dançando mil tarantelas.

E vejo pelos portais  
A mais bela entre as mais belas.

SÃO PAULO, 09/01/2020.

## VI GRATIDÃO

A gratidão nem sempre é bem humano,  
Nem dom que se descobre pelo mundo;  
Padece quem a espera desengano  
Pois o coração torna moribundo.

Tantos pais são por filhos esquecidos  
E parentes por seus abandonados,  
Amigos, se, na vida, desprovidos  
Do conviver, às vezes, afastados.

Mas em Deus, todavia, a ingratidão  
Jamais ocorre, embora sendo nós  
Aqueles que ao Senhor dizemos não  
De seu amor fugindo logo após.

Muitas vezes o ingrato quer-nos mal,  
Revivendo da cruz o seu sinal.

Jaguariúna, 15/01/2020.

VII  
VELHICE

Velhice torna o mundo diferente,  
Pois a visão se tem, que o fim é certo,  
Se sente que da vida um dia ausente,  
Este dia se faz sempre mais perto.

Os erros e os acertos do passado  
Não poucas vezes tisnam a memória,  
As coisas temporais ficam de lado,  
Mesmo aquelas que têm alguma história.

Sucessos e fracassos sem relevo  
Aos toscos cestos vão do esquecimento.  
Pouco importa até mesmo se longeva  
A idade prolongar este momento.

A vida se reduz a uma emboscada,  
Em que, sem Deus, lutamos para nada.

Jaguariúna, 17/01/2020.

VIII  
INTEMPORAL

As pedras se desfiam pela idade,  
E a solidez, no tempo, vira pó,  
Por mais que seja sua densidade  
Quem as possui, na vida, fica só.

Não há na imensidão o que não passe,  
Pois todo o temporal terá um fim.  
Apenas Deus, no eterno, a sua face  
Reserva para os que disseram sim.

Não se sabe o tamanho do Universo,  
Mas, um dia, por certo acabará,  
Apesar de que o espaço do meu verso  
No sonho bem mais longe ficará.

Na busca do infinito temporal,  
As pedras ganham tom de catedral.

Jaguariúna, 20/01/2020.

IX  
O VELHO E A MENINA

*Para Ruth*

Não consigo te ver, na minha idade,  
Mas sim como tu eras em menina,  
Por isto não preciso ter saudade  
De quando, linda, via-te na esquina.

É onde o coletivo me pegava,  
Depois de ter estado em tua casa,  
Minha alma era de ti, então, escrava,  
No espaço, navegando sem ter asa.

O tempo deste tempo foi passado,  
Mas o passado faz-se tão presente,  
Te tendo sempre, bela, de meu lado,  
Em amor que jamais restou ausente.

Foi para estar contigo que, querida,  
Um tempo de Deus me deu a mais na vida.

SÃO PAULO, 12/12/2020

X  
SESSENTA E SETE ANOS DE ENCANTOS

*Para Ruth*  
*(sessenta e sete anos de namoro)*

O meu amor tem encantos,  
Que percorrem muitos cantos,  
Com embalos, acalantos,  
Preenchendo mil recantos,

Causando em outros espantos,  
Sem poréns ou entretantos,  
Mas com ares sacrossantos,  
Que afastam meus desencantos.

Teu amor tem verdes mantos,  
Nos teus puros olhos santos,  
Sempre lindos e sem prantos,

Que me geram sonhos tantos  
E aos sessenta e sete quantos  
Dão a nós nossos encantos.

SÃO PAULO, 24/12/2020

XI  
SONETO LIDO PARA MEU AMOR  
EM SEU OUVIDO

Eu sinto o peito tão dilacerado  
E uma vontade imensa de chorar,  
Revejo cada instante do passado,  
Iluminado pelo teu olhar.

A Deus imploro, humilde, a tua cura,  
Que como Pai conhece o teu destino,  
Jamais o teu encanto e formosura  
Perdeste desde o tempo d'eu menino.

Preciso que o milagre Deus conceda  
Que voltes desta luta para nós,  
Andando sempre juntos na vereda  
Da vida, como pais e como avós.

Já disse que sem ti não sei viver,  
Pois tu és, para mim, meu próprio ser.

SÃO PAULO, 25/01/2021

XII  
RUTH

A dor e a paz eu sinto a cada instante,  
Perdi o meu amor de toda vida,  
Amei-a sempre desde que era infante,  
Sem aceitar jamais a despedida.

Nos céus, Deus a recebe como santa,  
De lá a todos nós protegerá.  
A Virgem cobrirá com sua manta,  
Mais bela que a da bela de Sabá.

A paz é que, no tempo, a reverei,  
Pois ela sempre foi o meu caminho  
E versos para ela escreverei,  
Com Cristo, em pleno amor e com carinho.

Dê-me força, querida, nesta trilha,  
Para bem conduzir nossa família.

SÃO PAULO, 26/01/2021

XIII  
SAUDADES

Eu me sinto, querida, bem mais calmo,  
Na certeza que estás junto do Pai.  
Repito, todo o dia, como em Salmo,  
“Amo-te muito”, ouvindo “So do I”.

A falta junto aos meus é mitigada  
Pois todos falam bem do que fizeste,  
Da santidade foste pela escada  
De um caminho que nunca foi agreste.

Parece que tu ficas junto a mim  
Cada minuto, ou seja, a todo instante,  
Teu amor tu plantaste no jardim  
Da minh'alma, por isto vou avante.

Mesmo assim pelo peito esta saudade  
Faz-me querer te ver na eternidade.

SÃO PAULO, 05/02/2021

XIV  
OITENTA E SEIS

Eu completei, querida, oitenta e seis  
E senti como sempre a tua falta,  
Eu sei que tu estás com Rei dos reis,  
Que mais do que ninguém a ti exalta.

Teus filhos e teus netos para mim  
Bem alegram-me o tempo que me resta,  
De ti todos lembramos, como assim  
O dia em que este dia era de festa.

Sabemos que tu pedes junto ao Pai  
Como todo o teu amor por todos nós  
E, desta forma, a luta não decai,  
Não estando eu jamais, por ti, à sós.

Amo-te muito, muito, amada minha,  
Com dor e paz, a vida bem caminha.

SÃO PAULO, 13/02/2021

XV  
TOCHA VIVA

Quantas coisas ainda a te dizer  
Eu tinha, meu amor de toda a vida,  
Contigo sempre fomos um só ser,  
Não separado após a despedida.

Eu converso contigo todos dias,  
No silêncio da prece com meu Deus,  
Se rezavas me lembro que sentias  
Sua presença e orava pelos teus.

Eu sei que estás me vendo, agora mesmo,  
A minha dor buscando atenuar,  
Não deixas-me ficar andando a esmo,  
Como um barco sem leme pelo mar.

O teu sorriso ainda me incentiva,  
De nosso amor mantendo a tocha viva.

SÃO PAULO, 14/02/2021

XVI  
PAZ E DOR

A vida inteira fomos nós à missa  
E recebemos Deus no coração,  
Sua misericórdia com justiça  
Ofertou-nos, assim, a direção.

Por isto é qu'eu bem peço, todo dia,  
Que o Senhor te mantenha nos Seus Braços  
E que tu rezes para que a alegria  
Eu volte a ter em todos meus espaços.

Meus filhos e meus netos são do lado  
Destinam-me, por ti, o seu afeto,  
As memórias que trazem do passado  
Relembra teu olhar, sempre discreto.

Eu sinto tua falta, meu amor,  
Apesar desta paz, com muita dor.

SÃO PAULO, 20/02/2021

XVII  
SEMPRE AO MEU LADO

O tempo passa e sem passar parece,  
Pois inda vivo o dia em que partiste,  
Recorro sempre a Deus em pobre prece,  
Buscando ser alegre, embora triste.

A ti, acorrentado o coração,  
Descubro novo encanto, no passado,  
Nos momentos vividos, quando então  
Era tão doce estar só de teu lado.

Eu sei que minha vida continua  
E lutar pelos meus é meu destino.  
Não me esqueço, porém, ao ver a lua,  
Ver também teu sorriso repentino.

Minha estrada será agora assim,  
Na certeza que estas junto de mim.

SÃO PAULO, 27/02/2021

XVIII  
SEM RUMO

As saudades são imensas.  
Acordo pensando em ti,  
Vejo planícies extensas  
E um sol da cor de rubi.

Eu nelas estou sozinho,  
Andando sem ter um rumo,  
Pedindo que meu caminho  
Tu mostres p'ra estar a prumo.

Aparento ser sereno.  
O coração lancetado.  
Só não fica mais pequeno  
Por sentir-te de meu lado.

Meu amor é tanto, tanto  
Que a mim mesmo causa espanto.

SÃO PAULO, 06/03/2021

XIX  
ORAÇÃO PARA OS NOSSOS

No coração, você sempre reside  
E peço mais que nunca sua ajuda,  
Nosso filho, genro e netos com Covid  
Bem tornam sua ausência mais aguda.

Porém, no meu sonhar que não se vê,  
Eu sinto lá de cima seu olhar,  
No livro que me deu “Eu e você”,  
Assim que começamos namorar.

Interceda, discreta, meu amor,  
Para que fiquem todos bem curados,  
Pois sinto muita paz, embora a dor  
Não deixe meus soluços abafados.

Vamos juntos, os dois, pedir a Deus  
Por eles, que são seus e que são meus.

SÃO PAULO, 12/03/2021

XX  
TUA INTERCESSÃO

Desde os tempos dos tempos de namoro  
Que para ti escrevo meus sonetos,  
Mas agora confesso que meu choro  
Mal seguro ao fazer os 3 quartetos

Com mais 2 versos. Lembro do passado  
E quanto agradecemos ao Senhor!  
Recordações estão de todo lado  
Iluminando sempre o nosso amor.

Trabalho faço ainda bem intenso,  
Malgrado ter a artrite desgarrada,  
Assim a tua ausência hoje compenso,  
A família levando em nossa estrada.

Invoco-te, meu Bem, de quando em quando  
E continuas nunca me faltando.

SÃO PAULO, 20/03/2021

XXI  
RUTH E MEU DEUS

Começo meu encontro semanal  
Com Ruth, com meu Deus e com meu verso,  
Lembrando que no dia de Natal  
Abriste para mim seu Universo.

Desconhecia Deus, mas teu carinho  
Pouco a pouco, me fez bem conhecê-Lo  
E descobri também ser meu caminho  
E o frio coração foi ao degelo.

Eu sinto, meu amor, tremenda a falta  
Que me fazes e aos meus, todos os dias,  
Por mares sem sinais, qual argonauta,  
Das saudades navego, em maresias...

E agora eu amo e sirvo, na jornada,  
Ao Senhor que levou a minha amada.

SÃO PAULO, 27/03/2021

XXII  
MEU POBRE CANTO

O Tempo não consola a tua ausência,  
Pois sinto a tua falta o tempo inteiro,  
Relembro nossa vida com frequência,  
Quando dizia ser teu seresteiro.

Tuas cartas de amor sempre releio  
E nelas teu querer vivo de novo  
Acalmo-me, feliz, no devaneio,  
Embora quando as leio eu me comovo.

Os dias que vivemos, todo dia,  
Foram muitos e poucos, de uma vez,  
Eis que o sonho sonhamos, na alegria,  
Por anos, nas semanas, cada mês.

Tu lembras quando disse que era tanto  
Meu amor p'ra caber num pobre canto?

SÃO PAULO, 03/04/2021

XXIII  
O TEMPO PASSA

Querida, o tempo passa até que fica.  
Assim aconteceu em nossa vida,  
Memória do passado faz-se rica  
Com o que menos dói tua partida.

Voltei a trabalhar e da família  
Com carinho cuidar e com afinho,  
Na casa, vou atrás de tua trilha,  
Sem ser, como já foi, aquele brinco.

A falta que me fazes é brutal,  
Mas escondo dos outros como posso,  
Procuro ser em tudo natural,  
Vivendo neste lar que foi tão nosso.

Consola-me pensar que Deus, um dia,  
Nos unirá de novo, na alegria.

SÃO PAULO, 10/04/2021

XXIV  
RUTH DISTANTE

O ponto fraco rompe a corda forte,  
Por isto tal fraqueza há que cuidar,  
O mais valente ser perante a morte  
Afunda, como um náufrago, no mar.

Eu me sinto querida, um tanto fraco,  
Embora lute muito, todo dia,  
De mais em mais o claro faz-se opaco  
Pela falta de tua companhia.

A própria inspiração sofre bastante,  
Já que não posso olhar-te ou abraçar-te,  
Mas perto estás, malgrado tão distante,  
Pois de meu coração tu fazes parte.

Assim vou batalhando, meu amor,  
Com alegria, paz e muita dor.

SÃO PAULO, 17/04/2021

XXV  
SAUDADES E PAZ

Tenho paz, meu amor, muita paz.  
Muita paz, porque sei que me vês.  
A certeza que tenho que estás  
Junto ao Pai me consola, de vez.

Agradeço, Senhor, ter-me dado  
Tua vida p'ra mim de cuidar  
E me deu para ti, de outro lado,  
Conduzir para o céu meu olhar.

Quanto tempo vivemos tão bem!  
Quanto tempo nós dois nos amamos!  
O querer só ficou pouco aquém  
De Maria e de Deus, nossos amos.

As saudades, eu sinto, mas paz,  
Com lembranças que o tempo me traz.

SÃO PAULO, 24/04/2021

XXVI  
SONETO PARA UMA FOTO

Você se lembra quando eu lhe beijava  
A linda fronte, fronte de uma santa  
E lhe dizia ter minha alma escrava  
Por seu olhar coberta em doce manta?

Quando eu falava e você recebia  
Esta homenagem tão bem merecida,  
Com o meu rosto, pleno de alegria,  
Eu lhe mostrava ser a minha vida?

A foto me recorda este momento  
Muito agradeço ter você, meu bem.  
Por tanto tempo, pois o meu alento,  
De novo, é vê-la quando eu for Além.

O dia em que beijei a sua testa,  
Que lindo dia foi, dia de festa.

30/04/2021

XXVII  
SONETO PARA OUTRA FOTO

Eu bem me lembro dos fins de semana  
Em que contigo eu sempre assim sorria  
E a simples casa, mais uma choupana,  
Era um castelo, pleno de alegria.

Nossa família vinha em caravana,  
Fazendo do domingo um belo dia,  
Deixávamos de lado a vida urbana,  
Em sereno descanso da porfia.

Como gosto lembrar como tu eras,  
Fico feliz de teres sido minha,  
Embora de meus olhos tão distante,

Pois inda vivo antigas primaveras  
Dos tempos em que tu foste a rainha  
Com teu sorriso lindo e fascinante.

São Paulo, 08/05/2021

XXVIII  
SEMPRE PRESENTE

Minha avó, quando menino,  
Me dizia que chorar  
Num homem torna o destino  
Mais salgado que o do mar.

Dizia ser bela a vida  
Para quem vive a coragem,  
Suportando a dura lida,  
Por esta estranha viagem.

Nunca esqueci a lição,  
Sempre lutei sem ter choro,  
Pois tinha no coração  
O teu encanto e decoro.

Hoje choro, estás ausente  
Embora em mim tão presente!

São Paulo, 15/05/2021

XXIX  
UNIVERSIDADE DE SUZANO

*Para Ruth*

Eu, ontem, proferi uma palestra,  
Na Semana Jurídica da Escola  
E bem sobre você falou a mestra,  
Em fala que p'ra mim sempre consola.

Dos Lentes alegrou-me o belo gesto,  
Pois em mim todo o espaço é de você,  
Nos dias, meu trabalho eu inda empresto  
Até revê-la, enfim, de Deus mercê.

A vida, assim, meu bem, em paz caminha,  
Certo que, no futuro, a reverei,  
Você será de mim, minha rainha  
E eu serei de novo, um novo rei.

No tempo, todo o tempo é do Senhor,  
A Quem eu devo, eterno, o seu amor.

SÃO PAULO, 20/05/2021

XXX  
SUAVE SOFRIMENTO

Eu fiz anos atrás um testamento  
Na pobre voz que em verso me restava,  
Pretendendo entregá-lo, sem tormento,  
A quem tinha, no amor, minh'alma escrava.

De morrer antes dela bem pensava,  
Pois, velho e caminhando a passo lento,  
Companheira de sonhos, linda e brava,  
Queria lhe deixar o último alento.

No livro em que escrevi o documento,  
Dizia já, sem festa o que restava,  
Mas, feliz, por a ter todo o momento.

Hoje, porém, aquela que eu amava,  
Recordo, num suave sofrimento,  
Guardando estes meus versos numa aljava.

SÃO PAULO, 22/05/2021

**O CAÇADOR CAÇADO**  
(2009)

01 de Janeiro de 1952 à 31 de Outubro de 1952.

Tinha 17 anos.

## Prefácio

**E**m 1952, era leitor apaixonado das peças teatrais clássicas de Aristófanes, Esquilo, Eurípedes, Flauto, Terêncio, Racine, Molière e Corneille, todas elas com unidade de ação, de lugar e de tempo.

Decidi, então, com 17 anos, escrever, em rondilhas maiores, uma peça com a tríplice unidade, dela resultando *O caçador caçado*, que continuou manuscrita até encontrá-la entre meus alfarrábios, em fins de 2009.

Formávamos, à época, um grupo de jovens poetas, com ideais que ultrapassavam de muito a realidade. Fundamos, naquele ano, a “Associação de Jovens Artistas», tendo a peça sido escrita para ser representada pelo grupo, o que nunca ocorreu: os vestibulares e os caminhos da vida nos separaram.

Como homenagem àqueles companheiros de sonhos da meninice, publico-a, agora, em edição particular, com saudades que o tempo não fez decrescer e que nem quero que decresça.

Ives

## PERSONAGENS:

ALCEU: um caçador, amante de Marcília

ARNALDO: outro caçador, amigo de João

MARCÍLIA: amante de Alceu, amiga de Laura

CARLOS: amigo de Alceu

JOÃO: amigo de Arnaldo

LAURA: confidente de Marcília

MÁRIO: irmão de Marcília

EDUARDO: empregado de Carlos

PAULO: empregado de Mário

PALCO: a beira de um rio.

ATO I  
Cena I – ARNALDO E ALCEU

ARNALDO

Por favor, tu me respondas  
O que está te acontecendo?  
Tu partes indo p'ra caça  
E voltas sem vir de lá.  
Não foi, por certo, a perdiz  
Que tu andaste preando?  
Será que tem mais valor  
Aquilo que tu caçaste?  
Será que naquelas bandas,  
Onde andaste na manhã  
Existem aves, que ao tiro  
Voando saem pelos céus?

ALCEU

Não vim de lá porque fui  
Inexperiente na caça,  
Amigo que me prescrua.  
Não devia eu responder  
Tuas perguntas ousadas,  
Porém, não sou tão egoísta,  
Que para mim guardar só  
Aquilo, que m' é tão belo,  
Querer eu faço menção.

*(Raciocinando muda de ideia)*

Estava a manhã bonita  
Quando de casa eu saí,  
Do bosque os doces gorjeios  
Para o céu se dirigiam;  
Parecia que do azul  
Luz divina me tocava.

O mais gostoso perfume  
As flores me rescendiam.  
Feliz, em manhã tão bela,  
Tendo n'ombro uma espingarda  
E no braço uma sacola,  
Eu ia, alegre, cantando.  
Entrei no bosque, em que o sol  
Era bem claro e saudável  
As aves todas brincavam,  
Pois chegara a primavera.  
A natureza tão pródiga,  
Que assim doce se mostrava,  
Por completo desmanchou  
As minhas más intenções.  
Resolvi, então, feliz,  
P'ra não perder a manhã,  
Por essas terras fecundas  
Alegre passeio dar.  
Meu amigo, na verdade,  
Alegre passeio dei.  
Duas horas sem parar  
Minhas terras percorri.  
Eis porque daquele lado,  
Por onde não anda a caça,  
Há pouco, cantando vim,  
Sem caça alguma caçar.

ARNALDO (*sorrindo*):

Então, Alceu das caçadas,  
De ares puros teus pulmões,  
Neste dia ensolarado,  
Encheste das tuas terras?

ALCEU (*também sorrindo*):

É verdade o que te digo,  
Por isso até me fez bem.

ARNALDO:

Mas quem, Alceu, é que disse  
Que em você n'acreditava?

*(Há uma pausa)*

Agora eu te vou contar  
O que veio acontecer-me,  
Quando por aquelas bandas,  
Há dias, durante a caça,  
Perdi-me, como um infante.  
Como tu viste, hoje, Alceu,  
Existe por lá um rancho,  
Pousado à beira de um rio.

ALCEU (*empalidecendo*):

Perfeito, meu grande amigo.

ARNALDO:

Pois bem, ó meu caro Alceu,  
Aquilo que lá eu vi ...

*(olhando para o relógio)*

Mas são horas de almoçar  
E inda aqui falando estou.  
Depois, Alceu, eu te conto  
Aquilo que lá eu vi.  
Até logo, caçador.

ALCEU:

Até logo, meu amigo.

*(monologando)*

Anda estranho o nosso Arnaldo

Nestes seis ou sete dias.  
Será qu'ele descobriu  
No bosque a linda Marcília?

Cena II – ALCEU, MARCÍLIA.

MARCÍLIA (*chegando um tanto cansada*):

Alceu, meu querido Alceu,  
Que custo para te ver.  
Saí correndo de casa,  
Enquanto mamãe dormia.  
Temos tido pouco tempo.  
Para que fiquemos juntos.  
Será, meu Deus, que esta vida  
Não nos leve à nossa união?

ALCEU (*olhando-a admirado, sem prestar atenção*):

Como, querida, o teu rosto  
Fica belo, quando rubro.  
Até pareço ver Deus  
O pintando de carmin.

MARCÍLIA (*ficando rubra*):

Por favor, não me elogies  
Não me faças mais corar,  
Pois quando assim tu procedes,  
Eu sinto de ti vergonha.

ALCEU:

Querida, aquilo que é meu  
Eu gosto de admirar,  
Sendo, portanto, tu minha  
Eu quero poder olhar-te.

*(e puxando-a para si)*

Quando ao teu lado, eu me sinto  
Um homem muito feliz,  
Por favor, não queiras ir-te  
Dos braços do teu amante.

MARCÍLIA *(esquivando-se)*:

Inda uma vez eu te peço,  
Meu amado caçador,  
Não me faças, por favor,  
Em frente de ti corar.

ALCEU *(aproximando-se)*:

Porém, Marcília, eu não tenho  
O direito de abraçar  
O teu corpinho de fada?

MARCÍLIA *(corada)*:

Mas... *(atrapalha-se)* oh que pergunta tola!  
Até me parece tu  
Um bebê grande e de colo.

ALCEU:

Sim... querida, porque foi  
Que assim correndo vieste  
Procurar-me, quando nem  
Ao menos tu me avisaste?

MARCÍLIA *(aproximando-se, começa a acariciar-lhe as mãos)*:

Oh... Alceu, tu vais dizer  
Que eu sou boba, sou criança,  
Quando contar-te a verdade.

ALCEU (*rindo*):

Vamos, Marcília, não temas  
O que posso eu te julgar,  
Sabes bem qu'és adorada  
E que nunca foste, ao menos,  
Uma vez só posta em crítica.

MARCÍLIA:

Bem, querido, o que sentia  
Para aqui te procurar,  
Foi uma tristeza infinda,  
Quando de mim tu partiste.  
Senti no peito um aperto  
De mágoa e de solidão.  
Senti no meu coração  
Um prelúdio de desgraça.  
Foi, então, que ao desespero  
A minh'alma se entregou,  
Chorei, talvez, uma hora  
Sem poder me consolar.  
Sentia que me faltava  
Alguma coisa ao meu ser;  
Sentia, querido Alceu,  
Que não estarás comigo,  
Quis assim a todo o custo  
Por estas selvas tão verdes  
Buscar-te, meu caçador,  
E trazê-lo para mim.

ALCEU (*sorrindo feliz*):

Marcília, mas só por isto  
Tu me quiseste buscar?  
Vem cá, querida, me deixe

A tua boca eu beijar

*(e puxando-a, beija-a)*

Como ao cheiro da camélia

Teu hálito se assemelha.

Tua boca pequenina

É manjar só para os deuses.

*(mas ouve algum ruído)*

Querida, eu acho que é bom

Partires sem mais demora.

Alguém de cá se aproxima.

Olha aquele arbusto lá,

Por detrás dele te escondas.

*(temeroso, ainda a beija uma vez)*

Querida, vamos depressa,

Não há mais tempo a perder.

MARCÍLIA *(escondendo-se)*:

Alceu, de aqui de onde estou

Escuto tudo o que dizes.

*(Alceu não mais a ouve, pois olha de onde vem o ruído)*

Cena III – ALCEU, CARLOS, JOÃO.

ALCEU:

Mas que bons ventos os trazem

Por estas plagas desertas?

Não é, por certo, este pobre

Que vieram procurar?

JOÃO:

Não tens, amigo, razão

Pelo que estás me dizendo.

É Carlos que te procura

Desde que surgiu a aurora.

ALCEU:

Mas, por que, Carlos amigo,  
Estás por mim procurando?

CARLOS:

É que eu tenho, caçador,  
Cartas vindas de São Paulo.

ALCEU:

Quando foi, que t'as chegaram?

CARLOS:

Foi hoje pela manhã.  
Sabes quem t'as escreveu?  
Foi Maria branca e bela.

ALCEU:

Quem m'as escreveu, Meu Deus?

CARLOS:

Foi Maria, qu'inda adoras,  
Aquela moça, que um dia  
Eu vi na boca beijar-te.  
*(ao longe, Marcília sai da cena, chorosa)*

ALCEU *(enervando-se)*:

Como Maria escreveu?  
Mas já faz muito que, Carlos,  
Com Maria eu desmanchei.

CARLOS:

Que fazer, se ela escreveu ...

ALCEU:

Mas onde as cartas estão?  
As trazes, Carlos, contigo?

CARLOS:

Naturalmente que sim.

ALCEU:

Então, por favor, meu Carlos,  
M'as entregues que estou louco  
Para lê-las... mas a fome  
É me tão grande, que apenas  
As lerei quando tiver  
Almoçado esta manhã.

CARLOS:

Mas inda não almoçaste?

ALCEU:

Inda não, mas já vou indo.

CARLOS:

Por que não vamos, então,  
Almoçar em minha casa?

ALCEU:

Muito obrigado, mas não  
Irei mais incomodar-te.  
Já chega o grande trabalho.  
Destas cartas, que são minhas.

CARLOS:

Vamos, p'ra que cerimônia.  
Agora, já não mais peço,  
Agora, Alceu, eu exijo.

ALCEU (*notando que Marcília se foi*):

Bem, vamos lá te amolar.

CARLOS (*virando-se para João*):

Vem tu fazer companhia  
Ao nosso almoço em família.

JOÃO:

Muito obrigado, meu Carlos,  
Mas eu já fiz meu banquete.  
E inda mais, meu caro amigo,  
Eu marquei, aqui, no rio  
Encontro com o nosso Arnaldo,  
Que deve estar almoçando.

CARLOS:

Bem, então, nós já nos vamos.  
Até já, meu caro amigo.

ALCEU:

Até já, bom caçador.

JOÃO (*monologando*):

Até já, bom apetite.  
Vamos agora esperar  
O demorado rapaz  
Que deve estar a comer,

Enquanto já cá estou.

Cena IV – JOÃO, ARNALDO

JOÃO (*ouvindo passos*):

Será possível que Arnaldo  
Venha já p'ro nosso encontro?  
Ou devo estar enganado,  
Ou o rapaz se adiantou.

ARNALDO (*chegando*):

Acertaste pelo fim,  
Pois bem mais cedo cheguei,  
Sem mesmo ser esperado.

JOÃO (*rindo*):

Que te saúdem os deuses.

(há uma pausa)

Mas por que, Arnaldo, é que foi  
Que me mandaste chamar?  
Será que é muito importante  
O que tens a me dizer?

ARNALDO:

É muito importante, João,  
Aquilo que vou dizer-te,  
Presta bastante atenção  
E não procures deter-me.  
Tu sabes que trabalhamos  
Em São Paulo, numa indústria  
Eu sou dela o tesoureiro,  
Mas Alceu é o diretor.  
Pois bem, faz pouco que nos

Mandaram chamar, correndo.  
Parece que vis ladrões  
Tentaram nos assaltar.  
Eis porque que ainda cedo  
Temos de cortar as férias.  
Amanhã pela manhã,  
Partiremos p'ra São Paulo.

JOÃO:

É pena, qu'isto aconteça  
No meio de teu descanso,  
Mas sei que são os negócios,  
Portanto, não vou detê-los.

ARNALDO:

Eu venho, também, amigo,  
Por tudo te agradecer,  
Por tua bela mansão,  
Onde vivi junto ao céu.

JOÃO:

Mesmo porque nada fiz,  
E sempre bastante triste,  
Quando chega a despedida.  
Mas dize-me quando partes?  
Tu já compraste as passagens?

ARNALDO:

Sim, amigo fazendeiro,  
Acabo já de comprá-las.

JOÃO:

Mas, então, não almoçaste?

ARNALDO:

Ainda não, camarada,  
Quando eu ia começar  
Lembrei-me de nosso encontro  
Pensando estar atrasado  
Corri de lá para cá.

JOÃO:

Se não tivesse almoçado  
Iria te acompanhar.

ARNALDO (*abstrato, olha qualquer coisa na relva*):

Este lencinho bordado  
De quem será, meu amigo?  
*(abaixa para pegá-lo)*  
Vou guardá-lo para mim  
E quem um dia quiser.  
Reclamar ser sua dona,  
Que venha falar comigo.

JOÃO (*falando mais para si*):

É estranha a aparição  
Deste lenço aqui na relva,  
Mas quem será que o perdeu  
E ainda por tal não deu?

ARNALDO (*olhando o relógio*):

Meu Deus, não foi que esqueci  
O almoço quente na mesa,  
Agora frio já deve  
A minha comida estar.  
Adeus, meu caro colega

Que eu vou, correndo, comer.

JOÃO:

Adeus, eu fico por cá,  
Preciso pensar um pouco.

Cena V – JOÃO, MARCÍLIA

JOÃO:

É pena que já se vão  
Estes bondosos amigos...  
Amanhã eu mandarei  
A carruagem aos dois.

*(há uma pausa)*

Mas quem será que perdeu  
Por este lugar deserto  
Aquele pequeno lenço,  
Que parece ser de fada?

*(vê chegar uma moça).*

O mistério já se aclara,  
Pois lá vem uma menina,  
Quem sabe ser ela a dona  
Do pequenino lencinho.

MARCÍLIA *(chegando)*:

Bons dias, senhor Mateus.

JOÃO:

Bons dias, dona Marcília,  
Que bons ventos a trouxeram  
Por estas plagas desertas.

MARCÍLIA:

Quando aqui, pela manhã,  
Andava com meu irmão,  
Talvez deixei eu tombar,  
Por sobre a relva orvalhada,  
Meu lenço de estimação,  
Que fora dado p'ra mim  
Por meu falecido pai.

JOÃO (*sorrindo*):

Não, senhora, não o vi.  
Talvez o lenço ficou  
Em tua casa guardado.

MARCÍLIA:

Muito obrigado, Senhor.  
Sinto tê-lo incomodado.

JOÃO (*aproximando-se*):

Mas como me incomodou,  
Se sou teu mais fero fã.  
Foi até grande prazer  
Poder falar-lhe a sós.

(*e puxando-a*)

Deixe-me, pombinha agreste,  
A tua boca eu beijar.

MARCÍLIA (*rubra de furor*):

Afaste-se, miserável,  
E não ouse me tocar

(*desvencilhando*)

Homem vil que não respeita  
A honra de uma mulher.

JOÃO:

Como bela, quando rubra  
De furor, tu ficas.  
Deixa-me, minha rolinha,  
A sua boca beijar.

MARCÍLIA (*fugindo*):

Seria lindo se a vila  
Soubesse que o “seu” Mateus  
Tentou, usando da força,  
Ultrajar uma senhora.

*(e some-se).*

JOÃO (*filosofando*):

Esta agora é muito boa  
E com ela n’esperava  
Eu saio para caçar  
E venho de lá caçado.

ATO II  
Cena I – ALCEU, CARLOS

ALCEU (*sentando-se sobre um tronco*):

Parece Carlos, que agora  
Vou ficar um dia inteiro  
Sem querer nada comer.

CARLOS (*encostando-se numa árvore*):

Deixemos de brincadeiras.

ALCEU:

Quem disse estar eu brincando?  
Pensas tu que não comi?  
Eu te digo mais ainda  
Que, além do farto peru,  
Mandei para o meu estômago  
Um bom prato de feijoada,  
Um prato de macarrão,  
Sem contar a sobremesa.  
Parece, pois, que não brinco,  
Se te digo, meu amigo,  
Que não posso mais comer.

CARLOS:

Eu fingirei que acredito.

ALCEU:

Eu não quero me enervar,  
Amigo Carlos do peito;  
Nem mesmo sei eu se tenho,  
Por causa do teu banquete  
As forças para brigar.

CARLOS (*admirado*):

Até parece que, Alceu,  
O vinho que tu bebeste  
O que, bem sei, não foi pouco,  
Subiu a tua cabeça.  
Vamos p'ra que discutir,  
Estás um pouco alterado.

ALCEU (*levanta-se, ofendido*):

Carlos, me sinto ofendido,  
Por aquilo que disseste.  
Intimo-te, Carlos, que  
Retires o que disseste.

CARLOS (*vendo o estado do amigo*):

Alceu amigo, te acalma,  
Pensa bem no que tu dizes.

ALCEU (*caindo em si*):

Desculpa, Carlos, desculpa  
Pelo que estava fazendo;  
Talvez eu bebendo um pouco  
Fiquei um tanto alterado.

CARLOS:

Não foi nada, meu amigo,  
Eu acabo de esquecer  
Tudo aquilo que fizeste...  
Mas afinal caro Alceu,  
O culpado fui eu só  
Que não soube compreender  
Não estar no teu costume

O beber bastante vinho.

ALCEU:

Para provar, meu amigo,  
Que eu não fui indelicado,  
Somente p'ra te acalmar  
Vou te contar um segredo,  
Que ainda ninguém conhece.

*(há uma pausa)*

Tu, que moras nesta vila,  
Deves, talvez, conhecer  
Uma mocinha, que vive  
Ao pé de um lago, no bosque

CARLOS:

É de Marcília que falas?

ALCEU:

Perfeito, é este o seu nome,  
Agora dize-me, Carlos,  
Que sabes a seu respeito?

CARLOS:

Aquilo que sei é pouco,  
Pois não vivo especulando,  
Mas o que dizem na vila  
É somente p'ra elogiá-la.  
Os pilheristas, brincando,  
Chegam a falar que esta moça  
Há de morrer solteirona,  
Pois além de ser tão recatada,  
Não há homem que lhe agrade,  
Porém, na minha opinião

Eu penso que esta menina  
É um exemplo de pureza,  
E se ela até me quisesse,  
Eu com ela casaria.  
Mas acontece que a moça  
Não aceita ninguém não.  
O prefeito desta vila,  
O filho do seu Tônico,  
O senhor João até mesmo,  
Que são aqui nesta vila  
Os senhores maiorais,  
Já pediram desta moça  
A mãozinha em casamento  
Porém, parece que todos  
Receberam negativas.

ALCEU:

Pois bem, caríssimo amigo,  
Prepara-te à uma notícia...  
Sabes tu, querido Carlos,  
Que a mui formosa Marcília,  
Vai comigo se casar.

CARLOS (*espantado*):

Deliras, meu pobre amigo,  
Eu não devia ter dado  
Para beberes meu vinho,  
Pois é um tanto pesado.

ALCEU (*enervando-se*):

Carlos, eu digo e repito  
Que não estou delirando.  
Afim eu não sou moça,

Que apenas bebendo um pouco  
Logo fique transtornada.  
Eu não brinco, mas afirmo  
Amigo meu, de estadia,  
Marcília, se Deus quiser  
Até findar-se este mês  
Será minha para sempre.

CARLOS (*notando que Alceu não brinca*):

Ora, Alceu, bem que acredito  
Em tudo aquilo que dizes

*(e olhando para o lado)*

Se não me engano, é o Arnaldo,  
Que vem com João para cá.

## Cena II – ALCEU, CARLOS, ARNALDO, JOÃO

ALCEU (*recuperado*):

Ei-los que chegam, sorrindo,  
Porém, parece que estão  
Um bocado preocupados;  
Algo terá sucedido?

ARNALDO (*jovialmente*):

Como vão os bons amigos,  
Que como ricos barões  
Colocam-se nesta tarde,  
Alegre de primavera,  
Vivendo como nas nuvens,  
Uma tal sesta gozando  
E talvez mesmo falando,  
Deste humilde amigo, mal.

CARLOS (*brincando*):

Deixa tu de brincadeiras,  
Que o nosso grão caçador  
Em caçar saiu caçado;  
Se caças bem vivas caças,  
Após tê-las devorado,  
Das mortas saiu caçado  
Estirado o pobre está.

ALCEU (*não gostando da brincadeira*):

Não brinques, Carlos, que eu não  
Estou hoje p'ra que agüente  
Insultos de qualquer um.

CARLOS (*rindo*):

Não te alteres, por favor,  
Afinal aqui nós quatro,  
Estamos nos divertindo...

ALCEU (*também rindo*):

Esta bem tu me desculpes,  
Que eu ofender não te quis.  
Agora, Arnaldo do peito,  
O que te trouxe p'ra cá.

ARNALDO:

Tenho a te dar novidades.

ALCEU:

Então?... que estás esperando?  
Solta logo o o teu segredo.

ARNALDO:

Recebeste algumas cartas  
Pelo trem desta manhã!

ALCEU:

Sim, senhor, recebi uma  
E tu nem podes sonhar  
Quem foi que m'a remeteu!

ARNALDO:

Quem foi?... Dize-me, quem foi?

ALCEU:

Maria, a bela menina  
De quem, outrora, gostei.

ARNALDO:

Mas afinal que val'isto,  
Se eu não consigo dizer-te  
Por que vim te procurar...

ALCEU (*confundindo-se*):

É verdade, caro amigo,  
Não quiseste inda dizer-me...  
Diga-me, sim, por favor,  
O que vieste contar,  
Se não nós vamos aos tapas.

ARNALDO (*admirado*):

Mas, enfim, vamos as novas.  
Infelizmente, nós fomos  
Chamados para São Paulo  
O mais rápido possível.

Parece que vis ladrões  
Quiseram nos assaltar.

ALCEU (*espantado*):

E quando vamos partir?

ARNALDO:

Amanhã pela manhã.

ALCEU:

Amanhã pela manhã!  
Mas que será de Marcília,  
Quando de tudo souber?

ARNALDO:

Quem?... que nome me disseste?

ALCEU (*arrependendo-se*):

Desculpa-me, não foi nada.

(*começa a pensar*)

CARLOS (*baixo para João*):

Bem, vou agora levar  
O bom Alceu para casa.  
Dar-lhe-ei bicarbonato  
Para ver se a bebedeira,  
Que tomou no meu almoço,  
Passa logo ...

JOÃO:

Acho melhor.

CARLOS (*alto*):

Alceu, nós temos que agora  
Voltar para minha casa,  
Além de que precisamos  
Preparar o João Bicudo,  
Para que partas em paz

*(há uma pausa).*

Me encarrego da fazenda.

ALCEU *(para Carlos):*

É verdade, meu bom Carlos,

*(para João e Arnaldo)*

Até logo, grande Arnaldo,

E para ti um abraço

Meu amigo fazendeiro.

ARNALDO E JOÃO:

Até logo, caçador.

### Cena III – JOÃO E ARNALDO

JOÃO:

Alguma vez tu já viste  
Nosso amigo embebedado?

ARNALDO *(um pouco pensativo):*

Nunca e jamais o verei.

JOÃO:

Então, Arnaldo, onde estavas,  
Com tua louca cabeça,  
Quando Alceu ao nosso lado,  
Mal podendo se suster  
De tanto vinho tomar,

Insultou não só a ti,  
Como a mim e ao grande Carlos!

ARNALDO:

Pensei que estava brincando!

JOÃO:

Estás hoje alvoroçado...

ARNALDO:

Hum!... Talvez... Nem mesmo sei.

JOÃO (*brincando*):

Em que pensas, sonhador?

ARNALDO (*mudando, bruscamente de feição*):

Tu conheces a Marcília?

JOÃO:

A bela filha do lago,  
Aquele que eu namorar  
Num dia remoto quis?  
E como paga do amor,  
Que alegre lhe declarei,  
Deu-me um tapa sobre o rosto?

ARNALDO:

Isto pouco me interessa  
Sejamos objetivos.  
Responde-me prontamente.  
Tem ela algum namorado?

JOÃO:

Garanto-te que não tem,  
Como talvez não terá.  
Aquilo é erva daninha,  
Que cresce bela na estrada  
E mata, quando comida.

ARNALDO:

Pois bem, amigo, me escuta.

*(há uma pausa)*

Há três dias, quando andava  
Lá pelas bandas do lago,  
Senti marulhar as águas.  
Querendo ver o que havia,  
Das águas me aproximei.

*(há uma pausa)*

Não sabes, meu caro amigo,  
O espetáculo, que eu vi.  
Nadando, nua, singela,  
Mais parecendo uma deusa,  
Incauta Marcília estava,  
Talvez mais bela que Vênus,  
Se tão bela a nossa deusa  
Fosse, enquanto nas cabeças  
Dos antigos existiu.  
Eu fiquei paralisado,  
Perante tal maravilha.  
Ficaria lá cem anos,  
Se cem anos a menina  
Continuasse lá nadando.

*(há uma pausa)*

Na relva, junto de mim,  
Estava a roupa da bela,  
Que encantadora nasceu.

JOÃO (*espantado*):

És, amigo, um felizardo.

ARNALDO (*sem se importar*):

Tive, então, feliz ideia.  
Roubei da roupa escondida  
Uma meia de Marcília,  
Escondendo-me depois  
Por sobre o vasto copado  
De um carvalho secular.

(*nova pausa*)

Precisavas ver que mimo  
Quando Marcília das águas  
O seu corpo retirou.

(*nova interrupção*)

A menina se vestindo  
Deu por falta desta meia,  
Que trago agora comigo.  
Procurou, desesperada,  
A branca meia perdida,  
Por fim bastante cansada  
De ter em vão procurado  
Partiu, chorando, p'ra casa.

JOÃO:

Mas, então, meu bom Arnaldo,  
Que intenção tens tu com ela?

ARNALDO:

Vou propor-lhe casamento.

JOÃO:

E pensas que aceitará?

ARNALDO:

Não sei, mas eu vou tentá-la.

*(pensando um pouco)*

Tu sabes, ó João, que eu acho  
Que o nosso bondoso Alceu  
Por ela se apaixonou!

JOÃO:

Eu sei... e sei qu'este louco  
Deverá desiludir-se .

ARNALDO *(espantado)*:

Mas como o soubeste, João?

JOÃO:

Não viste, então, na conversa,  
Que com ele nós travamos,  
Mencionar o nome dela?

ARNALDO:

Ah! Sim! Tens toda a razão.

JOÃO:

Mas isso, amigo, é o de menos,  
Basta, apenas, que façamos  
Pequena intriga entre os dois.

ARNALDO:

A idéia não é tão má.  
É possível que eu a use.

JOÃO:

Inda mais aquele lenço,  
Que hoje achaste pela estrada,  
Pertence à linda Marcília.

ARNALDO:

E quem isto te contou?

JOÃO:

Foi tua querida amada.

ARNALDO:

Quando se deu esta cena?

JOÃO:

Pouco após teres saído,  
Marcília o lenço buscou.

ARNALDO:

E disseste estar comigo?

JOÃO:

Mas é lógico que não.

ARNALDO:

Ótimo, meu companheiro!

JOÃO (*achando falta de cigarros*):

Eu vou, Arnaldo, buscar  
O meu maço de cigarros.

ARNALDO:

Bem... até já!

JOÃO:

Até já!

Cena IV – ARNALDO

ARNALDO:

Bem, agora, solitário  
Por dez minutos estou.  
Vamos ver se então as musas  
Irão de fato ajudar-me

*(há uma pausa).*

Sejamos objetivos,  
Analisemos os fatos

*(outra pausa)*

Eu amo a bela Marcília,  
Que por contraste solene  
Ainda ninguém amou.

*(nova pausa)*

Talvez seja nosso Alceu  
Seu maior inspirador,  
Porém esta tal hipótese  
É muito vaga e remota

*(nova pausa)*

Alceu, que há muito não ama,  
Desde que deixou Maria,  
É agora apaixonado  
Por esta filha do lago.

*(nova pausa)*

Tratemos, pois, tudo como  
Se este amor já fosse velho,  
Para que assim prevenido  
Esteja para o combate

*(nova pausa)*

Amanhã nós partiremos.  
Eu tenho, portanto, só  
Doz'horas para vencer  
Uma batalha tão rude  
Sobre um frio coração  
E sobre um rival de sorte.  
Mas como diz o ditado:  
"Quem n'arrisca, não petisca".  
É lógico que meu cérebro  
Não sendo fraco, nem débil,  
Irá, por certo, na luta  
Inventar estratégias  
Para lograr o destino  
E para trazer-me a bela

*(nova pausa)*

Mas, enfim, o que fazer?

*(nova pausa)*

"A priori" vou tentar  
Falar sozinho a Marcília.  
Depois desta conferência,  
Por certo, já saberei  
Se ela ama ou não Alceu.

*(nova pausa)*

Caso ame, então, Arnaldo  
Terás de com este amigo  
Conversar a sós devendo,  
Então, intrigas fazer.  
E, por fim, meu grande Arnaldo,  
Depois, de estar tudo urdido,  
Só terás, sim, que colher  
As sementes que brotarem.

*(nova pausa)*

És um gênio, meu amigo  
Agora, vamos às obras,  
Os meus planos atirar

*(nova pausa)*

Parece que lá no fundo  
Eu vejo três cavalheiros  
Para cá se dirigirem

*(fica olhando para o horizonte)*

### Cena V – ALCEU, ARNALDO, JOÃO E CARLOS

ARNALDO:

Eis que chega o maior trio  
De brasílios caçadores

*(mas vendo os três cabisbaixos)*

Alceu, por que cabisbaixo  
Vens encontrar este amigo?

Será que nossa partida  
Abalou-te tanto assim?

Será que as férias cortadas  
Estragaram teu humor?

Vamos, Alceu, nada existe,  
Para que preocupações?

Já tudo foi arrumado,  
Nós só temos que em São Paulo  
Levar o caso à Polícia.

*(para Carlos)*

E tu, meu Carlos potente,  
Por que, também, estás triste?

Afinal, não é, Senhor,  
Esta a derradeira vez,  
Que cá vamos arribar...

*(para João)*

Apenas tu, meu bom João,  
Não restas tão contrariado.  
Qual é a nova tristonha?

ALCEU:

Estás um tanto enganado  
Por pensar ficar chorando  
A partida que chegou.  
Somente estou amolado  
Porque soube pelo Carlos  
Que o feitor desta fazenda,  
Que faz tempo me pertence,  
Acaba de morrer hoje:  
Escorregou do cavalo  
E por ele foi pisado.  
Era um homem tão bondoso,  
Era meu braço direito.

ARNALDO (*temeroso*):  
Mas amanhã temos qu'ir  
E não podemos ficar.

ALCEU:

Mas quem, Arnaldo, é que disse  
Que não vou partir daqui,  
Amanhã pela manhã?

ARNALDO:

E como farás então?  
P'ra manter tua fazenda?

ALCEU:

Vou já mesmo procurar

Alguém que o substitua.

ARNALDO:

E quem pensas arrumar?

ALCEU:

Eu vou em busca de Mário,  
Um saudável rapagão  
E de grande probidade.

ARNALDO:

Ah... sim, irmão de Marcília.

ALCEU:

Mas como o soubeste, Arnaldo?

ARNALDO:

Simpatizo com Marcília  
E sei, pois, que seu irmão  
Possui o nome de Mário.

ALCEU:

Mas, ... Bem isto não foi nada.

CARLOS:

Não temos tempo a perder,  
Pois caso ficamos cá  
Falando, não chegaremos  
A findar nossa procura.

ALCEU:

É verdade, Carlos, vamo-nos,  
Arnaldo e João, até já.

CARLOS:

Até já, caros amigos.

ARNALDO E JOÃO:

Passem bem, meus caçadores.

ARNALDO:

Tu viste, João, como Alceu  
Ficou da cor de jasmim  
Ouvindo o nome da bela.

JOÃO:

Eu notei perfeitamente.

ARNALDO:

Se tudo assim continuar  
Antes destas duas horas,  
Marcília, a bela pombinha,  
Estará nos braços meus.

ATO III  
Cena I – LAURA E MARCÍLIA

LAURA:

O que te aflige, Marcília,  
Para que uma tal tristeza  
Lance seu gremem, querida,  
Neste teu formoso rosto?

MARCÍLIA:

Laura, não é nada não.  
Apenas, estou um pouco  
Indisposta nesta tarde  
E talvez seja, por isto,  
Que notaste estar tão pálida  
Esta tua pobre amiga

*(e se põe a chorar)*

LAURA:

Mas, Marcília, se foss'isto  
Somente a causa de tudo,  
Não irias tu chorar  
Por estares indisposta.  
Vamos, conta tuas mágoas,  
Pois, em contando a uma amiga,  
Por certo, as dividirás.

MARCÍLIA:

Por favor, se queres mesmo  
Ser de mim bondosa amiga,  
Deixa-me sozinha, para  
Que minhas mágoas esqueça.

LAURA:

Estou vendo que Marcília,  
Neste momento em que amigas  
Precisarias, sem dúvida,  
Não sou eu a escolhida.  
Eis porque parto tristonha  
E desejo-te melhoras.  
Até já ...

MARCÍLIA:

Não, não te vás.  
Fica, Laura, que preciso,  
Nas horas tristes de dor,  
Ter uma amiga bondosa.  
Fica, por favor, não vás.

LAURA:

Mas, Marcília, tem alento  
E vamos nós conversar  
Talvez o mal que te abala  
Seja ainda remediável.

*(abraça-a)*

Ó vamos, conta-me tudo.

MARCÍLIA *(quase soluçando)*:

É que Alceu não me ama mais.

LAURA *(confortando-a)*:

Mas como és boba, Marcília,  
Quem é que tal coisa disse?  
Eu sei como o belo Alceu  
Está caído por ti.  
O pobre nem mesmo come

Tanto o amor lhe toma conta.  
Andemos, por que tal drama?  
Pareces inda menina!  
Vai limpar teu belo rosto  
Para falares co'Alceu.

MARCÍLIA (*chora*):

Mas é que, Laura, meu bem,  
Alceu me esteve enganando,  
Pois, apesar de fazer  
Para mim juras de amor,  
Ele tem na sua terra  
A sua noiva o esperando.

LAURA:

Mas, quem é que te contou  
Esta história imaginária?

MARCÍLIA:

Estava escondida atrás  
De uma frondosa nogueira,  
Quando ouvi Alceu e Carlos  
Falarem sobre Maria;  
Alceu tinha recebido  
Cartas vindas desta moça.  
Eu vi, como perturbado  
Ficou, quando recebeu  
Estas cartas, pois sabia,  
Que atrás da grande nogueira  
Esta pobre apaixonada  
Estava tudo escutando...  
Meu Deus, que infelicidade.

LAURA:

Vamos, Marcília, talvez  
Tudo foi mal entendido.

MARCÍLIA:

Queira, Laura, Deus, ouvir-te  
E que esta tua agravada  
Volte a ter, por fim, de novo  
A paz de quando menina.

LAURA:

É claro, amiga bondosa,  
Tudo vai acabar bem.

MARCÍLIA (*enxugando as lágrimas*):

Laura, parece que escuto  
Passos vindos para cá,  
Quem será que nos procura?  
Ou quem será que, no acaso,  
Esteja só vagueando.

Cena II – ARNALDO, MARCÍLIA, LAURA

ARNALDO:

Mas quem por cá, passeando,  
Eu pude, Deus, encontrar!  
Que maior felicidade  
Poderia desejar?  
Vamos, Marcília, saúda  
Ao menos um velho amigo ...  
Mas que? Tu estás chorando?  
Quem foi, conta-me, Senhora,  
Que encheu teus tão belos olhos

Das mais puríssimas lágrimas?  
Responde, minha formosa.

LAURA:

Mas, Senhor, que indiscrição  
De lhe fazer tais perguntas,  
As mais ousadas possíveis!  
Não tens, por certo, o direito  
De dirigires assim  
Para uma moça solteira.

ARNALDO:

Não foi para a senhorinha  
Que perguntei essas coisas.  
Responde-me, sim, Marcília,  
O que está te acontecendo?

MARCÍLIA:

Por favor, Senhor Arnaldo,  
Não queiras atormentar-me  
Mais uma vez com propostas  
De amor e de casamento.  
Deixa-me em paz pelo amor  
Que ainda em Deus tu tiveres.

ARNALDO:

Mas, minha bondosa amiga,  
Quem te disse que estou cá  
Para fazer-te propostas.  
Eu somente te pergunto  
Por que motivo é que choras?

MARCÍLIA:

Parece bastante ousado  
O senhor ao dirigir-se  
Assim para uma Senhora.  
Sabe ao menos que não choro  
Por alguém como disseste,  
Mas mesmo que fosse assim,  
Não seria educação  
Vires a mim perguntar.  
Se queres ser meu amigo,  
Por favor, não me atormentes.

ARNALDO (*para o lado*):

Que bela fera será  
Co'o pobre que a desposar.

(*para Marcília*)

Mas, Senhora, que maneira  
Que te diriges a mim...  
Não vês que é minha amizade,  
Que faz perguntas a ti?  
Quais os males que te afligem?

MARCÍLIA:

Desculpa-me parecer  
Para ti indelicada,  
Mas é que andando no campo,  
Há pouco, levei um tombo  
Que ofendeu-me o tornozelo.

ARNALDO (*à parte*):

Bela mentira me pregas!

(*para Marcília*)

Mas isto, bela Senhora,  
Não há de ser nada não.

*(pausa)*

Parece ser hoje o dia  
Das mais tristezas que tive.

MARCÍLIA:

Por que me falas assim?  
Aconteceu ao Senhor  
Alguma grande desgraça?

ARNALDO *(para o lado)*:

Arnaldo, se tu bem sábio  
E ganha-me esta batalha.

*(para Marcília)*

Senhora, tu não calculas  
O mal que me aconteceu.  
Primeiramente foi que  
De São Paulo tristes cartas  
Recebi... Fomos roubados,  
Tanto Alceu, quanto este pobre  
Por alguns vis salteadores.  
Teremos que amanhã mesmo  
Partir p'ro nosso São Paulo.  
Mas em segundo lugar  
A desgraça é bem maior,  
Pois parece que um amigo  
Para sempre vou perder.

MARCÍLIA:

Mas porque ... ele vai morrer?

ARNALDO:

Pior, ele vai casar-se.

MARCÍLIA:

E eu conheço o teu amigo?

ARNALDO:

Eu não sei ... chama-se Alceu

*(Marcília pálida tomba)*

Senhora, o que aconteceu  
Para que assim tu ficasses?  
Será que disse algo errado?

MARCÍLIA *(levantando-se, ajudada por Laura e Arnaldo):*

Ó não, Senhor, não é nada,  
Apenas tive tonturas  
Por ter perdido algum sangue  
Mas continua e não para.

ARNALDO *(à parte):*

E que é de o sangue, menina,  
De que agora me falaste

*(para Marcília)*

Pois bem este nosso Alceu  
Recebeu cartas saudosas  
De sua amada Maria  
E vai logo desposá-la.

MARCÍLIA *(não mais se agüenta):*

Miserável no que dizes  
Só vejo, Senhor, mentira.

ARNALDO:

Mas, por que digo mentira,  
Minha formosa Senhora?

MARCÍLIA:

Pensas tu que assim apenas  
É que me podes vencer,  
Na luta que tens travado  
Para comigo casares?  
Pois saibas que nunca, nunca  
Contigo me casarei

*(Ao longe chega Alceu, enquanto Arnaldo tenta abraçá-la)*

ARNALDO:

Meu bem, pelo amor de Deus  
Dá-me um beijo tão somente

*(Marcília ajudada por Laura foge).*

### Cena III – ALCEU, ARNALDO E CARLOS

ALCEU *(indignado)*:

Com que direito o Senhor  
Pega Marcília nos braços?

ARNALDO *(calmo)*:

Mas esta é bastante boa!  
Por que não posso Marcília  
Só nos meus braços pegar?  
Por acaso, não sabias  
Ser Marcília minha noiva?

ALCEU *(rubro de furor, dá-lhe um soco)*:

Vil canalha e mentiroso!

ARNALDO *(caído, levanta-se e vai brigar com Alceu, quando surge Carlos)*:

CARLOS:

Parados, peço, parados!  
Qual é a razão da briga?

ALCEU:

Arnaldo abraçou Marcília...

ARNALDO:

Mas Marcília é minha noiva!

ALCEU:

Mentira! Marcília disse  
Que só comigo casava.

ARNALDO ( *fingindo-se furioso*):

Patife, vais me pagar  
Por semelhante calúnia!

CARLOS:

Meu Deus! Silêncio, silêncio.  
Vocês não raciocinaram...  
Será que uma só mulher  
    Irá fazer esta briga  
E que esta bela amizade,  
Que desde a infância nasceu,  
Hoje esteja terminando?  
Vamos, acalmem-se, acalmem-se.  
E tudo irá, meus senhores,  
Voltar ao lugar de origem.

ALCEU:

Desculpa, Arnaldo, ter sido  
Contigo muito grosseiro,

Mas é que a bela Marcília  
Prometeu-me, sim, por Deus,  
Que se casava comigo.

ARNALDO (*fingindo-se triste*):

Por isso que minha noiva,  
Quando hoje eu a fui beijar,  
Ao ver-te, talvez com medo,  
Que tudo se descobrisse,  
Fugiu-me, sem mais, sem menos,  
Não dizendo onde ela iria.

ALCEU:

Mas é que, Arnaldo, Marcília  
Prometeu ser minha esposa  
E mesmo, amigo, a menina  
Me deixa sempre beijá-la.

ARNALDO (*dá um pulo*):

O que, Senhor, tu deliras?  
Marcília, já te beijou?  
Mentira! .... oh! isto é mentira!

ALCEU (*começa a alterar-se*):

Beijou, sim, mas quem, Senhor,  
Me garante que não mentes?  
Estás blefando, canalha!

CARLOS:

Ó vamos, vamos, acalmem-se!  
Por que por uma mulher  
Estão os dois a brigar?  
Silêncio, silêncio, vamos!

ARNALDO:

É verdade, Alceu, desculpa  
Estar sendo indelicado,  
Afinal não tens tu culpa  
Se Marcília procurou-te.  
Somente, amigos, fui eu  
Que mais logrado fiquei

*(há uma pausa)*

Vou lhes contar um segredo  
Que só Marcília conhece,  
Além de mim, o que é claro;

*(fazendo-se triste)*

Marcília, fez já três dias  
Dizendo ser esta a prova  
De que me amava bastante,  
Veio passar uma noite  
No meu leito de solteiro.  
Lembrar um tal devaneio,  
Eu não quero. Fui um louco.  
Descrever esta ventura,  
Seria doidice apenas.

*(há uma pausa de expectativa)*

Esqueceu, então, Marcília  
A meia que trago aqui  
E que lhes vou já mostrar.  
Ei-la! Que tal lhes parece?

ALCEU:

É de Marcília esta meia,  
Nem há dúvida, bem sei

*(sente-se desfalecido)*

Mas, Arnaldo, que loucura,

Como sou tão desgraçado!

ARNALDO:

Depois desta noite, Alceu,  
É que o mais ardente amor  
Nasceu no meu magro peito.  
Aquela mancha vermelha  
Do tamanho de uma abelha,  
Que ela num seio possui,  
Fazendo-a tão tentadora,  
Acabou por ter vencido,  
Toda a minha exaltação.

*(há uma pausa)*

Iria casar-me em breve...

*(há uma pausa)*

Já dei-lhe um rico colar,  
Aquele que de São Paulo  
Eu trouxe p'ra minha tia.  
Como presente, Senhor,  
Recebi este lencinho,  
Que Marcília diz valer  
Mais que toda a sua vida.

*(tira e mostra o lenço)*

ALCEU:

Meu Deus! Este lenço branco  
É de Marcília a maior  
Relíquia, que possuía.  
Foi dado pelo seu pai,  
Quando este ainda vivia.  
Desculpa-me, Arnaldo, sim  
O ter de ti duvidado.  
Imagina que vil era

Este meu ser, pois ingrato  
Com o seu mais velho amigo  
Acabo de parecer.  
E tudo isto aconteceu  
Por uma mulher apenas.

ARNALDO (*fingindo-se contrariado*):

Mas, Alceu, nada te culpo.  
A culpa foi de Marcília.  
Não sabes, quanto é tristeza,  
No dia do meu noivado  
Já duvidar da mulher.  
Perdoem, amigos meus,  
Se eu já me vou indo embora.  
Eu ia comprar agora  
A passagem de Marcília,  
Mas depois destas verdades  
Eu nem sei o que fazer

ALCEU:

Até já, feliz noivado.

CARLOS:

Sim, até logo.

ARNALDO:

Até logo.

Cena IV – ALCEU, CARLOS.

ALCEU:

Eu mal posso acreditar  
Nisto que acabo de ouvir,

Não é possível, não é  
Possível, bondoso Carlos.  
Parece que estou sonhando  
E que tudo o que passou  
É brincadeira sem gosto.  
Mas que desgraça tão grande  
Acaba de acontecer...  
Marcília... Mas quem diria  
Que Marcília a tão formosa  
Menina que só me amava  
É noiva do bom Arnaldo...  
E como fui eu logrado,  
Como fui, amigo Carlos.  
Ó, por Deus, que eu te prometo  
Que de agora em diante não  
Mais falo com vis mulheres  
*(esgotado, senta-se)*

CARLOS:

Alceu, acalma-te, sim...  
Não há razão para tanto.  
Vejamus tudo, com calma,  
Talvez mesmo o bom Arnaldo  
Esteja brincando apenas.

ALCEU:

Não permito que duvides  
Do meu velho amigo Arnaldo,  
Conheço-o desde criança,  
Sabendo que para mim  
Não é capaz de mentir.  
Inda mais, bondoso Carlos,  
Aquele lenço, que tem,

Quando era da vil Marcília  
Dizia-me que somente  
Daria aquele lencinho  
Para aquele que num dia  
Fosse para o altar com ela.  
Maior prova não existe  
De que o felizardo Arnaldo  
Não mentiu para nós dois.

CARLOS:

Bem, desde que foi banida  
Esta minha prima hipótese,  
Contentemo-nos, Alceu,  
Com a segunda, que manda  
Aceitarmos tudo, calmos,  
Desde o momento, Senhor,  
Que aquilo que Deus constrói  
É melhor do que o que nós  
Podemos cá construir.

ALCEU:

Mas isto é terrível, Carlos,  
É bem mais do que terrível.  
Isto, Meu Deus, torna crime,  
Ser assim tão tristemente  
Enganado por alguém,  
Que se dizia p'ra sempre  
Unida a este pobre ser  
Pelo mais profundo amor.

CARLOS:

Mas isto, Alceu, acontece.  
E ainda mais eu te digo

Que tudo o que passou hoje  
Será dentro de dois meses  
Completamente esquecido.

ALCEU:

Não sei, bom Carlos, não sei  
Aquilo que eu vou fazer...  
Sinto que a graça da vida  
Foi para sempre roubada...  
Fui roubado, Meu Senhor,  
Terrivelmente roubado.

CARLOS:

Isto, amigo, não é nada  
E eu te garanto que passa.

ALCEU:

Bem, meu Carlos, eu já vou,  
Pois, talvez, que, em por aí  
Andar só filosofando,  
Esqueça estas minhas mágoas,  
Que tão profundas parecem.

CARLOS:

Queres que eu ande contigo?

ALCEU:

Não, não, Carlos, obrigado.  
Eu prefiro tão sozinho  
Andar por estas florestas  
Do que andar acompanhado,  
Pois apesar de tu seres  
O meu mais sincero amigo,

Eu prefiro mesmo assim  
Não ter consolo de ti,  
Pois que o teu puro consolo  
Aumentaria esta dor.  
Adeus, meu bondoso amigo.

CARLOS:

Adeus, infeliz amante.

Cena V - CARLOS

CARLOS (*só*):

Eis-nos agora sozinhos,  
Meu Carlos, só eu e tu,  
Pois nesta complicação  
Para melhor nos salvarmos  
Só resta a meditação.  
Meditemos, meditemos...

*(há uma pausa)*

Arnaldo diz que está noivo  
Da mui formosa Marcília.  
Pode ser. Não sou profeta,  
Mas, por Deus, que bem daria  
A minha jovem cabeça  
A quem quisesse cortá-la,  
Se, na verdade, Marcília  
É noiva deste malandro.  
Ora, se não for Arnaldo  
O tal noivo da menina,  
Por certo, que está blefando

*(nova pausa)*

Tomemos todas as provas  
Arnaldo não tinha aliança,

Agora quando falava.  
Se, na verdade, Marcília  
Está noiva deste amigo,  
Não tinha nada a temer  
Do nosso infeliz Alceu.  
E se Marcília fugiu,  
Por que o fez tão ajudada  
Da formosíssima Laura?  
Por certo, que nossa amiga  
Estava querendo, sim,  
Desvencilhar-se de Arnaldo.  
Ora, Carlos, concluindo  
Não se parecem dois noivos.  
Neste mato bem que há lebre

*(há nova pausa)*

Agora, se Alceu soubesse  
Destas minhas deduções  
Tenho certeza qu'iria  
Ficar muito satisfeito

*(há nova pausa)*

Mas acontece que o lenço  
Que o nosso Arnaldo possui  
Fala mais que qualquer prova.  
Portanto, p'ra que desvende  
Este mistério aloucado  
Preciso será que, Carlos,  
Tu tenhas de agir sozinho.  
Agora só me interessa  
Saber que papel Marcília  
Teve ao entrar nesta encrenca.  
Por certo o de uma inocente,  
Nas mãos de um lobo manhoso.  
Bem, meu Carlos, o melhor

Que tens a fazer agora  
É procurar nosso Arnaldo  
E segui-lo sem ser visto.

ATO IV  
Cena I – ALCEU E CARLOS

ALCEU:

Bem, Carlos, já chega a tarde,  
É necessário partir;  
Tenho muito que fazer:  
Malas, negócios, bilhetes  
Andam cá me atormentando  
Muito, amigo; te agradeço  
Teres depois do incidente  
Que com Arnaldo fiz eu,  
Ainda me consentido  
Acompanhar, consolando  
Minhas mágoas, se assim são.

CARLOS:

Prefiro nada dizer  
E em nada me contrapor,  
Que seja, em tua vontade.  
Vou ficar perambulando  
Por estes matos tristonhos.  
Talvez, como nada fosse,  
Vá mesmo por sobre o monte  
Ver sumir o sol soberbo.  
Até já, meu grande Alceu.

ALCEU:

Até já, Carlos. Adeus.

*(sai, mas volta)*

De nada desconfiaste  
De aquilo que Arnaldo disse?

CARLOS:

Para ser franco contigo,  
Aqueles lorotas todas  
São-me um pouco duvidosas.  
Primeiro de ser, Marcília  
Sua noiva é problemático,  
Segundo o de ter Marcília  
Dormido com ele a noite,  
É me quase inverossímil.  
Porém, o lenço que tem  
E aquela meia da bela  
São provas quase cabais.

ALCEU:

O lenço é prova terrível,  
Porém o que me amortalha  
É aquele pé de uma meia,  
Que eu sei ser, sim, de Marcília.  
Bem, Carlos, o que interessa  
É não perder mais meu tempo  
Com este caso tamanho.  
Até foi bom, se pensarmos,  
Eu quase fui enlaçado  
Por esta bela cabocla,  
Aqui, nos campos tão verdes,  
Sem saber o que levava.  
Pensando bem, me entristece  
Saber que um dos meus amigos  
Está para sempre quase  
Preso à vida, em tirania.

CARLOS:

É melhor seres, Alceu,

Como a vida te modela.  
Confortemo-nos, sabendo  
Qu'outros, talvez, sofram muito  
Mais do que nós já sofremos.

ALCEU:

Assim a vida é, meu Carlos,  
É o sofrer descompassado,  
Que nos governa impassível.  
E que vale o choro triste,  
Se este choro não consola?  
Mas, amigo, o que entristece-me  
É saber Marcília bela  
Uma reles caça-dotes.  
Que fazer, porém, ainda?  
Adeus, Carlos.

CARLOS:

Até logo

*(monologando)*

Belo embaraço é que veio  
Neste encerrar de umas férias  
Atrapalhar meus amigos.  
Enfim, talvez até a noite  
Tudo esteja resolvido.  
Mas quem lá vem vindo, em cima...  
É, sim, Marcília com Laura.  
Quem me poderá dizer  
Qu'isto não seja, Meu Deus,  
Talvez a Mãe Providência...  
Quem sabe se eu encontrei  
Por fim o fio de Ariadne?  
Vou me esconder neste arbusto

*(escondendo-se)*

Cena II – CARLOS, MARCÍLIA E LAURA.

LAURA:

Marcília, por que soluças?  
Eu digo não vale a pena  
Estares gastando lágrimas  
Por um homem sem moral.

MARCÍLIA:

Mas que fazer, boa Laura,  
Se não consigo parar  
O meu tristíssimo pranto.  
Por que, Meu Deus, sim por que  
Fizeste me amar alguém,  
Fizeste-me ter ventura  
Para perdê-la tão cedo?  
Se viver no esquecimento  
Fosse tão duro depois  
De se ter amado tanto,  
Talvez somente co'a morte  
Encontrarei minha paz

*(põe-se a chorar)*

LAURA:

Ó vamos, Marcília, vamos  
Não chores mais, por favor.  
Quem sabe, minha Marcília,  
S'isto até não foi melhor.  
Quem sabe, se não foi Deus  
Que fez Arnaldo contar-te  
O que, na verdade, Alceu

Considera-te, meu bem.

*(abraça-a)*

CARLOS *(sem ser visto)*:

Bem que eu tinha sim razão,  
Quando vi que nesta mata  
Havia lebre e das grandes.

LAURA *(continuando)*:

Alceu, jamais te queria  
Para sua própria esposa.  
Se quisesse já teria  
Contigo casado, sim.  
Enfim parece que Deus  
Neste caso interferiu.  
E como parte amanhã,  
Sabendo ser tão amado,  
Não te pedisse, Marcília,  
Tua verde virgindade.

MARCÍLIA *(corada)*:

Oh! Laura, que linguajar  
É este que tu me lanças.  
Sabes tu que mesmo amando  
O quanto Alceu tanto eu amo,  
Jamais iria eu dormir  
Com Alceu se não após  
Ser dele esposa por lei.

CARLOS *(sem ser visto)*:

Pobres de nós que não vimos  
A falsidade em Arnaldo.

LAURA:

Mas, Marcília, eu não duvido  
De seu pudor, que é tão grande.  
Apenas, querida amiga,  
Eu aventei esta hipótese,  
Perdoa-me, por favor.

MARCÍLIA:

Bem, Laura, é que tão nervosa,  
Estou como nunca estive.  
Como iria eu perceber  
Estar nos braços de um homem  
Qu'irá casar-se em São Paulo,  
No mês vindouro com uma  
Moça chamada Maria?

CARLOS (*sem ser visto*):

Bem que vi que nosso Arnaldo  
Tramou bem um plano vil.  
Esperemos pelo resto.

LAURA:

Agora, o que está já feito  
Feito está e já passado.  
De ora, pensemos, em diante.  
Fugir de teu falso Alceu,  
Como também deste falso  
Indivíduo, que é o Arnaldo.  
Mudando de assunto, amiga,  
Achaste o teu branco lenço?

MARCÍLIA:

Não, não achei, minha amiga.

Apenas lembro-me de  
Tê-lo, quando com Alceu  
Conversei esta manhã.  
Talvez o tenha perdido,  
No campo ou mesmo, quem sabe,  
Se o próprio Alceu não levou,  
Como uma prenda do jogo.

*(põe-se a chorar)*

LAURA:

Marcília, se tanta dor  
Te faz sofrer hoje, à tarde,  
Não faltará muito para  
Que eu, também, chore, querida.

MARCÍLIA:

Que boba sou eu, sofrendo,  
Estou por quem tal não vale.  
Laura, uma idéia me veio.  
Talvez o lenço repouse  
Por sobre o banco da quinta,  
Aquele, que está coberto  
Por uma grande mangueira.

LAURA:

Eu vou, então, lá buscá-lo,  
Pois, assim, esta tal dúvida,  
Não mais irá torturá-la.  
Até já.

MARCÍLIA:

Laura, até já.

CARLOS (*sem ser visto*):

Bem que disse ao pobre Alceu,  
Que Arnaldo o tinha logrado.  
Somente resta um mistério  
Para ser solucionado,  
Que é o mistério da meia.  
Mas eis que estou percebendo  
Arnaldo vindo p'ra cá.  
Não sabes inda, tratante,  
Estar tudo descoberto.

Cena III – CARLOS, MARCÍLIA E ARNALDO.

ARNALDO (*sem ver Marcília*):

Só me falta desfrutar  
Da trama que armei a todos.  
Eu sou, não duvido, não  
Um caçador tão notável,  
Construtor da própria rede.

*(para espantado)*

Mas quem vejo, Meu Senhor,  
Será sonho por acaso?

*(esfrega os olhos)*

É Marcília e solitária.  
Não há dúvida que a sorte  
Hoje está p'ra me ajudar.  
Só me falta para que  
Feliz fosse a vida inteira,  
Que Marcília, minha esposa,  
Livramento, ser quisesse.  
Mas agora, estando só,  
Não há dúvida, que, Arnaldo,  
Já venceste esta caçada.

Partamos atrás da caça.

CARLOS (*sem ser visto*):

Inda verás, grande Arnaldo,  
Que um caçador a caçar  
Deve temer, temer muito  
A própria rede que armou,  
Para nela não tombar.

ARNALDO (*chegando a Marcília, quer abraçá-la*):

Querida minha...

MARCÍLIA (*repelindo-o*):

Canalha!

ARNALDO:

Que ferinha estás, Marcília!!!  
Por que, Marcília, por que  
Não queres casar comigo?  
Em São Paulo terás carro,  
Casa grande com criadas,  
Vestidos belos, amor,  
Enfim, tudo o que quiseres  
Terás, sendo minha esposa.

MARCÍLIA:

Antes morrer duas vezes  
Que contigo me casar.

ARNALDO:

Pois bem, tu, pombinha, esperas  
Casar-se co' o magro Alceu?  
Pobre iludida que estás!

Alceu contigo brincou.  
Sabes mais, querida amiga,  
Que se não casares tu  
Comigo, por certo estás  
Para sempre desgraçada.

MARCÍLIA (*sarcástica*):

Por acaso, tu me matas?

ARNALDO (*calmo e sorrindo*):

Não, apenas, queridinha,  
Eu mostro esta tua meia,  
Como este pequeno lenço  
Para a aldeia, em que vivemos.  
Direi, Senhora, que um dia  
Dormiste no quarto meu  
E que um descuido qualquer  
Fez esquecer-te esta meia.  
No meu leito de solteiro.  
Quanto ao lenço, bem direi  
Ser ele a prova cabal  
De que me adoras e tanto,  
Pois me deste este lencinho,  
Como presente de amor.

MARCÍLIA:

Canalha!... Como foi que  
Conseguiste minhas coisas?  
Ladrão, ladrão descarado,  
Devolva-me tudo aquilo,  
Que roubaste em minha casa.

ARNALDO:

Que bobinha és, minha pomba ...  
Queres comigo casar-te?

MARCÍLIA:

Nunca, canalha, jamais.

ARNALDO:

Pois bem, todos cá irão  
Conhecer a minha história.

MARCÍLIA:

Ninguém acreditará.

ARNALDO (*rindo*):

Veremos... Talvez a minha  
Proposta poupe tamanho  
E descabido falar.

MARCÍLIA (*furiosa avança*):

Tu mereces apanhar!

ARNALDO (*abraça-a como louco*):

Já que não queres ser minha  
Por bem, por mal serás minha.

MARCÍLIA (*lutando*):

Socorro, meu Deus, socorro.

Cena IV – CARLOS, MARCÍLIA, ARNALDO E MÁRIO.

MARIO (*chega neste instante*):

Quem é que grita tão doida,  
Como estando perseguida?

*(olhando vê Marcília)*

Ó, Meu Deus, é minha irmã,  
Que está sendo violentada!

MARCÍLIA *(vendo Mário):*  
Socorro, Mário, Socorro!

ARNALDO *(vendo-o quer fugir):*  
Oh!...

MÁRIO *(derrubando-o com um soco, prende-o):*  
Canalha...

ARNALDO:  
Ai.

MÁRIO:  
Cão!

ARNALDO:  
Perdi-me.

MÁRIO:  
Que foi, mana, que este homem  
Queria fazer contigo?

MARCÍLIA *(chorando):*  
Ele queria beijar-me,  
Como quer me difamar.

MÁRIO *(dando um murro em Arnaldo):*  
É verdade o que ela diz?

ARNALDO:

Vi... larga-me, se não eu  
Não consigo dizer nada.

MÁRIO:

Fala, pois, seu vil canalha!

ARNALDO (*afoitamente*):

Sua irmã passou comigo  
Uma noite e prometeu-me  
Ser hoje, minha senhora.

MÁRIO (*estupefato*):

Mas que, Marcília, é verdade?

MARCÍLIA (*chorando*):

É mentira, Mário, crê-me.

ARNALDO:

Olha cá um pé de meia.  
Que prova, Mário, o que digo  
É nada mais que a verdade.

MÁRIO (*avança contra Marcília*):

Vil mulher! Sai tu daqui!

(*e vai espancá-la*)

ARNALDO (*aproveitando, tenta fugir*).

Cena V – CARLOS, MARCÍLIA, ARNALDO, MÁRIO E  
LAURA.

CARLOS (*segurando o fujão*):

Silêncio, amigos, silêncio.

*(todos param)*

MARCÍLIA *(suplicante)*:

Ó Carlos, meu Carlos, salva-me,  
Por nossa pura amizade,  
Somente tu neste instante  
Pode acalmar meu irmão.

CARLOS *(com um gesto pede silêncio)*:

Eu, Mário, sou teu amigo  
Há muito tempo, bem sabes.

MÁRIO:

Não discuto, Carlos, isto.

CARLOS:

Pois bem, amigo, ouvi tudo,  
Que este Arnaldo disse a minha  
Formosa amiga Marcília.

*(Arnaldo empalidece)*

Mas antes vou te contar  
O que Arnaldo fez conosco  
Nesta tarde de domingo.  
Alceu, Mário, é teu patrão,  
Desde há momentos, não é?

MÁRIO:

É verdade o que me dizes.

CARLOS:

Pois bem, Alceu, quis casar-se  
Com tua irmã, este mês;

Porém quando foi fazer  
À tua mãe o pedido,  
Este cão que bofeteaste  
Contou ser Marcília amante  
Sua já faz muito tempo.  
Alceu ficou tão batido  
Que não quis com ninguém mais  
Falar desde o sucedido.  
Mas não ficou nisto a ação  
De Arnaldo, que p'ra Marcília  
Disse que Alceu se casava,  
Quando fosse p'ra São Paulo,  
Com uma moça, Maria,  
Bondosa amiga de Alceu,  
Que lhe mandou uma carta  
Esta manhã, convidando-o  
Para a comemoração  
De seu feliz casamento  
Com um coronel do Exército.

MARCÍLIA:

Ó bom Carlos, eu não creio  
Em tanta alegria junta.

MÁRIO:

Mas, amigo, não contaste  
De onde veio o pé de meia.

CARLOS:

Acontece que há momentos,  
Passando cá, solitário,  
Vi Marcília vir chegando  
Acompanhada de Laura.

P'ra não ser visto escondi-me  
Atrás deste belo arbusto.  
Ouvi Marcília chorar  
Saudades do nobre Alceu.  
Foi quando Laura voltou  
Ao rancho, à beira do lago,  
Que este Arnaldo cá chegou.  
Quis propor o casamento  
À Marcília, porém como  
Nada dela conseguiu  
Lançou mão do stratagem.  
Que usou, Mário, contra Alceu.

LAURA (*chega*):

Marcília amiga, o teu lenço  
Não consegui encontrar.  
Tua mãe, porém, Marcília,  
Está bastante amolada,  
Pois a tua meia branca,  
Que lavou esta manhã  
Foi roubada do varal.

ATO V  
Cena I – CARLOS E EDUARDO

CARLOS:

Eduardo, bom amigo,  
Tu conseguiste encontrar  
Alceu em minha fazenda?

EDUARDO:

Meu Senhor, não foi possível  
Encontrá-lo em sua casa.  
Mas eu fui até o bar,  
Que fica em frente à fazenda  
Do bondoso amigo Alceu.  
Alceu lá não mais estava,  
Soube, entretanto, de Paulo,  
Aquele velho caixeiro,  
Que, desconsolado, Alceu,  
Não podendo se suster,  
Resolveu fugir daqui,  
Nesta tarde ensolarada.  
Deverá partir no trem,  
Que aqui chega pelas seis.

CARLOS (*olhando o relógio*):

Pois chega o trem às 6 horas?

EDUARDO:

Perfeito, meu bom patrão.

CARLOS:

Faltam justamente cinco  
Minutos p'ra qu'ele chegue.

Vamos, amigo, não percas  
Mais tempo, em cá conversar.  
Vê se o alcança inda agora  
E não o deixes partir.

EDUARDO:

Até já, patrão.

CARLOS :

Até...

*(monologando)*

Bem veremos, Senhor Carlos,  
O que deve acontecer  
Quando o nosso grande Alceu  
Souber das novas felizes.  
*(olhando adiante vê João e Mário chegando)*  
O João vem junto com Mário  
Arribando nestas bandas.  
Terão, por certo, notícias.  
Esperemos p'ra saber.

Cena II – CARLOS, JOÃO E MÁRIO.

MÁRIO:

Meu bom Carlos, encontrei,  
Quando vinha para aqui,  
Este meu amigo velho,  
Que é de Arnaldo companheiro.  
Talvez nos explicará  
As causas destes boatos,  
Que correram por aí  
Sobre minha irmã Marcília.

JOÃO:

Até pareces, meu Mário,  
Estares me intimando!

CARLOS:

Que estupidez, meus amigos,  
O que é feito, feito está.  
Entretanto, caro João,  
Que te disse o “grande Arnaldo”?

JOÃO:

Apenas me disse o “grande”  
Que uma vez, quando de tarde  
Pelo lago passeava,  
Viu Marcília fresca e nua  
Banhando-se n’água pura.

MÁRIO:

Que te disse o canalhão?

JOÃO:

Aquilo, meu caro Mário,  
Que acabaste de escutar.

MÁRIO:

Bem te dissera, Meu Carlos,  
Que este Arnaldo era um estúpido.  
Imagina assim falar  
Da honra de uma mulher,  
Inda mais, quando bem sei  
Que Marcília jamais foi  
No lago banhar-se nua,  
Pois ela, meus bons amigos,

Teme as cobras como aos sapos

*(há uma pausa)*

Mas a meia, caro João,  
Como foi qu'ele arrumou?

JOÃO:

Disse-me ele que, no dia  
Que no banho tua irmã  
As formas nuas banhava,  
As roupas brancas da bela  
Sobre as margens, descuidadas,  
Vira perto de si mesmo.  
Roubou-lhe, então, uma meia.  
Disse mais o meu amigo,  
Que tua irmã ao se ver  
Pilhada de um pé de meia,  
Pôs-se triste a soluçar.

MARIO:

Quanta mentira, meu Deus,  
Imaginar minha irmã  
A chorar um pé de meia.

CARLOS:

Em resumo, bons amigos,  
Onde estará meu Arnaldo?

MÁRIO:

Dei a Paulo, que o segura  
Preso em minha moradia.  
Quando Alceu aqui voltar  
Veremos o que fazer.

CARLOS:

Pois olhem que lá vem ele.

Cena III: CARLOS, JOÃO, MÁRIO, EDUARDO E ALCEU

ALCEU:

O que, meus amigos, houve  
Para impedirem-me assim  
Que partisse destas terras?  
Que diabo! Não sou eu  
O senhor do meu nariz?  
Este infeliz fez-me à força  
Sair do trem, que partia,  
E cá me trouxe arrastado,  
Como sendo um animal.  
Afinal! O que há de novo?  
Se não forem boas novas  
Eu juro, por minha vida,  
Que pagará cada um.  
Inda mais as minhas malas  
Foram no trem p'ra São Paulo  
E penso ser bem provável  
Que não mais as encontrarei.  
Falem, senão eu estouro.

CARLOS:

Mas que fizeste, Senhor,  
Senão estourar comigo.  
Escuta em silêncio e diz-me  
Se valeu ou não a pena  
Perder três malas de roupas

*(há uma pausa)*

Gostavas tu de Marcília?

ALCEU:

Pouco m'importa isto agora  
E se, em verdade, és amigo  
Dest'outro amigo marcado,  
Não toques mais, por favor,  
No nome desta mocinha.

CARLOS:

Pois bem, para te amolar  
Vou nela falar agora  
Ouve...

ALCEU:

Que assim seja... Fala.

CARLOS:

Arnaldo, o teu grande amigo,  
Que dizes nobre e sincero,  
Que foi teu sócio em São Paulo  
E que, chorando, contou-te  
Que era amado por Marcília,  
Pois bem, amigo, este Arnaldo  
É sim um bom mentiroso.

ALCEU:

Que?

CARLOS:

Sim é verdade, Alceu.  
Sabes tu o que te disse  
Aquele grande tratante  
É tudo mentira, é tudo.

*(há uma pausa)*

Marcília jamais o amou  
E quando o senhor a viste  
Estava sim debatendo  
Para fugir deste Arnaldo.  
A história que te contou  
Este grande mentiroso  
É comovente, mas falsa.  
Marcília jamais dormiu  
No seu leito de solteiro.

ALCEU:

Mas é...

CARLOS:

Silêncio que falo.  
A meia que te mostrou.  
Foi roubada do varal  
Da casa do lago à tarde.  
E o lenço que possuía  
Fora achado esta manhã  
Neste local por Arnaldo  
E pelo amigo que é o João.

ALCEU:

Ai, amigo, isto dizendo  
Morro de felicidade!

CARLOS:

Mas inda não acabei  
Este romance pungente.  
Arnaldo disse querer  
Casar-se com a Marcília.

Par'ela inventou, portanto,  
Um'outra grande mentira.  
Disse-lhe que tu partias  
Para São Paulo amanhã  
Tão somente porqu'irias  
Casar-te com a Maria.

ALCEU:

Com Maria?

CARLOS:

Com Maria!

ALCEU:

Grande pilantra era aquele.  
Bem merecia apanhar.  
Mas chegando eu em São Paulo  
Vou demiti-lo do posto,  
Que ocupa junto de mim.

MÁRIO:

Eis que chega a turma inteira.

Cena IV – CARLOS, JOÃO, MÁRIO, ALCEU,  
EDUARDO, MARCÍLIA, LAURA E PAULO

JOÃO (*sem ser escutado*):

Agora, sim, é que as coisas  
Ficam pretas p'ro meu lado.

CARLOS:

Bem, amigos, estão cá  
Todos estes personagens

Do nosso pungente drama.

*(há uma pausa)*

Porém Arnaldo que é dele?  
Onde, meu Paulo, o deixaste?

PAULO:

Bem, meu patrão, a questão  
É me bastante difícil  
Cá te poder explicar,  
Principalmente porque  
Duas moças são presentes.

MÁRIO:

Deixa tu de circunlóquios  
E conta o que aconteceu.

PAULO:

Bem, Mário, sabes tu  
Que sou forte, mas não muito  
E que ficando de guarda...  
Eu... então... ah sim me lembro  
Parece... o que... bem... não sei.

MÁRIO:

Fala sem tu te perderes.  
Enfim o que sucedeu?

PAULO:

Afinal sucedeu isto:  
Arnaldo acertou-me em cheio  
No rosto um belo direito,  
Que beijei sem ter querido  
O duro chão da fazenda.

Depois largou a correr  
Que quando eu atordoado  
Levantei-me para que  
Perseguisse-o inda meio  
Tonto pelo forte golpe,  
Não mais o vi... Que fazer?

MÁRIO:

E todo este corpo, amigo,  
Tombando frente a um raquítico!

PAULO:

Foi por isto que eu não quis  
Contar-te o que aconteceu.

MÁRIO:

Bem, não faz mal, caro Paulo.

CARLOS:

Mas, enfim, todo este drama  
Feito foi pelos dois pombos,  
Que estando entre nós, ainda  
Permanecem taciturnos.  
Vamos, belos, qu'inda esperam?

ALCEU:

Marcília, soubeste tudo  
Que entre nós aconteceu?

MARCÍLIA:

Sim, Alceu, soube de tudo

ALCEU:

Não restas mais ressentida  
Comigo, linda menina?

MARCÍLIA:

Não, Alceu, não mais estou.

ALCEU:

Queres ser minha senhora?

MARCÍLIA (*baixando a cabeça*):

Sim, se assim tu o quiseres.

ALCEU:

Pois bem, meu amigo Mário,  
Eu peço-te, agora, a mão  
De Marcília... Tu consentes?

MÁRIO:

Que dúvida, Alceu, que dúvida.

ALCEU:

Desde agora és minha noiva.  
Irei amanhã embora,  
Mas dentro de uma semana  
Estarei eu cá de volta.  
E, então, Marcília formosa,  
Serás minha para sempre.

PAULO, JOÃO, CARLOS, MÁRIO, LAURA E EDUARDO:

Bravos, meus amigos, bravos.

CARLOS:

Bem vamos comemorar

O dia na minha casa:  
Todos vamos para lá.

JOÃO:

Eu não posso, amigo Carlos,  
Tenho qu'ir à minha casa,  
Que me esperam às seis horas.

PAULO:

E eu também, meu grande amigo,  
Mas, enfim, depois talvez  
Por lá inda dê as caras.

MÁRIO:

Então, amigos, espero.

#### Cena V – JOÃO E PAULO

JOÃO:

Ufa! Desta me escapei,  
Nunca mais eu entro n'outra.

PAULO:

Sem mesmo saber, amigo,  
Sobre o que falas, te digo  
Que eu, também, bem escapei  
De uma enrascada das grandes.

JOÃO:

Mas, amigo, e desde agora  
Que Arnaldo se foi te digo  
“És o meu melhor amigo”.  
Que enrascada foi a tua?

PAULO:

Uma grande, mas contudo  
Eu bem te peço sigilo  
Pelo que te vou contar.

JOÃO:

Antes deixa-me falar

*(há uma pausa)*

Sabes, Paulo, sabes bem  
Que fui amigo de Arnaldo.

PAULO:

Já sabia, caro João.

JOÃO:

Pois bem o drama formado  
Foi fruto de um incentivo  
Partido deste pilantra,  
Com quem conversas agora.  
Viste, pois, porque sorri  
Quando vi-me sem perigo.

PAULO:

Ah! Ah! Ah! Como esta é boa,  
Porém não melhor que a minha.  
Sabes tu por que também  
Senti-me feliz por ter-me  
Fugido destes amigos?

*(João abana a cabeça)*

É que Arnaldo me fugiu,  
Não por ter-me dado um soco,  
Mas sim por dado me ter

Mil cruzeiros inda novos.

JOÃO:

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!  
Grandes tratantes que somos,  
Vamos também festejar  
As nossas manhas num bar,  
Com três ou quatro cachaças  
Em memória ao caçador  
Que na caça foi caçado.

F i m

**EU, MENINO**  
**E**  
**A LENDA DOS QUATRO REINOS**  
(2014)

## Breve apresentação

Costumo passar as férias com meus filhos casados e meus netos.

Minhas netas, principalmente, gostam de histórias com dragões, princesas e castelos.

Escrevi para os sete (Fernanda, Guilherme, Renata, Helena, Luís Felipe, Daniela e André) “A Lenda dos Quatro Reinos” e, para minha mulher, Ruth, que namoro há 61 anos, pelo seu aniversário, o poema “Eu, menino”.

Em edição de meu caro amigo de décadas, Cláudio Giordano, exclusivamente para familiares e amigos, trago-os à luz, acompanhados de um soneto inglês, composto para o dia dos namorados.

Ives Gandra da Silva Martins

## EU, MENINO

## REPENTES

*Para Ruth.*

Quando falaste sobre diferenças,  
Quando disseste o quanto me querias,  
Quando pesaste a força em nossas crenças,  
Que continuava'as mesmas pelos dias,  
Quando lembraste, a fundo, nossa luta,  
E viste que, também, no amor se sofre,  
Porém a quem a Deus, na vida, escuta  
O sofrimento encontra-se num cofre.  
Quando ouviste, meu bem, quanto te quero,  
Não obstante a tua timidez,  
Que faz nosso viver claro e sincero,  
Tal qual se descortina em nossa tez,  
Sentimos que, por sermos diferentes,  
O nosso amor eterno tem repentes.

Ives.

Dia dos Namorados, SP. 12/06/2000.

## EU, MENINO

*Para Ruth.*

### I

Eu sempre fui um menino,  
Que não queria crescer,  
Pensando ser meu destino  
Mais sonhar do que viver.

### II

Desde criança escrevia  
Os sonhos de meu sonhar,  
Pois tinha na poesia,  
Caminhos de lua par.

### III

Navegava entre os escolhos  
Do tempo vencendo os ares,  
Procurando belos olhos,  
Pelas águas dos meus mares.

#### IV

Era criança, sonhava  
Ser navegante do espaço  
E tinha minh'alma escrava  
Nas muralhas de meu Paço.

#### V

Quis logo ser cavaleiro  
Com minha espada de pau,  
Queria ser sinaleiro  
Do combate contra o mal.

#### VI

Imaginava os castelos  
Com suas lindas donzelas,  
Escudos, grandes martelos  
Com as cores de aquarelas.

#### VII

Nos sonhos, sempre lutava  
Contra o mal e pelo bem  
E se do vulcão a lava  
Caía, pulava além.

VIII

Havia sempre dragões,  
Cavaleiros medievais  
E as ferrugens dos portões  
Dos tempos dos samurais.

IX

Eu não queria crescer,  
Pois vivia de aventuras,  
Que estavam sempre a nascer  
Pelas batalhas futuras.

X

Também era navegante  
Cruzando bravios mares,  
Contra filhos do Levante,  
Pelas noites estelares.

XI

Cresceu, um dia, o menino  
Apesar de não querer,  
Sem traumas, sem desatino,  
Buscando ser e não ter.

XII

Estudou com seriedade  
Para na vida lutar,  
Mas sempre teve saudade  
Dos seus tempos de sonhar.

XIII

O trabalho muito cedo  
Começou, sendo garoto,  
Versejar foi seu enredo,  
Malgrado o talento roto.

XIV

Conheceu muitas meninas  
Nos bons tempos de respeito,  
Seguiram elas as sinas  
De pudor, sem ter defeito.

XV

Combateu com bons amigos,  
Viveu de muita esperança,  
Quis bem aos seus inimigos,  
Em tormenta ou na bonança.

## XVI

Visitar outros países  
Muito jovem decidiu,  
Feliz, como os mais felizes,  
Deixou, portanto, o Brasil.

## XVII

Na Velha Europa aportou,  
Estudou e foi boêmio,  
Assistiu a muito show,  
Não teve cabeça a prêmio.

## XVIII

Nada fez de diferente  
Alguma pouca conquista,  
Muito estudo pela frente,  
Nada escondendo da vista.

## XIX

Um dia voltou pra casa,  
Cruzando mares de barco,  
Seus sonhos perderam asa,  
Fechou da vida seu arco.

XX

E foi estudar Direito,  
Em antiga Faculdade,  
Onde o aluno mais perfeito  
Era vate de verdade.

XXI

Lá voltou a ser poeta  
E ter sonhos juvenis  
Levou a vida discreta  
Com atitudes viris.

XXII

O direito de defesa  
Foi sempre sua paixão,  
Escrevia sobre a mesa  
Esboços de petição.

XXIII

Decidiu advogar  
Ao concluir seu estudo,  
Por espada o seu falar  
E sendo o pensar, escudo.

XXIV

Mas ao voltar conhecera  
A mulher que imaginara,  
Desde que, na vez primeira,  
Com a perfeição sonhara.

XXV

Eram ainda estudantes,  
Quando se uniram na vida,  
E como dois navegantes  
Enfrentaram dura lida.

XXVI

Tiveram filhos e netos,  
Mas sempre muito se amaram,  
Seguiram caminhos retos,  
Que na existência se aclaram.

XXVII

Ficaram velhos na idade,  
Mas jovens de coração,  
Amaram Deus de verdade,  
Nunca Lhe dizendo não.

### XXVIII

E perceberam os dois,  
Que os versos sempre de amor,  
Compostos davam depois  
Ao matrimônio valor.

### XXIX

Fizeram daquela história,  
Que teceram por encanto,  
Com derrotas e vitória  
O tema para este canto.

### XXX

Daquele simples menino,  
Que não queria crescer,  
Mas, por força do destino,  
Pôde seu sonho viver.

SP. 16 e 17/07/2014.

A LENDA DOS QUATRO REINOS

*Para meus netos*

*Fernanda,  
Guilherme,  
Renata,  
Helena,  
Luís Felipe,  
Daniela e  
André.*

## Canto I

### I

Era uma vez um país  
Em que o povo bem feliz  
Tinha príncipe e princesa,  
Um rei bom com seus ministros,  
Sem riscos e sem sinistros,  
Governando com pureza.

### II

Os seus cavaleiros nobres,  
Ajudavam todos pobres  
E defendiam seu reino,  
A fome não existia  
E todos em alegria  
Do querer bem tinham treino.

### III

Mas doutro lado do monte,  
Com água da mesma fonte,  
Havia um monarca mau.  
Fazia sofrer o povo,  
Sem criar nada de novo  
Com seu modo tão brutal.

#### IV

Dois filhos tinha este rei  
O rapaz amava a lei  
E a moça boa justiça,  
Amavam também seu pai  
Mas almas de samurai,  
Não tinham qualquer cobiça.

#### V

Era tempo dos dragões,  
Dos castelos com porões,  
Das armaduras e espadas,  
As guerras com mil batalhas  
Derrubavam as muralhas  
Pelas terras conquistadas.

#### VI

O bom rei e o mau monarca  
Sabiam que em uma escarpa,  
A deusa Verdade estava,  
Mas nem os dragões distantes  
Descobriram os quadrantes,  
Em que a Verdade era escrava.

## VII

Os quatro reinos brasões  
Dos dois reis e dos dragões  
Mais aquele da Verdade,  
Embora lá prisioneira,  
Tinham a chama guerreira  
Que gera animosidade.

## VIII

E os príncipes e as princesas,  
Sentiam muitas tristezas  
Pelos reinos separados  
E sonhavam ser um dia,  
Unidos em harmonia,  
Pela paz abençoados.

## Canto I I

### I

Do bom rei sua princesa,  
De decantada beleza  
Foi passear na floresta  
E lá viu límpida fonte  
Cuj'água embaixo da ponte  
Ao cenário tudo empresta.

### II

E decidiu, por beber,  
Cansado todo seu ser,  
O líquido cristalino,  
Mais eis que surge uma fera,  
Que a ponte já transpusera  
Para ataque repentino.

### III

Já quase estava por cima,  
Quando num toque de esgrima,  
A espada a feriu de morte,  
Pois o filho do mau rei,  
Um cavaleiro da lei,  
Mudou da princesa a sorte.

#### IV

Falaram em vez primeira  
Mas o amor seguiu na esteira  
Da valentia do gesto.  
Prometeram se casar  
Mesmo tendo que enfrentar  
Dos pais, por certo, o protesto.

#### V

Via o príncipe Adalberto  
Sua amada bem de perto,  
Quando se punha à janela.  
Escondia-se na noite,  
Mesmo com vento em açoite,  
Pois adorava Anabela.

#### VI

Assim foi, por muitas vezes,  
Passando dias e meses,  
Neste idílio com passeios,  
Seu amor era tão forte  
Que não temiam a morte  
E viviam sem receios.

## VII

De Abelardo sua irmã  
Ofertou-lhe um talismã  
Para proteger o amor,  
Também deu o próprio irmão  
À Anabela um coração  
Para mostrar seu calor.

## VIII

Embora ninguém soubesse  
Este amor quase uma prece  
De dois jovens inocentes.  
Estavam eles felizes  
Apesar de seus países  
Serem muito diferentes.

## Canto III

### I

Os dois irmãos protetores,  
Quando o sol pintava cores,  
Encontraram-se, por fim,  
O céu tismado em azul  
Mostrava o caminho sul  
Para o mais belo jardim.

### II

A princesa Catarina,  
Com sorriso de menina,  
Viu o príncipe encantado,  
Apaixonou-se de pronto  
E transformou o seu canto  
Ao jovem Carlos chamado.

### III

Carlos também viu a bela,  
Tão linda quanto Anabela,  
E apaixonou-se de vez.  
Ficaram a sós os dois,  
Deixando para depois  
A concessão de mercês.

#### IV

Quando os quatro jovens nobres,  
Sentando assentos de cobre,  
Perceberam seu amor,  
Pensaram como fazer  
Nos pais desaparecer  
O permanente rancor.

#### V

Queriam unir os reinos  
Mas diplomatas sem treinos  
Desconheciam caminhos,  
Pois tendo um amor tão forte  
Queriam mudar a sorte  
Desta batalha de espinhos.

#### VI

Pensaram buscar dragões  
Nos mais distantes rincões  
Para trazerem a paz,  
Pois os dragões, quando amigos,  
Defendem-nos dos perigos  
Que uma guerra sempre traz.

## VII

E decidiram, portanto,  
Escondidos no seu manto  
Irem ao reino terceiro,  
Procurar do rei dragão,  
Co'a força do coração,  
A força de cavaleiro.

## VIII

E seguiram seus cavalos  
Sem nada por ampará-los  
Senão coragem e espadas,  
Eis quando bate a paixão  
Não há temor, não há não  
Que desfaça tais cruzadas.

## Canto I V

### I

Uma guarda dos dragões  
Levou os quatro às prisões  
Quando chegaram na terra,  
O rei queria matá-los  
Com os seus próprios cavalos  
Pois pensava estar em guerra.

### II

Pediram para falar  
Os dois príncipes no altar,  
Em que os dragões tem conselho  
E apesar do seu tamanho  
Não lhes parecer estranho,  
Pois do poder era espelho.

### III

Concedeu o rei dragão  
Ouvi-los no seu salão,  
Repleto de conselheiros.  
Os quatro então lhe disseram  
A razão porque vieram,  
Sozinhos sem escudeiros.

#### IV

Queriam impor a paz  
Que, de rigor, só se faz  
Se a força se mostra justa,  
Desejavam seu apoio  
Formando um grande comboio  
De dragões que ao povo assusta.

#### V

Contaram-lhe seu amor  
E o desejo de repor  
Entre os dois reinos concórdia,  
Mas seus pais beligerantes  
Tornaram os quatro infantes  
Infelizes co'a discórdia.

#### VI

Comoveu-se o rei dragão  
E prometeu-lhes ação,  
Mais de ameaça que sangue  
E os quatro muito felizes  
Ficaram, pois seus países  
Sentiam a gente exangue.

## VII

E no tratado assinado  
Ficou claro e combinado  
Que os 3 reinos sempre em paz  
Restariam, pois dragões  
Têm melhores corações  
Com escamas por detrás.

## VIII

E voltaram aos castelos  
Fortalecidos seus elos  
De grandeza no futuro  
Amavam-se os dois casais  
Como amor igual jamais  
Já se viu de tão seguro.

## Canto V

### I

O bom rei, como o rei mau,  
Montavam seu arsenal  
Para travar as batalhas,  
Conquistar novas cidades,  
Tirando-lhes liberdades,  
Derrubando-lhes muralhas.

### II

O bom rei jamais queria  
Ingressar nesta porfia  
Pelo rei mau provocado,  
Mas entendeu, se vencesse,  
Que ninguém mais esquecesse  
A vitória conquistada.

### III

O mau rei mostrava inveja  
Não própria de quem almeja  
Governar bem o seu povo,  
Queria era conquistar  
As terras para reinar  
E ter um palácio novo.

#### IV

O bom rei de sua gente  
Tinha apoio permanente  
A defender seu reinado,  
O mau rei impôs à força,  
Embora aos fatos distorça,  
No combate desejado.

#### V

Um só queria a defesa,  
Outro buscar com firmeza  
Mais terras pro seu reinado  
E a guerra assim preparada  
Estava a ser iniciada  
Com combates, lado a lado,

#### VI

Apesar de ambos os reis  
Buscarem por sua vez,  
Encontrar os quatro filhos,  
Os quais desaparecidos,  
Deixaram-nos ressentidos,  
Tirando-lhes honra e brilhos,

## VII

Mesmo assim pelas fronteiras  
Tropas faziam fileiras  
Para o combate iniciar.  
Os dois reis, em seus cavalos,  
Com seus súditos a olhá-los,  
Estavam p'ra levantar

## VIII

As espadas e seus gritos,  
Que desde os tempos finitos  
Seguem combates e guerras,  
Foi quando viram chegar  
Seus filhos a cavalgar  
E mil dragões de outras terras.

## Canto V I

### I

Os dois reis ficaram mudos,  
Baixaram os seus escudos,  
Pararam seus esquadrões,  
As espadas mais as flechas  
Não descobriram as brechas  
Nas escamas dos dragões.

### II

O bom Carlos e Adalberto  
Entraram no campo aberto  
Entre os guerreiros dos dois  
E depuseram espadas,  
Nos braços tendo as amadas,  
Que lhes chegaram depois.

### III

O rei dragão veio perto  
Abrindo imenso deserto  
Com suas asas no campo,  
Todos pararam na ação,  
Sem que houvesse proteção,  
Nem contra o vento algum tampo.

#### IV

Aos dois reis falou então  
Este enorme rei dragão  
Desejar vê-los em paz,  
Queria ter dos dois reis  
Apoio forte, talvez  
Ao reino que está detrás.

#### V

Contou-lhes que a liberdade  
Só teriam se a Verdade  
Fosse afinal libertada,  
No seu reino bem distante  
Por onde enorme gigante  
A mantinha aprisionada.

#### VI

Colocou os seus dragões  
Com os dos reis guardiões  
Pra combater os soldados  
Do gigante da mentira  
Que contra o mundo conspira,  
Protegendo os maus costados.

## VII

E que se aquele reinado  
Fosse por fim libertado  
Renasceria a Verdade,  
Com a sua formosura  
De beleza mais que pura  
Por nascer da eternidade.

## VIII

E a paz então reinaria  
Para o povo em alegria  
Nos quatro reinos distintos.  
O bom rei daria o tom  
E o mau rei seria bom,  
Ficando os males extintos.

## Canto VII

### I

Concordes os três monarcas  
Partiram atrás das arcas  
Onde a Verdade era escrava.  
Os dois príncipes à frente,  
Mostravam que ser valente  
É próprio de gente brava.

### II

Foram os três reis e os dois,  
Não deixaram p'ra depois  
Libertar esta rainha,  
Cujo mistério é segredo,  
Porém que elimina o medo  
A quem p'ra luta caminha.

### III

O gigante e sua tropa  
Vendo a gente que galopa,  
Com gritos ao seu encontro,  
De pavor acovardou-se,  
Tendo a Verdade tão doce  
Com o bem seu reencontro.

#### IV

Fugiu pra sempre o gigante  
E não mais um viajante  
Dele e os seus ouviu falar,  
Dizem que, ao deixar os arcos,  
Embarcou em muitos barcos  
E foi muito além do mar.

#### V

A Verdade disse então  
Aos três reis que a salvação  
Dar-lhes-ia recompensa,  
Ensinaria a bondade,  
Como igual jamais se há-de  
Conhecer assim tão densa.

#### VI

Os três reis no coração,  
Os dois reis mais o dragão  
Receberam da Verdade  
A força pro bem do povo,  
Pois não há nada mais novo  
Que nela ter liberdade.

## VII

E os três reinos inimigos  
Tornaram-se então amigos,  
Pois descobriram que os reis  
Só são bem reis de verdade  
Se para a comunidade,  
Servirem, sendo fiéis.

## VIII

E a gente muito feliz,  
Cada povo em seu país,  
Encontraram seu atalho,  
Pois a Verdade ensinara,  
Que vale mais a seara  
Sem guerra e só com trabalho.

## Canto VIII

### I

E a lenda termina aqui  
Vale a pena o que escrevi  
Para os meus valentes netos.  
São sete muito queridos,  
Por mim jamais esquecidos,  
Seguindo caminhos retos.

### II

Esqueci-me de dizer  
O que veio acontecer  
Com aqueles dois casais,  
Visto que sem seu amor  
Não haveria o valor  
A colocar nos anais.

### III

Foram festas memoráveis,  
Seus casamentos estáveis  
Permaneceram no tempo.  
Dos dragões foram amigos,  
Protetores nos perigos,  
Com asas, gerando vento.

IV

Um casal teve um menino  
Que teve um belo destino  
Loiro tendo a cabeleira  
E o outro teve seis filhos  
Que seguiram pelos trilhos  
Em sua virtude inteira.

V

E os quatro reinos assim,  
Todos tendo seu jardim,  
Foram felizes e o povo  
Descobriu que o bom governo  
Serve mais quando fraterno,  
Cria esperança de novo.

VI

Assim se todo o Universo  
Coubesse neste meu verso  
Uma lição deixaria,  
Que mais governa quem serve,  
Pois essa se torna verve  
Que gera sempre alegria.

VII

Espero que um dia o mundo  
Tenha um governo profundo  
Com a força dos dragões,  
Ancorados na Verdade,  
Vivendo na liberdade,  
Repletos os corações.

### VIII

Quero assim, meus caros netos,  
Que seguem caminhos retos,  
Ainda em fase de treinos,  
Que pensem que vale a pena  
Viver na vida terrena  
A lenda dos quatro reinos.

Jaguariúna 05 a 07/07/2014.

POEMAS DE UM  
TEMPO ESQUECIDO  
&  
QUADRAS DE UM  
HOMEM COMUM

(2015)

## Breve Apresentação

**D**ecidindo rasgar velhos papéis, encontrei os versos que, em edição particular, passo a veicular para familiares e amigos.

São 30 poemas a que acrescentei 20 quadras compostas em 2015.

Neste apagar das luzes, dedico-os à minha família e amigos.

SP. 20/08/2015.

Ives Gandra da Silva Martins

POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO

I

POEMA DE MINHA VOLTA

Voltarei a antigos hábitos.  
Voltarei a ser eu mesmo  
Com as minhas circunstâncias,  
Estas minhas circunstâncias,  
Que nos tempos do presente  
São cicatrizes do tempo.

Voltarei a fazer versos,  
A cantar com voz passável  
Melodias seculares,  
Voltarei a ser bondoso,  
Ser honesto e ser leal  
Com as minhas companhias.

Voltarei de um outro mundo,  
Que me deu dinheiro, sonhos,  
Mesclados com pesadelos.  
Voltarei das garras cruas  
Que a amizade desconhece,  
Vivendo em turmas de amigos.

Voltarei a ser feliz.  
Quando triste, serei triste  
Sem as minhas circunstâncias,  
Mas as minhas circunstâncias  
Só virão atrás de mim,  
Se eu alegre for alegre.

Serei eu somente eu,  
Nos momentos recolhidos,  
Quando vier do presente  
E o passado revivido  
Espalhará no futuro  
A minha volta da vida.

Voltarei aos meus costumes  
Voltarei a antigos hábitos,  
Que a minh'alma não se esquece.  
Voltarei, como um soldado,  
Que ferido, em plena guerra,  
Não morreu e retornou.

S.P., 26/05/60.

II

POEMA DA PRÉ-MADUREZA

Hoje,  
Novamente,  
Retornei ao verso indócil,  
Do qual nunca,  
Na verdade,  
Me afastara.

A paisagem fechada de mim mesmo,  
Reabriu-se  
E a própria discrição  
Não faltou à imagem redesperta.

Hoje,  
Novamente,  
Retornei ao verso indócil,  
Docilmente,  
Tão incrível... mas, docilmente.

06/12/59.

III  
TUS OJOS

*(Versão para o castelhano de  
Guido Paz Estensoro)*

Tus ojos son inmensos lodazales,  
en el fondo de los grandes lagos.

Musgos antiguos  
en los troncos con parásitos.

Y el canto de fierro viejo,  
en los goznes oxidados

De los portones,  
en el silencio de los jardines,

Yaga, mudo, por tus ojos.

Inmensos lodazales estancados,  
Pasados, repasados, traspasados,

Y los siglos de los lagos,

Grandes lagos,

oyendo la eternidad,  
estancados.

Y los musgos antiguos

Remontando.

Enormes árboles, curvados  
por el tiempo,

Y los musgos que se infiltran  
por los troncos engrosados

de los árboles,

deteniendo e reteniendo.

Ojos, color de musgos  
color de los inmensos lodazales.  
estancando el lago de mis ojos,

con parásitos el tronco de mi cuerpo  
canta el canto oxidado  
De los goznes de los portones.  
Es la canción café verde  
de la conquista y de la apatía,  
Son eterno, son claro,  
por tus ojos color de musgos,  
Color de inmensos lodazales,  
donde adormecidas vagan  
las herrumbres de los portones.

SP. 23/09/07.

## IV

### CASA DO MEU PASSADO

Casa do meu passado. Nobre e mansa.  
O tempo deu-te, músico, estas asas,  
Com que me segues desde bem criança.  
Como és tu diferente de outras casas.

Porto já te chamei, plena a esperança,  
Quando eras tu fogueira e não só brasas,  
Naqueles anos em que não se cansa  
Navegar o menino em águas rasas.

Hoje nem és mais porto em águas rasas,  
Talvez, levou-te o tempo da esperança.  
Casa, tão diferente d'outras casas,

Nos teus muros morreu Ives criança.  
Restaram nele apenas tuas asas  
De passado e de casa nobre e mansa.

V

SONETO

*Para Ruth*

A vós estes meus versos mal soantes,  
Senhora, vos dedico, humildemente,  
Por vós, se em não vos sendo indiferente,  
Razão de amigos vossos, sem instantes.

De vós nobre retrato vossa gente  
A mim vós me traçou em diamantes,  
Como igual não guardara aos tempos dantes  
Retrato retratado mais ardente.

Mas se em mim vossa vista inda deseja,  
Eu a vós, vossa vista ver não sonho,  
Que a vossa vista a minha desconheça.

Que se a minha na vossa ver se almeja,  
Como os versos que a vós eu vos componho  
Creio ver eu a vós nunca mereça.

## VI

### SONETO

Pela brancura de teu peito quente,  
Desvendo o belo sonho da esperança,  
Reclinando-me, trêmulo e contente,  
Na posição daquele que descansa.

Repousa tua carne na lembrança,  
Teu coração eu abro docemente,  
A carne ao lado dele como é mansa!  
E como é grande um coração que sente!

O tempo continua. Mas existe?  
O canto do silêncio não tem fim  
E a calma do momento lhe convêm.

O sonho senão nisto é que consiste.  
Há muito tempo que eu não sou assim.  
Há muito tempo que não és também.

## VII

### SONETO

*Para Ruth*

Pelos cardos brotados por teu rosto,  
Como as muscíneas pelos troncos velhos,  
Eu descobri poeira de evangelhos  
E as lembranças arcaicas de um desgosto.

Descobri, mas o calmo mês de Agosto,  
O calmo mês calou-me e os evangelhos,  
Como os musgos varando troncos velhos,  
Descolocaram cardos de teu rosto.

E o teu rosto sereno fez-se pálido,  
E, já sem nele ter brotados cardos,  
Como as muscíneas pelos troncos velhos,

O meu rosto embalou, num olhar cálido,  
Envolvendo-me a vida e o ser em nardos  
Espanada a poeira de evangelhos ...

08/08/55.

## VIII

### SONETO

Teu colo branco é a areia do deserto,  
A rescaldante areia que me mata,  
Pois quanto mais devoro a areia ingrata,  
Mais sinto-me a esta areia descoberto,

Ao deixar o negror daquela mata  
De teu cabelos negros foi que incerto  
O caminho se fez e não mais perto  
Se não das dunas quentes cor de prata.

A sede arde-me o peito e o peito colo  
A areia onde deliro subo dunas  
E ao pico destas dunas me abeberro.

E assim enlouquecido, neste colo,  
Meus lábios erram, trêmulas escunas,  
Queimando a minha carne, em brasa e ferro.

## IX

### SONETO

Na solidão servil do esquecimento  
Pareço terminar meus tristes anos,  
Depois de ter sofrido os desenganos  
Da amizade, do amor e do talento.

Amigos tantos tive, mas o vento  
Da má sorte levou-me estes insanos,  
Amores outros tantos vis enganos  
Causaram-me perdendo o meu intento.

Sobre o talento um pálido sudário.  
Tombou quando chamava Deus, em vão,  
Roubando-me o consolo desta vida.

E agora como um lobo solitário,  
Ferido mortalmente o coração,  
Eu marcho pelo mundo, a frente erguida.

X

SONETO

Ainda tua ausência, longo tempo,  
Pressinto, hei de sentir, os olhos vagos,  
Inconsolado o sangue de meus nervos  
E o abismo espantoral inconsolável.

Talvez, por ser remota a tua vinda,  
O sangue há de traçar novos caminhos,  
Porém, no desconhecido de minh'alma,  
Apenas teu caminho há de traçar.

É triste o sangue morto pelas veias.  
O sangue é o caminheiro de uma fonte,  
Noutras fontes bebendo a eterna busca.

Assim o sangue meu não será morto  
E o dia em que viveres para sempre  
Há de estar lá o sangue a tua espera.

09/02/57.

XI

SONETO

Faz tanto tempo que eu parti, chorando,  
Faz tanto tempo que eu nem mesmo sei,  
O tempo passa e como passa e quando,  
Dizer não posso, pois não fiz tal lei.

Partida fiz e como lamentei  
O que fizera e embora lamentando,  
Partida feita penso em que serei,  
Se tudo é feito e já não mais sou brando.

O que já fui já não mais posso ser,  
O que serei é fruto inda no ramo,  
E o que bem sou é falso e sem verdade,

Mas passa o tempo sempre a discorrer,  
E o que na vida amei já não mais amo,  
E o que me foi comum dá-me saudade.

Berna, julho 1953.

XII

SONETO

*Para Ruth*

Rumarei através da tempestade,  
Único sempre, sempre solitário,  
Tendo por guia o destemor da idade,  
Heróica e frágil, manto e não sudário.

Sulcando os tempos revoltosos, calmo,  
Almejando o combate pelo espaço  
Levarei, como lema, interno salmo,  
Excitador viril de meu cansaço.

Supremamente fraco, serei forte.  
Vivendo a própria força da fraqueza,  
Irônico ao binômio vida-morte.  
Desbravador comum da Natureza,

Assim eu rumarei, por esta senda,  
Lasso de toda a luz, que não me ofenda.

29/09/54.

### XIII

#### SONETO

Eu não ousou, Senhora, a sós, falar-te  
E, se falar-te eu ousou, nada falo  
E cuido mais falar-te quando calo  
Do que quando falando, não falar-te.

Eu não ousou, Senhora, algo dizer-te  
E se dizer-te ousasse, não diria,  
Que tal ventura não mereceria  
E eu não ousou, Senhora, merecer-te.

Meu olhar, à distância, tantas vezes  
Não se sabe conter e ousa beijar-te  
Que, por vezes, eu ousou ... e nada falo.

E assim, mês após mês, correm os meses  
E eu cuido mais falar-te, quando calo  
Do que, quando falando, não falar-te.

Março de 1955.

XIV

SONETO

Figura sem nobreza e esganiçada,  
Eis, num verso somente o meu retrato,  
Capaz de soluçar numa balada  
Ou de correr de quatro, em pizzicato,

Ferino, para alguns, lembrando um gato,  
Par'outros frio, como a fria espada,  
Tristonho, sem ser triste, em triste fato  
E alegre se entra numa patuscada.

Carradas de talento dizem ter,  
Mas inda não os viu aparecer,  
Amoroso perdido das meninas,

Poeta d'água doce ou beira-mar  
Que, em versos, sabe só choramingar,  
Eis meu perfil composto por esquinas.

Setembro 1952

## XV

### MUSA

Quando nada existia no universo,  
Se não da confusão o espesso manto,  
Foste o divino e calmo elo disperso  
Que Deus usou para entoar seu canto.

Quand'inda o primo vate fez um verso,  
Chorando no amargor seu desencanto,  
Foste tu quem somente o viu imerso,  
No consolo singelo desse pranto.

E quando enfim, o bardo mais fugaz,  
Pela primeira vez, morreu ao vento,  
Foste-lhe o negro e cândido sudário.

Como és e como foste, assim serás  
Lembrada eternamente no tormento,  
Enquanto houver um poeta solitário.

Janeiro de 1953.

## XVI

### SONETO

Suposição de neve embalsamada,  
Conceito cristalino de uma pena,  
Instante incandescente da alvorada,  
Sutil lembrança lenta de açucena,

Alva suspeita pálida e serena  
Ofuscante esperança alcantilada,  
Transfiguração branca de verbena,  
Mui breve linguajar de uma balada.

Formosa mão de toda enclausurada  
No castelo arruinado desta arena  
De meu coração frio, como a espada,

Ebúrnea emanção, linda e pequena,  
Saudade de jasmim, foste osculada,  
Por minha triste boca em calma cena.

1952

XVII

SONETO

Por tudo que tu me deste,  
Pela cruz que carregaste,  
Pelo bem que me quiseste  
que se fora, por contraste.

Por aquilo que fizeste,  
Mas que nunca declaraste,  
Pelo amor que ao vento deste  
Murchou tristonho em su'haste

E por tudo isto qu' é parte  
Desta nossa longa prece,  
Em que nós fomos imersos,

Só posso recompensar-te,  
Embora tarde o fizesse,  
Com estes pálidos versos.

Março de 1952.

## XVIII

### SONETO

O tempo já se faz de madureza  
Aos vinte e oito continuo o mesmo,  
Apenas com um toque de certeza  
A mais do que no tempo de eu a esmo.

O lírico se extingue pouco a pouco,  
Sem queixumes ou gritos normalmente  
E se retorna, às vezes, menos louco  
Que antanho se transforma, docemente.

Não sei que descrição me cabe agora.  
Discreto me refaço e o trocadilho,  
Discretamente, descortina a hora  
Em que, no meu lugar, será meu filho.

A família no tempo do eu maduro.  
É a conquista que faz claro do escuro.

14/04/63.

## XIX

### POEMA DO EU MADURO

Descortinou, por fim, sua semente,  
No sossego da prece silenciosa,  
Quem origem buscara diferente  
Do místico embrião surgiu a rosa.

Surgiu como a verdade que não teme  
Se não ser mais verdade em Notre Dame  
E o verso destreinado ao novo leme  
Esqueceu quando mesmo, o ensaio infame.

Eterna Rosa Mística do Amor,  
Que os corações transforma em descoberta,  
Quem, na vida, não via nova dor  
Nova cor desvendou em hora certa

E agora quem origem diferente  
Buscara, encontra só sua semente.

14/10/62.

XX

PARA O ANIVERSÁRIO

*Para Leontina  
De Ruth e Ives*

Sem o talento de Fídias,  
Nós te damos estas rosas,  
Tu que pensas que as orquídeas  
São das flores mais formosas.

As frases que tu esposas  
Contra as rosas são perfídias,  
Ruth e eu queremos rosas  
Sem desquerer das orquídeas.

Mas, no teu aniversário,  
Nestes versos que te fiz  
De cumprimentos, Leontina,

Vão as rosas de um rosário,  
Pois te queremos feliz,  
Nossa médica menina.

15/02/05.

XXI

AO SOM DE “DARLING”

*Para Ruth*

Renascem sensações primaveris,  
Descortinando o encanto de teus olhos,  
E os versos que desfaço e que desfiz  
Despencam como as ondas nos escolhos.

O canto dilacera o coração  
E transborda no passo de meu paço.  
Lindo sonho, que nunca foi em vão,  
Preenche sempre mais o teu espaço.

Querida, o teu amor é o meu amor.  
E o muito te querer me faz igual  
À beleza que há no sol a pôr  
Ou na busca do eterno Santo Graal

É na luta que eu luto, nesta lida,  
Que eu sinto que tu és a minha vida.

22/01/05.

XXII

SONETO

A luta contra o tempo faz estrago,  
Que não só pela pele se descobre.  
A vida que devoro num só trago,  
Mesquinha ora se faz, mas também nobre.

O fim que se avizinha todo o dia,  
Não sei como será, porém será.  
Quando jovem jamais eu pensaria  
Que a morte pode ser boa ou ser má!

Amigos do passado não sei quantos?  
Só sei que a companhia hoje é menor.  
Aqueles qu'inda restam não são tantos,  
Nem sua permanência é bem melhor.

Sereno, todavia, espero o fim  
Com Deus e co'a família em meu jardim.

23/04/2000.

## XXIII

### SONETO

Eu cruzo sem tristeza o espaço que me resta,  
Descubro mil verdades não imaginadas,  
As forças se extinguindo num final de festa,  
Do eterno começando por subir escadas.

Conheço pelo tempo o que é tempo pretérito,  
Desfazendo o cenário, que bem compusera  
Não sei se neste andar a trilha tem seu mérito  
A caminho do inverno e não da primavera.

Cada dia o presente torna-se passado  
E o passado desvenda o doce esquecimento  
Eu marcho p'ro futuro, com Ruth do lado,  
Na certeza que tudo desfará ao vento.

Eu cruzo sem tristeza aquele meu espaço,  
Que descortinará, um dia, meu cansaço.

SP. 02/04/2000.

## XXIV

### NO CASAMENTO DA TIA TERESA

*Para Fernanda, minha neta.*

A princesa está descalça.  
Nenhuma pompa lhe resta.  
Não dançou nenhuma valsa.  
Calçada estava na festa.

A roupa branca realça  
A formosura da testa,  
Cobrindo o corpo sem alça,  
Ao som de antiga seresta.

No casamento da tia,  
A princesa andou sozinha,  
Pois da noiva foi a dama.

E fez de nós a alegria,  
Permitindo ao que caminha  
Do amor renascer a chama.

25/03/2005.

## XXV

### UM GRITO

Um soneto a mais nesta semana,  
Escrevo sem assunto e sem memória,  
O cansaço não faz a mente sana,  
Nem descortina em mim a própria história.

Sem tempo, sem dormir, sempre trabalho,  
Mil coisas mal fazendo, mas fazendo.  
Eu falo sobre tudo e tudo espalho  
Tal como espalha tudo o minuendo.

Se paro não reflito o que hoje faço.  
Eu grito compulsivo contra o mal,  
Que invade no Brasil um grande espaço,  
Tornando no poder o roubo igual.

Eu grito pelo povo e por respeito,  
Neste grito que explode pelo peito.

XXVI

SERGIPE

Do Velho Chico a estrada aqui descobre  
O seu ponto final e onde começa  
A saga deste povo ativo e nobre,  
Unido a seu país numa só peça.

Sergipe tão pequeno e gigantesco  
Gerou gente estupenda p'ra nação,  
E fez no imaginário o próprio afresco  
Descortinando um imenso coração.

Sergipe tão Sergipe tão Brasil,  
Dos mares e das praias sem igual  
De um céu a desvendar a cor anil,  
Em muito bem tornando todo o mal.

E nele brilha a sua Academia  
A qual se faz eterna todo o dia.

10/03/2008.

## XXVII

### UM PAÍS CORRUPTO

Um país só de governo,  
Só preocupado consigo.  
Em meu desconforto externo,  
O poder vira inimigo.

Quanto mais burocracia  
Mais quem comanda é ladrão.  
Bem se rouba todo o dia.  
Pois qualquer protesto é vão.

Democrata e servidor,  
Coisa rara no Brasil.  
Assalta-se sem pudor,  
Que o povo já desistiu.

Dos gatunos vê-se a dança,  
Na nação sem esperança.

05/03/2006.

## XXVIII

### O CAMINHAR DO TEMPO

Eu descubro de novo, o meu passado,  
Os passos formatando meu presente,  
Meu futuro não vejo, nem meu fado,  
Que carrego, num tempo diferente.

As pontes despencaram pelos rios,  
Os sonhos desfizeram-se no espaço,  
O sol sempre reflete tais estios,  
Sem sombras, que afugentam seu mormaço.

Combato a luta rude tão sozinho,  
Mal desvendando o pálido horizonte,  
Mas sigo, sem parar, o meu caminho  
Que mostrará, por fim, a eterna fonte.

Meu passado presente é meu futuro  
Que tornará bem claro o que era escuro.

05/03/2006.

## XXIX

### DUAS QUADRAS

As duas últimas quadras  
Eu as faço meu amor,  
Para nestas duas páginas  
Com emoção eu as pôr.

Eu te quero amada minha,  
Pelo tempo sempre linda.  
E a nossa vida caminha  
Com tua beleza infinda.

11/06/2006.

XXX

DOIS SONETOS

MEU TEMPO

*Para Ruth*

Meu tempo nunca envelhece.  
O corpo sim. Tatuagem  
São as rugas de uma prece  
Neste findar da viagem.

Meu tempo nunca entristece  
Mesmo se envolto em voragem,  
Pois dele procuro a messe,  
Sem trator e sem forragem.

Meu tempo nunca aparece,  
Apesar dos que reagem.  
Meu tempo não desmerece,

Corre nele igual voltagem,  
Mas meu tempo em tempo desce  
Para ser sempre seu pagem.

06/02/2008.

61 ANOS DE NAMORO

A idade cicatrizes faz na pele,  
Mas nunca deixa marca n'alma pura,  
Mesmo que o tempo o corpo mal modele,  
Jamais altera a tua formosura.

Mulher amada, mãe, também avó,  
A todos teu amor é destinado,  
Ninguém nesta família fica só,  
Nem da Virgem, de Deus fica de lado.

Apenas um só ano com sessenta  
Tua vida comigo partilhaste  
E a dívida que tenho mais aumenta  
Por ver-te, linda flor, serena em haste.

Quanto te quero, Ruth, quanto, quanto,  
Que meu amor não cabe neste canto.

SP. 24/12/1953

24/12/2014.

## QUADRAS DE UM HOMEM COMUM

I

Os sonhos dos samurais  
Eu tenho dentro do peito,  
E canto, como os jograis,  
Um canto a Deus, a meu jeito.

SP. 18/03/2015.

II

Quero-Te Virgem Maria  
Com o querer cavaleiro  
E de José, no seu dia,  
Ter sua fé, por inteiro.

SP. 19/03/2015.

III

Cantador no meu espaço,  
Cantador só por cantar,  
Meço na vida meu passo  
E vivo do teu olhar.

31/03/2015.

IV

Tuas luzes estelares  
Desnudam o céu aberto,  
Brilhando em bravios mares  
Nascidos no meu deserto.

Jaguariúna 03/04/2015.

V

Minha nau tem nos seus mastros  
A bandeira dos oitenta.  
Eu comando olhando os astros,  
Junto ao leme, em marcha lenta.

05/04/2015.

VI

Ó Meu Senhor e Meu Deus,  
Vivemos ressurreição,  
Os Teus louros, são os meus,  
Enchendo meu coração.

SP. 07/04/2015.

## VII

Quantos anos, nesta vida,  
Que tu estás junto a mim  
Vivemos uma só vida,  
Dentro de nosso jardim.

SP. 15/04/2015.

## VIII

O teu olhar tem encanto,  
Malgrado teres idade,  
Mantém sempre no meu canto,  
Presença, amor e saudade.

Jaguariúna, 21/04/2015.

## IX

Eu embarcava na lua,  
Pintando minha aquarela,  
A inspiração sempre nua  
Andava de caravela.

SP. 24/04/2015.

X

Em noite de lua cheia  
Tinha sonhos aos milhares  
E meu castelo de areia  
Roçava a ponta dos ares.

SP. 25/04/2015.

XI

Nos tempos claros da lua  
Eu era menino-rei,  
Andava por minha rua,  
Senhor de um reino sem lei.

SP. 26/04/2015.

XII

Meus papagaios na lua  
Chegavam com as estrelas,  
Tinha sempre a imagem nua  
Da esperança por retê-las.

SP. 27/04/2015.

### XIII

Quando te vi, branca e nua,  
No casamento, tão linda,  
Lembrei-me da branca lua  
Que a eternidade não finda.

Jaguariúna, 06/06/2015.

### XIV

Justificar o errado,  
Sem justificar o erro,  
Traz sempre pro nosso lado  
Quem estava no desterro.

SP. 18/06/2015.

### XV

O tempo passa e repassa  
Nossa vida apaixonada,  
Apesar da força escassa,  
Eu sem você não sou nada.

22/06/2015.

XVI

A soledade lunar  
Descortina minha infância,  
Que caminha sem parar,  
Cada vez a mais distância.

10/07/2015

XVII

Cavaleiro sem bornel,  
Tenho n'alma tu'imagem,  
É bem mais doce que o mel  
O teu olhar sem blindagem.

SP. 23/07/2015.

XVIII

Quando a mulher põe-se nua  
Camões dizia em ternura,  
Faz-se a vida menos crua  
Em frente da formosura.

SP. 01/08/2015.

XIX

A beleza da nudez  
Sem desejo é sempre pura,  
Mas quando com cupidez  
Faz mal e torna-se impura.

SP .01/08/2015.

XX

A nudez no casamento  
Ganha a pureza do encanto  
E torna-se sacramento  
O leito sagrado e santo.

SP.01/08/2015.

# MEU DIÁRIO EM SEXTETOS (2016)

## Breve introdução

**D**urante o ano de 2010, compus um soneto por dia, em agenda ofertada por Marluce e Eurico.

Em 2015, compus 362 sextetos e 3 sonetos, um por dia, em outra agenda que me foi pelos dois presenteada.

Falo do meu dia de trabalho, de meu amor por Ruth, família e principalmente de meu Deus e da Virgem, além de alguns acontecimentos que determinaram minha profunda decepção com o governo.

As páginas em branco da agenda, no fim de cada mês, eu as completei com quartetos.

Em edição particular, exclusivamente para familiares e amigos, trago-os à luz.

Esclareço, por fim, que os termos mais duros, nos versos relacionados ao poder, são destinados aos cidadãos já condenados. Quanto à incompetência governamental, apenas reitero o que escrevi em artigos jornalísticos ou pareceres jurídicos.

SP. Dezembro/2015.  
Ives Gandra da Silva Martins

MEU DIÁRIO EM SEXTETOS

JANEIRO 2015

O Poder Sem Virtudes

## I

O poder sempre me enerva,  
É sempre a mesma caterva  
Que o mantem com suas tralhas,  
Os poucos de bons princípios  
Desabam nos precipícios  
Derrotados por canalhas.

01/01/2015.

## II

São a mentira e a promessa  
Para a qual jamais há pressa,  
As armas dos governantes.  
Nada fazendo de novo,  
Sempre sufocam o povo  
Muito mais que meliantes.

02/01/2015.

## III

Esta fala com mentira,  
que do sério a mim me tira,  
desta horrível presidente,  
preciso ter muita fé  
para que mantenha em pé  
a vontade de ir a frente.

03/01/2015.

#### IV

Não é bem a gratidão,  
Virtude do coração,  
qualquer político ter.  
O que vale e o que se invoca  
É sempre a força da troca  
de quem exerce o poder.

04/01/2015.

#### V

Se não ladra, foi omissa,  
Eis a única premissa  
Neste assalto a Petrobras,  
Que a Polícia Federal  
Descubra a origem do mal  
Pra nação estar em paz.

05/01/2015.

#### VI

Foi Governo incompetente,  
Que gerou a Presidente  
Desastres na economia.  
Se não mexer em Levy,  
Calar-se e voltar-se a si,  
Talvez melhore a porfia.

06/01/2015.

## VII

Para ninguém é mistério  
Este inchado ministério,  
Um grande saco de gatos.  
Latifúndios Kátia nega,  
Patrus a chama de cega,  
Um retrocesso dos fatos.

07/01/2015.

## VIII

Todo o excesso tributário  
Tem sempre um destinatário  
Sustentar corrupção  
E quem quer se aboletar  
Sem precisar trabalhar  
Nos cabides da nação.

08/01/2015.

## IX

Ter poder pelo poder,  
Mesmo sem o merecer,  
É próprio do governante.  
Mandar tem suas delicias,  
No peculato as premissas,  
O que o torna delirante.

09/01/2015.

## X

É raro um governo bom  
Melhor porém o seu tom  
Do que qualquer anarquia,  
Black Blocs eu bem sei,  
Quando maculam a lei  
Na prisão é que se enfia.

10/01/2015.

## XI

Quando se elege um partido,  
Com apoio dividido  
Dos que partilham receitas,  
É crime contra a nação,  
Peculato ou concussão,  
Punições têm que ser feitas.

11/01/2015.

## XII

Este assalto permanente  
De um partido indiferente  
Ao que é público e privado,  
Tornando seu o dinheiro,  
Ganho pelo brasileiro,  
Tem que ser bem apenado.

12/01/2015.

### XIII

As vezes tenho vontade,  
Pois parece-me verdade  
Dizer o que o povo espalha,  
O poder vive do achaque,  
Que ganha maior destaque,  
Quanto mais se faz canalha.

13/01/2015.

### XIV

Um político moral  
Não precisa ter aval  
Para buscar o poder,  
São poucos, mas vale a pena  
Bem colocá-los em cena  
Pro povo voltar a crer.

14/01/2015.

### XV

Apesar do mar de lodo,  
Que leva a moral de rodo,  
Deste governo pequeno,  
Pelo bem sempre a lutar.  
Nós temos e sem parar,  
Para vencer tal veneno.

15/01/2015.

## XVI

A liberdade de imprensa  
Não pode ser tão imensa,  
Nem cheirar a hipocrisia.  
Esta França elitizada  
Veda temas de fachada,  
Que vedar não caberia.

16/01/2015.

## XVII

Tem vocação de palhaços  
Quem no poder busca espaços  
Pensando ser imortais,  
O roubo não levarão,  
Como os outros morrerão,  
Com manchas nos seus anais.

17/01/2015.

## XVIII

Quando alguém se diz surpresa,  
Por estar no assalto presa  
Neste saque escancarado,  
Bem pode ser conivente  
Ou enorme incompetente  
Neste golpe descarado.

18/01/2015.

## XIX

Quanta verdade escondida  
P'ra sempre faz-se perdida  
Se um governo é desonesto.  
Para se ter mais poder  
Mentem, roubam a valer  
Num autêntico sequestro.

19/01/2015.

## XX

Quando o Governo é incapaz  
E faz do imposto seu ás  
Para o povo sufocar,  
Aos saqueadores um basta,  
Cortando-se o que se gasta,  
Nas benesses deste altar.

20/01/2015.

## XXI

O CARF passou a ser  
Um assessor do poder,  
Protetor e irmão de sangue,  
Que leva sem qualquer susto  
A arrancar a todo custo,  
Dinheiro de um povo exangue.

21/01/2015.

## XXII

A podridão cada dia  
Tira do povo a alegria  
Quanto mais é revelada.  
O retrato faz-se mórbido  
Pois este governo sórdido  
Finge não saber de nada.

22/01/2015.

## XXIII

Concussão, foi concussão  
Da chefe do Petrolão  
Quando ao roubo deu aval  
Neste desfiar de teia.  
Merece ir para cadeia  
O Governo sem moral.

23/01/2015.

## XXIV

Não há mais dúvida agora,  
O roubo não foi de fora,  
Foi pra manter o poder.  
Quando se segue esta teia,  
Tem que se por na cadeia  
Doa a dor a quem doer.

24/01/2015.

## XXV

Cansei-me deste país.  
Não do Brasil que bem quis,  
Mas da corja que o dirige.  
Poucos bons, muitos canalhas,  
Com seus castelos de palhas  
Tendo o roubo por effigie.

25/01/2015.

## XXVI

Cada dia um roubo novo  
Sobre o dinheiro do povo,  
Estoura pelos jornais.  
Ninguém sabe o que fazer,  
Porque quem tem o poder  
Faz da plebe seus varais.

26/02/2015.

## XXVII

Da algibeira sempre tira  
O governo uma mentira  
Para o seu povo enganar.  
Do roubo nada sabia,  
Apesar de cada dia,  
O roubo solto deixar.

27/01/2015.

### XXVIII

Disse Dilma que vai bem  
Seu governo e que também  
Não mudou a sua trilha,  
Ou é mentirosa ou cega,  
Esta louca que navega  
A “Versailles” de Brasília.

28/01/2015.

### XXIX

Todos amigos do rei  
São mais de cem mil, eu sei,  
Convidados sem concurso.  
Obama tem quatro mil.  
É que no pobre Brasil  
O roubo está sempre em curso.

29/01/2015.

### XXX

Os sextetos deste mês  
De tristeza são talvez,  
Pelo assalto a este país,  
Confesso não ter vontade  
Em continuar a verdade  
Contar pro povo infeliz.

30/01/2015.

## XXXI

Última vez que o poder  
Será no meu escrever  
Tema destes maus sextetos.  
Sobre temas mais amenos  
Em versos bem mais serenos  
Lançarei os meus gravetos.

31/01/2015

## Janeiro

### A

Uma quadra sem sentido  
Não deveria escrever,  
Mas eu escrevo esquecido  
De falar sobre o poder.

### B

Quanto mais esquisitice  
Mostra um governo aturdido,  
Tanto mais a canalhice  
Torna este povo ferido.

### C

Não sei se, às vezes, menino  
Sou demais na minha idade,  
Mas busco, no meu destino,  
Encontrar sempre a verdade.

31/01/2015.

FEVEREIRO 2015

Sextestos do eu ninguém

## I

A velhice mostra bem  
Que nós somos um ninguém  
Na imensidão do Universo.  
O poder, como a vaidade,  
Nada valem na verdade,  
O mundo na morte imerso.

01/02/2015.

## II

Para que juntar riquezas,  
Às vezes com malvadezas,  
Se não podemos levá-las.  
A vida vale no “ser”,  
E não apenas em “ter”,  
Pois terminamos em valas.

02/02/2015.

## III

Vive melhor pela vida  
Quem se desprende na lida  
Dos bens que são os seus donos.  
Riquezas pensamos ter  
Mas são estas que, a meu ver,  
Acorrentam-nos nos tronos.

03/02/2015.

#### IV

Tão rápida a vida passa,  
Que mesmo que o tempo espaça  
É nada na eternidade.  
Só vale servir a Deus  
E servir também aos seus,  
Enquanto o tempo se evade.

04/02/2015.

#### V

Somos ninguém pelo espaço.  
O mais poderoso, em Paço,  
Não passa de um condenado,  
Morrerá sem perceber  
Que nada vale o poder.  
É certamente um coitado.

05/02/2015.

#### VI

O sábio pouco se importa  
Em ter poder. Não exorta  
Os outros a admirá-lo.  
Bem vive o tempo que resta,  
No seu saber faz a festa,  
O resto joga no ralo.

06/02/2015.

## VII

Eu tenho de um julgamento,  
Que não se perde no vento,  
Receio nesta incerteza,  
É saber que os erros meus  
Podem ter causado em Deus,  
Por ser seu filho, tristeza.

07/02/2015.

## VIII

É bem difícil entender,  
Que tendo todo o Poder,  
Que por mim se importe Deus  
E por toda a humanidade,  
Que não vendo o qu'ê a verdade,  
Afasta o Senhor dos seus.

08/02/2015.

## IX

Ângela, formosa filha,  
Que só do bem segue a trilha,  
Hoje faz aniversário.  
Mudou ao nascer a vida  
E se fez de mim querida.  
É festa em meu calendário.

09/02/2015.

X

Quanto mais tempo se vive,  
Quando a vida entra em declive  
É que a pergunta se faz.  
Só valeu, de fato, a pena  
No amor, a entrega serena  
Aos outros, com muita paz.

10/02/2015.

XI

De Lourdes Nossa Senhora,  
A humanidade te implora  
Proteção neste teu dia,  
Sou filho de Deus da Filha,  
Buscando seguir a trilha,  
Que me mostras na alegria.

11/02/2015.

XII

Comemorei os oitenta,  
Idade que não se inventa,  
Pois na pele há cicatrizes.  
Valeu ver minha família  
Seguindo na mesma trilha,  
Valente e sem ter deslizes.

12/02/2015.

### XIII

Quanto mais podre o poder  
Mais busca se defender,  
Negando o mal praticado.  
Ataca os acusadores  
Os tornando “mal feitores”,  
Pelo crime demonstrado.

13/02/2015.

### XIV

Somos as folhas tombadas,  
Que morrem sempre caladas,  
Quando o tempo tira a vida,  
Nada levamos da terra  
E a louca luta se encerra  
Para sempre adormecida.

14/02/2015.

### XV

Quanto mais eu me conheço  
Sei que de Deus não mereço  
Todo o apoio que me dá.  
São tantos os meus defeitos,  
Que meus gestos imperfeitos  
São enterrados sem pá.

15/02/2015.

## XVI

Por que nos incomodamos  
Se os outros tem outros amos  
E são de nós diferentes  
E se pensam sobre nós,  
Olhando-nos de retrós,  
Sem ares benevolentes?

16/02/2015.

## XVII

Na vida, é pobre coitado  
Quem vive buscando agrado  
Das pessoas que conhece.  
Deixa de ser ele mesmo  
E caminha sempre a esmo,  
Num viver que empequenece.

17/02/2015.

## XVIII

Quem na vida tem um sonho  
Jamais se torna tristonho,  
Pois luta por atingí-lo.  
Pouco importa se consegue,  
O que importa é que navegue  
Tendo sempre o seu estilo.

18/02/2015.

XIX

Não se entregar a doença,  
Em Deus manter sua crença,  
Lutando sem desespero,  
Assim batalha o cristão,  
Ao erro dizendo não,  
Colocando em tudo esmero.

19/02/2015.

XX

*Para Ruth.*

Muito trabalho hoje à tarde,  
O sol tímido não arde,  
Num tempo bem moderado,  
Escrevo e falo sem rito,  
Embora seja infinito  
O amor por ti de meu lado.

20/02/2015.

XXI

Quanto mais é bem canalha  
Mais sua mentira espalha  
Se se encontra no poder.  
Assim o Brasil sofrido  
Tem seu orgulho ferido  
Sem saber o que fazer.

21/02/2015.

## XXII

*Para Angela.*

A minha filha em Chicago,  
Pelo “face” que não pago,  
Ligou-me que bem chegou.  
Eu não sei, em seu intento,  
Como faz com o seu tempo,  
Com o qual dá sempre “show”.

22/02/2015.

## XXIII

Um sexteto em fim do dia,  
Que meu dever mais amplia  
De escrever na bela agenda,  
O caminhar vai bem junto  
Da minha falta de assunto.  
Que a inspiração não se renda.

23/02/2015.

## XXIV

De mais em mais minha artrite,  
Embora jamais me irrite,  
De mim vai tomando conta.  
Pouco importa vou em frente,  
Com um andar diferente  
E uma bengala de ponta.

24/02/2015.

XXV

Quanto mais amar a Deus,  
Mais amor deve-se aos seus,  
Pois assim vive o cristão,  
Deve a Deus fazer o bem  
E não se olvidar também  
Do próximo, em coração.

25/02/2015.

XXVI

Mais um mês com meu Senhor,  
Só no corpo tenho dor,  
O resto vai excelente,  
Nada deixo por fazer,  
Procurando assim viver  
O tempo que tenho á frente.

26/02/2015.

XXVII

O Brasil se desfigura,  
Vive só de sinecura  
E da esquerda truculenta,  
Quanto mais ele vai mal,  
Do mundo não tendo aval,  
Mais se esconde a “Presidenta”.

27/02/2015.

## XXVIII

*Para Ruth*

Paul dizia “Je vous aime  
Et je dis toujours les mêmes  
Choses” em “Eu e Você”.  
O livro foi o primeiro  
Que me deste e seu “herdeiro”  
Sempre digo o que se lê.

28/02/2015.

### Fevereiro

#### 1-A

É Lula um agitador,  
Tisna a sua presidência,  
Parece mais “batedor”  
Do que ter sido “excelência”.

#### 1-B

É, no mundo, a Petrobrás  
Estupenda saqueadora,  
Tirou de seu povo a paz,  
Foi do roubo a promotora.

#### 1-C

Petulância e incompetência  
Há no governo de sobra,  
Seu veneno, na indecência,  
Lembra peçonhenta cobra.

#### 1-D

Na Quaresma o sacrifício  
É não falar do governo,  
O futuro tão propício  
Ele levou para o inferno.

28/02/2015.

MARÇO 2015

Cantador

I

Eu sou sempre um cantador  
De minha história de amor  
Igual assim pelo tempo,  
As palavras diferentes  
Têm soluços e repentes,  
No meu querer bem atento.

01/03/2015.

II

*De Guilherme para João Carlos*

Para este grande regente  
Amado por toda a gente,  
João Carlos, que o perfil traço,  
Todo o mundo te enaltece,  
Fazendo em coro uma prece,  
Ao dar-te este forte abraço.

02/03/2015.

III

Quanto mais canto meu canto,  
Mas de mim afasto o pranto  
Dos limites da velhice.  
Vivo sempre aberto ao mundo  
Bem querendo em tom profundo,  
Mesmo à luz desta sandice.

03/03/2015.

IV

Eu canto mil priscas eras,  
Meu coração em quimeras,  
Que me fazem ser feliz.  
De Cristo sou cavaleiro,  
Meu amor dou por inteiro  
A Ruth que eu sempre quis.

04/03/2015.

V

Quando eu ouço a Campanela,  
Que se faz tanto mais bela,  
Seja em Liszt ou Paganini,  
Amo a Deus, Seu Universo,  
E que este meu pobre verso  
Por você jamais decline.

05/03/2015.

VI

Cantador, canto a canção,  
Que sobe do coração  
Por você mãe de meus filhos,  
Sinto sempre em teu olhar  
A brisa que vem do mar  
E das estrelas seus brilhos.

06/03/2015.

## VII

Cantador, canto meus sonhos,  
Que jamais são enfadonhos,  
Por neles tu navegares,  
Como em belas caravelas,  
Enfunadas suas velas,  
Singrando bravios mares.

07/03/2015.

## VIII

Cantador de teu olhar,  
Ora verde como o mar,  
Ora cor dos pantanais,  
Sou eterno prisioneiro  
Curvando-me por inteiro,  
Como fazem os samurais.

08/03/2015.

## IX

Cantador, vivo cantando,  
Meu verso de quando em quando,  
Por ti forjado em estrelas  
E penso sempre que as vejo,  
Envoltas em meu desejo,  
No tempo poder retê-las.

09/03/2015.

X

Querida Ruth, perdão  
Pelas flores não ter não  
Mandado no dia certo.  
Tu és aquela menina  
Que Deus a mim me destina  
Para alegrar meu deserto.

10/03/2015.

XI

Cantador de desencanto,  
Vejo triste e com espanto,  
Um governo sem moral  
Pisá-la por este asfalto  
De podridão, cujo assalto  
Ao povo faz muito mal.

11/03/2015.

XII

Cantador, vejo o Brasil  
Desvalando num funil  
Dos crimes de um mau poder,  
Cantarei minha revolta  
Esperando estar de volta  
O país de meu querer.

12/03/2015.

### XIII

Cantador, vejo meu canto  
Repleto de desencanto  
Com o Poder brasileiro  
Campeia só bandidagem  
E o povo sem ter blindagem  
Sofre este mal por inteiro.

Santana de Parnaíba, 13/03/2015.

### XIV

Cantador não sei cantar  
Nesta tristeza sem par  
Ao ver a pátria assaltada,  
O Poder é só mentira  
Sem que o bem nele interfira  
E o mal ganha em disparada.

Santana de Parnaíba, 14/03/2015.

### XV

Cantador da multidão,  
Alegra-me o coração  
Ver o povo revoltado  
Nas ruas gritando “fora”  
Ao governo sem escora  
E sem moral de seu lado.

15/03/2015.

## XVI

Cantador, canto aos meus pares,  
Lutando por outros ares  
No coração de Brasília  
Para ver o nosso povo  
Ter alegria de novo,  
Em sua pátria e família.

16/03/2015.

## XVII

Cantador, sinto esperança  
Que após a luta, bonança  
Virá para a nossa gente  
Com um governo sincero.  
É sempre aquilo que espero  
Par'um Brasil diferente.

17/03/2015.

## XVIII

Cantador, canto Meu Deus,  
Qu'ê também de todos meus,  
Pois no frio dá calor,  
Torna sempre o coração  
Um enorme casarão,  
Onde deposito Amor.

18/03/2015.

XIX

Cantador, canto José,  
Que colocou sua fé  
Em Cristo Deus e Maria,  
Hoje, toda a cristandade  
Comemora de verdade  
A beleza de seu dia.

19/03/2015.

XX

Cantador do mês de Março,  
Meu repúdio não disfarço  
Aos ladrões da Petrobrás,  
Tornaram, no meu país,  
O povo muito infeliz  
Por sua ações tão más.

20/03/2015.

XXI

Cantador, disponho o braço  
Com caneta neste espaço  
Feito por Marluce e Eurico,  
Tem o circo como tema  
Inspirando meu poema,  
Tornando o desenho rico.

21/03/2015.

XXII

Cantador, sei meu limite  
Sem talento e com artrite,  
Escrevendo sem parar,  
A cabeça' inda trabalha,  
Mas meu andar atrapalha  
Os programas a abraçar.

22/03/2015.

XXIII

“Cantador”, por este mês,  
Muito embora d’outra vez  
“Eu ninguém” foi Fevereiro,  
“Sem virtudes o Poder”  
Foi o tema de escrever  
No longo mês de Janeiro.

23/03/2015.

XXIV

Cantador, sou cantador,  
Cantador de meu amor  
Por toda minha família.  
Cantador, sigo cantando  
Os meus versos espalhando  
Por minha modesta trilha.

24/03/2015.

XXV

*Para Fernando*

Estamos admirando  
A beleza soberana  
Deste menino Fernando  
Para o pai e Tatiana,  
Trazendo só alegria,  
Que se espalha todo dia.

25/03/2015.

XXVI

Cantador de velhos tempos,  
Sendo os passos hoje lentos,  
Nunca deixo de sonhar,  
Poucos cabelos e brancos,  
Com os meus andares mancos,  
Inspiro-me em teu olhar.

26/03/2015.

XXVII

*Para Ruth*

Cantador, vivo cantando  
A vida de quando em quando  
E o meu amor por você.  
Mesmo velho, meu amor  
Tem sempre novo sabor  
Que toda a gente bem vê.

27/03/2015.

### XXVIII

Cantador há tantos anos,  
Em tempos bons ou insanos  
Vou trilhando meu caminho,  
Defendendo o bom Direito,  
Que trago dentro do peito,  
Embora lute sozinho.

28/03/2015.

### XXIX

Cantador sinto o Brasil  
Pendurado por um fio  
Por força do descabro  
De um governo autoritário  
Que macula o calendário  
E faz o porvir macabro.

29/03/2015.

### XXX

Cantador, canto a tristeza  
De um povo que com certeza  
Ser feliz mereceria,  
Pelo poder assaltado  
Vê roubo de todo lado  
Perdendo sua alegria.

30/03/2015.

## XXXI

Cantador, último dia  
Que canto minha alegria  
De poetar sem avanço  
No mês de Abril pensarei  
Um tema fora da lei,  
Como Saulo, em seu descanso.

31/03/2015.

## Março

### I

Cantador, cantei meu canto  
Não descobrindo talento  
No que fiz causa-me espanto  
Como os versos reinvento

31/03/2015.

### II

Cantador, só cantador  
Como vi no festival,  
Mas eu não cantei a dor,  
Cantei o bem, não o mal

31/03/2015.

### III

*Para Ruth*

Cantador, no meu espaço  
Cantador só por cantar  
Meço na vida meu passo  
É vivo de teu olhar.

31/03/2015.

ABRIL 2015

Sem saber

## I

Faço versos sem saber  
Quanto vale meu querer  
Destes sextetos compor,  
Corre a pena todo o dia  
Ora, vivendo a alegria  
Ora, fugindo da dor.

01/04/2015.

## II

Vive-se hoje a Eucaristia  
Um alegre e triste dia  
Para Meu Deus e Senhor.  
O tempo se fez em dois  
Antes de Cristo e depois  
De sua entrega de Amor.

02/04/2025.

## III

Cristo revive a Paixão,  
Tendo o imenso coração  
Entregue pra humanidade.  
É Deus pregado na Cruz,  
Mas para mim é Jesus  
Senhor de toda a verdade.

03/04/2015.

#### IV

Neste sexteto hoje canto  
De Deus o sábado santo.  
Na espera do anoitecer,  
Quando na Ressureição  
A alegria do Cristão  
Irá toda renascer.

Jaguariúna 04/04/2015.

#### V

Ressuscitou meu Senhor  
No belo dia de Amor  
Na grande Páscoa de Deus.  
Faz-se assim a plenitude  
Da verdade e da virtude  
Que busco ter com os meus.

05/04/2015.

#### VI

Nova semana começo  
No meu versejar tropeço  
Continuando sem saber  
O que fazer todo o dia,  
No talento que se esfria,  
O que na agenda escrever.

06/04/2015.

## VII

Sem saber eu continuo,  
Sem sucesso e sem amuo,  
A caminhar pela vida,  
O passo sempre mais lento,  
Sem cabelos para o vento,  
Mas sempre a tendo, querida.

07/04/2015.

## VIII

Pela manhã, comecei  
Por escrever sobre lei  
De uma taxa do Pará.  
É lei bem feita, pois não  
Macula a Constituição.  
O Estado assim cobrá.

08/04/2015.

## IX

Deste Governo cansado,  
Por ele sempre assaltado,  
Tenho pena do Brasil.  
Uma louca presidente  
Torna o país decadente,  
Escondida em seu covil.

09/04/2015.

X

“Longa manus”, o Supremo  
Transforma seu ato extremo  
Esteira do Executivo,  
Se o Governo faz apelo  
Nunca decide, em seu zelo,  
De ser dele um adesivo.

10/04/2015.

XI

Dilma vive prepotência  
Com enorme incompetência  
Em governar o Brasil,  
Nunca tanto se roubou,  
Mas sempre faz o seu show,  
Num de pólvora barril.

11/04/2015.

XII

Todos querem Dilma fora  
E a presidente não cora  
Em ver o gesto do povo,  
Seu fracasso é retumbante  
Mas ela bem segue avante  
E quer fracassar de novo.

12/04/2015.

### XIII

Pobre povo brasileiro  
Gatunagem por inteiro  
Descobre-se no poder,  
Sufocado por tributos  
— Estes nunca rendem frutos —  
Só lhe resta, pois, sofrer.

13/05/2015.

### XIV

Cada dia um novo saque  
Merece em jornais destaque  
Deste Governo malandro,  
O mar de lama é tamanho,  
Que não me parece estranho,  
Nele descer de escafandro.

14/04/2015.

### XV

Meu Conselho Superior  
Mostrou ter o seu valor  
Ao criticar o poder,  
Sabe o Conselho, entretanto,  
Que Dilma mente no canto,  
Dizendo “nada saber”.

15/04/2015.

XVI

O tempo vai se estreitando,  
Pois vê-se de quando em quando,  
Como este roubar vai alto,  
Economia parada,  
Inflação em disparada  
E o Governo em pleno assalto.

16/04/2015.

XVII

Somos todos pecadores  
Gerando sempre mais dores  
Em nosso Deus e Senhor,  
Mas sendo o Deus da Concórdia  
A sua misericórdia  
Sempre nos dá com amor.

17/04/2015.

XVIII

Vou me embora p'ra Jaragua  
Lá minha casa tem água,  
Numa azulada piscina.  
Minha família do lado,  
Nunca, me deixa calado  
E Ruth é minha menina.

18/04/2015.

## XIX

O São Paulo não tem jeito,  
Um time mais que imperfeito,  
Tem que ser modificado,  
Pois vive sempre a perder,  
Sem saber o que fazer,  
Com seu elenco abalado.

Jaguaríuna 19/04/2015.

## XX

Sou cidadão do Brasil,  
Cuja bandeira de anil  
Tem um escudo no centro.  
Eu trago o amor pela terra,  
Que no meu peito se encerra,  
Com uma chama por dentro.

Jaguaríuna 20/04/2015.

## XXI

Revolução tributária  
De uma nobreza canalha  
Deu Tiradentes à morte.  
Hoje, o povo brasileiro,  
Os tributos por inteiro,  
Paga, tendo a mesma sorte.

Jaguaríuna 21/04/2015.

XXII

Gravarei novo programa,  
Já não tendo a mesma chama  
De buscar a anatomia  
De um poder que se avacalha  
E se torna mais canalha,  
Como se vê todo o dia.

22/04/2015.

XXIII

Bem feroz e desigual  
A luta de cada qual  
É na vida o tempo inteiro,  
Mas aqui quem nos governa  
Mais difícil luta interna  
Faz pra todo brasileiro.

23/04/2015.

XXIV

Faz-se sempre sem sentido  
Quem luta por mais querido  
Ser na vida com dinheiro,  
Pois não percebe, o coitado,  
Que não leva-o pr'outro lado,  
Porque lá não há banqueiro.

24/04/2015.

## XXV

Eu gosto de trabalhar  
Tendo música a escutar  
E sem ser interrompido.  
No fim de semana o faço,  
Mas, sem no escritório espaço,  
Eu lá não hei conseguido.

25/04/2015.

## XXVI

Minha mulher em retiro,  
Nestes versos me refiro  
Dando apoio com saudade.  
Nosso querer ao Senhor  
É maior que nosso amor  
Que medir igual não há-de.

26/04/2015.

## XXVII

É nosso amor tão imenso,  
No tempo sempre tão denso,  
Igual não há pela lida.  
Só é menor nosso amor,  
Que ao que temos ao Senhor  
A quem demos nossa vida.

27/04/2015.

### XXVIII

De tanto mal governar  
Agora até de falar  
Tem pavor a presidente,  
A economia vai mal,  
O povo não dá-lhe aval  
E o fim virá de repente.

28/04/2015.

### XXIX

Fim de noite num sexteto,  
Sem música no coreto  
Que tenho no coração,  
Do trabalho já cansado,  
Pouco deixando em legado,  
Porém sem lutar em vão.

29/04/2015.

### XXX

Sextetos em quatro meses,  
Mesmo tema, tantas vezes,  
Mas cumpro minha promessa.  
Versejarei todos dias,  
Com tristezas, alegrias,  
Sem que alguém meu canto meça.

30/04/2015.

## Abril

### 1

Ouço Horst e seus planetas  
Júpiter é que mais gosto  
Das alegrias facetas  
É nelas que a gente encosta.

### 2

É Marte, senhor da guerra,  
E Vênus, deusa da paz,  
Saturno faz velha a terra,  
Mercúrio a mensagem traz.

### 3

O misticismo de Urano  
Cerca o místico Netuno  
E neste fundo de pano  
Que os sete se tornam uno.

30/04/2015.

MAIO 2015

Maio sempre o mesmo

I

O mês de Maio começa  
É nele que rezo à beça  
A minha Santa Maria,  
O meu amor sem limite,  
Malgrado esta minha artrite,  
Por Ela traz-me alegria.

01/05/2015.

II

Ontem saiu no Estadão,  
Artigo sem palavrão  
Para Dilma meditar,  
O jeito de sua fala  
Há muita gente que cala  
Para também não xingar.

02/05/2015.

III

Às vezes falo comigo,  
Pois com outros não consigo  
Externalizar a irritação  
Que tenho contra a mentira  
Que o governo sempre atira  
A toda população.

03/05/2015.

#### IV

Hoje profiro palestra  
Tendo como minha mestra  
A “verdade verdadeira”,  
Tal qual rio vai a foz,  
Assim seguiremos nós,  
A esperança em sua esteira.

04/05/2015.

#### V

Velhice tem seus encantos,  
Descobrem-se mais recantos,  
No coração escondidos.  
Ama-se mais quem nos ama,  
Os fatos não geram drama,  
Como nos passados idos.

05/05/2015.

#### VI

Se não sou interrompido  
Tem meu escrito sentido,  
Sendo bem mais palatável,  
Não que seja muito bom  
Mas tem sempre melhor tom  
Sem ser tão desagradável.

06/05/2015.

## VII

Jogamos contra o Cruzeiro,  
Com o time não inteiro,  
Sem Fabiano e sem Bastos,  
Ganhamos por um só gol,  
Com raça mas sem dar show,  
O que serviu para os gastos.

07/05/2015.

## VIII

Um dia muito agitado,  
Mantendo a calma de um lado,  
Na luta em tudo fazer,  
Meu trabalho traz cansaço,  
Mas eu uso todo o espaço  
Do tempo para o manter.

08/05/2015.

## IX

Foi de Dom Álvaro a Missa  
Que fez história na liça  
Pelo bem em toda a vida,  
Foi do Padre sucessor  
E só espalhou amor  
Do nascimento à partida.

09/05/2015.

X  
Ruth

*Para o Dia das Mães*

Linda mãe e namorada,  
Que caminha em nossa estrada,  
Tendo Deus em sua trilha,  
Gratos somos no seu dia,  
Pelo que deste alegria  
Pra toda nossa família.

10/05/2015.

XI

Vou gravar mais 3 programas  
Narrando do povo os dramas  
De ter Dilma presidente,  
Do Poder a anatomia  
Descrevo sem alegria  
O que faz a minha gente.

11/05/2015.

XII

Quando vejo meu país,  
Triste, abatido e infeliz  
E os governantes felizes  
Dá vontade de gritar  
E toda a lama esfregar  
Na ponta de seus narizes.

12/05/2015.

### XIII

Um sexteto pelo dia,  
Cinzento e sem alegria,  
Mas tenho-a no coração,  
Temos que viver na luta,  
Do noticiário na escuta  
Para assim entrar na ação.

13/05/2015.

### XIV

Minha gripe não me deixa,  
Prende-me como uma gueixa,  
No meu trabalho e no lar.  
Vou em frente, todavia,  
Buscando ter harmonia  
Sem no labor eu parar.

14/05/2015.

### XV

Três palestras num só dia  
Prometi que não faria  
Mais loucuras desta sorte,  
Mas senti-me encurralado  
Sem poder mudar de lado  
E fazer no esquema um corte.

15/05/2015.

XVI

Eu continuo gripado  
Trabalhando, mas cansado  
Sem fôlego, sem respiro,  
Os sextetos sem temática,  
Mas na rima matemática  
É onde sempre me inspiro.

16/05/2015.

XVII

Tem por nome “Grande Porta”  
O filme que bem comporta  
Minha atenção e de Ruth,  
É puro nos sentimentos,  
Luta o bem contra os maus ventos.  
Com você eu o desfruto.

17/05/2015.

XVIII

É sempre a mesma rotina,  
Que faço na minha sina  
De labor desde criança,  
Mas caminho sempre em frente,  
Remando contra a corrente,  
Jamais perdendo a esperança.

18/05/2015.

XIX

Santo Ives

Hoje é dia de meu Santo,  
Que ao mundo causou espanto,  
Por tantos milagres feitos,  
Foi da lei um defensor,  
Magistrado com amor  
E jurista sem defeitos.

19/05/2015.

XX

Roberto aniversaria,  
Dando-nos muita alegria  
Na vida entregue pra Deus,  
Os anos cinquenta e dois,  
Que venham muitos depois  
Para alegrarem-se os seus.

20/05/2015.

XXI

Hoje a noite li apenas,  
As músicas sem antenas,  
Ouvindo, clássicas sendo.  
Eu descanso enquanto leio,  
Pelos sonhos eu passeio  
E ao teu amor eu me rendo.

21/05/2015.

## XXII

Quem governa quer viver,  
Mesmo que o povo a morrer,  
Não consiga sustentá-lo,  
Pouco importa, pisa em cima  
E cria horroroso clima  
Jogando a moral no ralo.

22/05/2015.

## XXIII

Ouçõ a 4ª. Sinfonia  
De Bruckner, na alegria,  
Com explosões e vagares,  
Um selvagem romantismo  
Enche a sala enquanto cismo,  
Tendo sonhos aos milhares.

23/05/2015.

## XXIV

Minha artrite causa dor  
Sem futuro animador,  
Procuro-lhe não dar bola,  
Passo o dia sem descanso  
E torno o corpo mais manso,  
Com isto a dor não me amola.

24/05/2015.

XXV

*Para Ruth*

Os velhos amam também,  
Quando encontram seu bem,  
Vivem plena primavera.  
Assim, meu amor é tanto  
Por você, pleno de encanto,  
Que em meu coração impera.

25/05/2011.

XXVI

Caminho pela existência,  
Procurando a sua essência,  
Nos atos do rotineiro.  
Apenas trabalhador,  
Vencendo do corpo a dor,  
Mas um calmo caminheiro.

26/05/2015.

XXVII

O meu sentido da vida,  
É ter Deus na despedida,  
Prestando contas dos anos,  
Mostrando os erros e acertos,  
Momentos calmos e apertos,  
Como fazem os humanos.

27/05/2015.

### XXVIII

Terminar os meus sextetos,  
Como fiz com meus sonetos,  
Parece bem complicado,  
Escrever por escrever  
O farei até morrer,  
Sem inspiração do lado.

28/05/2015.

### XXIX

Querer subir pela vida,  
Pondo os outros na descida  
Sem pensar no bem servir,  
Pode dar até sucesso,  
Há, porém, fracasso expresso  
Neste viver e mentir.

29/05/2015.

### XXX

A luta por mais espaço,  
Que todos a cada passo,  
No mundo lutam por ter  
Sem Deus, é trabalho vão,  
Pois feito sem coração,  
Que não penetra no ser.

30/05/2015.

### XXXI

Mais um mês eu hoje encerro,  
Com versos a fogo e ferro,  
O talento sempre escasso,  
Porém, promessa é promessa,  
E assim escrevo sem pressa,  
Em temas que não refaço.

31/05/2015.

### Maio

#### A

As quadras que nunca paro  
De escrever, dia após dia,  
Malgrado o talento raro  
Causam-me sempre alegria.

31/05/2015.

#### B

*Para Ruth*

Quantos livros escrevi?  
Não me lembro, foram tantos,  
Alguns foram para ti,  
Repletos de alegres cantos.

31/05/2015.

#### C

Quanto mais velho, mais sinto  
Que pouco fiz pela vida,  
Muito lutei, mas não minto  
Que bem gostei desta lida.

31/05/2015.

Junho 2015

Um mês como outro qualquer

## I

Novo mês e nova luta  
É sempre a mesma labuta  
Que busco santificar,  
Pouco valem as verbenas,  
São as ofertas apenas  
Que venho a Deus dedicar.

01/06/2015.

## II

Um difícil parecer  
Eu principio a escrever  
Sobre o Fisco sem moral.  
Tais horríveis publicanos  
Ao mundo só causam danos,  
Pois dedicados ao mal.

02/06/2015.

## III

As vezes tenho a impressão  
De ser meu trabalho vão,  
Neste esforço sem vontade,  
Muitos dependem de mim,  
E apesar de estar no fim,  
Trabalho, malgrado a idade.

03/06/2015.

#### IV

Minha querida Fernanda,  
Que no meu coração manda,  
Teu avô muito te quer,  
Com teu jeito carinhoso  
E este sorriso bondoso,  
És exemplo de mulher.

Jaguariúna. 04/06/2015.

#### V

A família reunida,  
Formosa e plena de vida,  
Num jantar na Casa Bela,  
Aos avós dão alegria,  
Por tê-los juntos no dia,  
Sob uma luz amarela.

Jaguariúna, 05/06/2015.

#### VI

Fim de semana no campo,  
Que nestes versos estampo  
Com mais um sexteto feito,  
Houve muito aniversário,  
Juntos neste calendário,  
Que bem merece respeito.

Jaguariúna, 06/06/2015.

## VII

Filhos, netos, alegrias  
Nesta semana com dias  
Repletos de aniversários,  
Foram quatro, de meu filho  
E dos três netos no trilho,  
Completando os calendários.

Jaguariúna, 07/06/2015.

## VIII

Continuo minha sina  
Que o poetar me destina,  
De escrever todos os dias,  
Sem tema no meu trabalho,  
No sem saber eu encalho,  
Andando por rodovias.

08/06/2015.

## IX

Dois canais prejudicados,  
Dores em todos os lados,  
Bem atingindo dois dentes,  
Aguentei no meu descanso,  
Mas como o mal faz avanço,  
Vi dentistas diferentes.

09/06/2015.

X

Abriram hoje os canais,  
Penduraram nos varais  
Minhas dores destes dias,  
Completarão seu labor  
E verei o seu valor  
Em restituir-me alegrias.

10/06/2015.

XI

Papai além de cem anos,  
Faria assim soberanos  
Na bem sucedida vida.  
Ado faz setenta e sete  
E à nossa infância remete  
De família bem unida.

11/06/2015.

XII

Dia dos Namorados

Ruth minha namorada,  
Continua minha fada  
Sem varinha de condão,  
Em sessenta e duas vezes,  
Durante dias e meses,  
Conquistou meu coração.

12/06/2015.

### XIII

Ouço música espanhola,  
Clássica sem castanhola,  
Diferente e encantadora,  
Tem estranhas melodias  
Que remontam velhos dias  
Com sua lembrança moura.

13/06/2015.

### XIV

Meu neto faz sua festa,  
Um príncipe na floresta,  
Com seus cabelos cor d'ouro,  
A família toda junta  
Grita de forma conjunta  
Parabéns num belo coro.

14/06/2015.

### XV

Três palestras na semana,  
O corpo sempre reclama,  
Não lhe dou bola, entretanto.  
Ele vinga-se na artrite,  
Mas, por mais qu'isto me irrite,  
O seu protesto suplanto.

15/06/2015.

XVI

Lula perde as estribeiras  
Sente ser lançado às beiras  
Por verdades reveladas,  
Sendo quase analfabeto  
Fez das palestras projeto  
Com que recebe boladas.

16/06/2015.

XVII

Mais uma fala na classe,  
Falando no negro impasse  
Que Dilma pôs o Brasil,  
Nunca vi roubarem tanto  
Que a todos nós causa espanto,  
Descarados, sem ardil.

17/06/2015.

XVIII

*Para André e Melissa*

*13/06/2015*

Queridos Melissa e André,  
Depositários da fé,  
Que Deus descubrem na prece,  
Parabéns por esta trilha,  
Na qual a bela família  
No amor belíssimo cresce.

18/06/2015.

XIX

A Ruth estava comigo  
Num evento tão amigo,  
Na Escola chamada Ceu,  
Recebeu as suas flores,  
Com muitas e belas cores,  
Seu doce olhar como mel.

19/06/2015.

XX

Por mais longa é sempre breve,  
A vida que é muito leve  
Pra quem a sabe levar,  
Deixar na terra seu rastro  
É como elevar um mastro  
Por sobre as ondas do mar.

20/06/2015.

XXI

Quanta verdade escondida  
Quanta mentira vertida  
Neste mundo tresloucado,  
Quando se fala em PT  
Tudo que sempre se vê  
É o patrimônio roubado.

21/06/2015.

## XXII

Minha neta Daniela,  
Mesmo Down ela é tão bela  
Que os avós ficam rendidos.  
E conosco está André,  
Os dois nos trazem a fé  
Que à vida nos dá sentidos.

22/06/2015.

## XXIII

Uma palestra protesto,  
Seguido de intenso gesto  
Por um Brasil diferente,  
Combato de coração  
Do Governo a podridão  
Que machuca toda a gente.

23/06/2015.

## XXIV

O Ministro Augusto Nardes,  
Por dias, noites e tardes  
Trabalhou para o Brasil,  
Descobriu mil desperdícios,  
Nas contas cheias de vícios  
De um Poder que se faz vil.

24/06/2015.

XXV

O João aniversaria,  
Tornando alegre este dia  
Dos seus setenta mais cinco,  
Sua vida é uma lição  
De amor e superação,  
Onde o querer bem eu finco.

25/06/2015.

XXVI

Meus netos fazem folia,  
Embora com alegria,  
Põem tudo em polvorosa,  
Ruth calma deles trata,  
Num ato que não desata  
E Helena de cor de rosa.

26/06/2015.

XXVII

Um semestre que se acaba,  
O mau Brasil que desaba  
Rescendendo a podridão,  
A luta que continua,  
Embora renhida e crua,  
Por um país bem mais são.

27/06/2015.

### XXVIII

Mesmo cansado não cedo  
Neste filme sem enredo  
De um país desgovernado,  
Meu grito faz-se denúncia  
Na espera de uma renúncia  
De um governo maculado.

28/06/2015.

### XXIX

Foi um dia complicado,  
As dores por todo lado,  
Ontem, o corpo em frangalhos,  
Sistema gástrico péssimo,  
Remédios tomei o décimo,  
Calafrios e agasalhos.

29/06/2015.

### XXX

Foram seis meses corridos,  
Os ânimos revestidos  
De repulsa ao mau comando,  
Com seu ar tão prepotente  
E seu jeito incompetente  
Dilma afunda com seu bando.

30/06/2015.

## Junho

1

Vontade de aposentar-me,  
Porém sem poder parar  
Não há quem isto desarme  
Só me resta trabalhar.

2

Muito fiz e pouco fiz  
Nesta longa vida curta  
Fui infeliz e feliz  
Sem a mentira que furta.

3

Terminou mais este mês  
Como os outros tão igual  
Os assuntos, um por vez,  
Tratei dando-lhes aval.

30/06/2015.

JULHO 2015

Férias, amor e protesto

I

Dilma cai como um foguete,  
Foi o Brasil seu joguete  
Para afundá-lo de vez.  
O povo desesperado  
Não sabe para que lado  
Caminhar a cada mês.

01/07/2015.

II

Hoje aguardo uma consulta,  
Bem deveria haver multa  
Por tanto tempo esperar,  
Os reis respeitam horários,  
Por isto seus calendários  
São cumpridos sem parar.

02/07/2015.

III

O frio chega de vez,  
Ficará mês após mês,  
A vergastar toda gente,  
Minha artrite sente mais,  
Qual navio junto ao cais,  
Com vazamentos na frente.

03/07/2015.

IV

Férias hoje comecei  
Com Ruth me sinto rei  
Nestes dias de descanso,  
Mesmo assim alguns escritos  
Eu farei lembrando os ritos  
Com que na vida eu avanço.

04/07/2015.

V

Domingo nós terminamos  
Uma série que gostamos  
De um amor igual ao nosso.  
Começaram em idade  
Qual nós dois, quanta saudade  
Que de bem lembrar eu posso!!!

05/07/2015.

VI

Enfim, repouso se expande,  
Estamos no Casa Grande,  
Eu e Ruth aproveitando,  
A chuva fica distante,  
Que só se vê do mirante,  
Uns pingos de quando em quando.

Guarujá - 06/07/2015.

## VII

Hoje, choveu de verdade.  
E o tempo nublado invade  
As dependências do “Casa”.  
Eu e Ruth descansamos,  
Com sonhos por nossos amos,  
Que em nosso amor ganham asa.

Guarujá - 07/07/2015.

## VIII

E mais um dia de chuva,  
O tempo torna-se luva  
Para gerar mais descanso,  
Uns dias só para Ruth,  
A quem por mais que se escute,  
O amor nos seus olhos lança.

Guarujá - 08/07/2015.

## IX

As férias em Guarujá,  
Estou terminando já.  
Foram boas com você.  
Com descanso e muito amor,  
No frio fez o calor,  
Que só quem ama bem vê.

Guarujá - 09/07/2015.

## X

De novo, volto ao meu lar  
Após descanso no mar  
Com minha amada de infância,  
Assim as férias refaço  
Caminhando no meu passo,  
Que não conhece distância.

10/07/2015.

## XI

Quem tem poder pouco importa,  
Se há pro bem, uma porta,  
Pois só pensa em ter comando.  
A moral não tem valia  
E o servir, sem alegria,  
Só o faz de quando em quando.

Jaguariúna - 11/07/2015.

## XII

Deus me fala na oração,  
Ora com sim, ora não,  
Conduzindo-me na vida.  
Sua voz fala silente,  
Tornando o coração quente  
Para o instante da partida.

Jaguariúna - 12/07/2015.

### XIII

A vontade de abraçá-la  
Em mim nunca tem escala,  
Quando filmes com você  
Eu assisto, como dantes,  
Quando ainda só infantes,  
Nos cinemas, sem TV.

Jaguariúna - 13/07/2015.

### XIV

É mais um dia de volta,  
Que faço em minha revolta,  
Do fim das férias que tenho,  
Quando penso nos oitenta,  
Sem estar em marcha lenta,  
Trabalho com desempenho.

14/07/2015.

### XV

Reproduzo sem parar,  
Quando vejo seu olhar,  
Meu amor ilimitado,  
Sinto-me, às vezes, menino,  
Quand'eu olho meu destino  
De estar sempre de teu lado.

15/07/2015.

## XVI

Quanta saudade dos pais,  
O tempo a faz crescer mais,  
Muito fizeram por nós,  
As lições são como um rio,  
Que faça calor ou frio,  
Sempre correm para a foz.

16/07/2015.

## XVII

A vida passa depressa  
E não há quem a despeça  
Antes do instante chegar.  
Quem sabe viver modera  
E no inverno, a primavera  
Bem consegue acalentar.

BH. 17/07/2015.

## XVIII

Com Renato, nestes dias,  
Vivemos as alegrias  
De ver o filho de perto.  
Foram momentos ditosos,  
Com gestos sempre amorosos,  
E abraços no tempo certo.

BH 18/07/2015.

XIX

A vida que o mundo vive  
Começa já no declive  
Que à morte leva por fim.  
Saber a cada momento  
Manter sempre um bom intento  
É cultivar um jardim.

19/07/2015.

XX

Ao trabalho voltarei,  
Buscando o império da Lei  
Num país de maus costumes,  
Quem tem poder pouco importa  
Com quem lhe bate na porta,  
Sem moral, produz estrumes.

20/07/2015.

XXI

Quanto mais vejo a canalha,  
Que o Brasil tanto atrapalha,  
Empoleirada em Brasília,  
Eu continuo a gritar,  
Com outros, para levar  
O país a boa trilha.

21/07/2015.

XXII

*Para Marlene*

Há três décadas ao menos,  
Sejam duros ou serenos  
Os momentos vezes “n”  
Repetidos, que comigo  
Tu trabalhas, sempre amigo  
Sendo teu olhar, Marlene.

22/07/2015.

XXIII

Às vezes eu me pergunto,  
Não é por falta de assunto,  
Se posso amar mesmo velho,  
A resposta é bem singela,  
Tendo uma esposa tão bela  
No seu amor eu me espelho.

23/07/2015

XXIV

Mais um sexteto componho,  
Por costume e não por sonho,  
Nesta vida sem descanso,  
Trabalho e muito trabalho,  
Saudades que nunca encalho  
No fundo de meu remanso.

24/07/2015.

XXV

A busca de novo tema  
É como num teorema  
Descobrir a solução,  
Gatinho, espremo e não sai  
Nada de bom e se esvai  
Minha triste inspiração.

25/07/2015.

XXVI

O descanso semanal  
Nunca me parece mal,  
É porque sempre eu escrevo,  
Vale só como mudança,  
Mesmo não tendo esperança  
De ter descanso em relevo.

26/07/2015.

XXVII

Um sexteto desvairado,  
Sem sentido e tresloucado  
Neste doido escrever tanto,  
Meu verso sai espremido,  
Sem lógica e sem sentido,  
Que nem parece meu canto.

27/07/2015.

### XXVIII

Edifícios da Janela,  
Numa linha paralela,  
Alinhados, vejo à frente,  
De minha sala coberta  
Por livros e por incerta  
Coloração diferente.

28/07/2015.

### XXIX

Navego, sem ter as velas,  
Sempre limpas e amarelas,  
Da inspiração do passado,  
Faz-se a ternura presente,  
Sendo sempre diferente,  
Se tenho Ruth ao meu lado.

29/07/2015.

### XXX

As planícies do deserto,  
O meu estro tão incerto,  
Eu percorro em solidão,  
Sou um velho cavaleiro,  
Sem espada e sem arqueiro,  
Com você no coração.

30/07/2015.

## XXXI

### 57 Anos de Casados

Quanto mais vivo ao teu lado,  
Mais sinto feliz meu fado,  
Por nosso amor sempre igual,  
Que Deus e a Virgem Maria  
A família, cada dia,  
Proteja de todo o mal.

31/07/2015.

## Julho

### I

Digo, digo e sempre digo  
Ter amor não tem idade  
Por estares só comigo  
Vivo a plena liberdade.

### II

Os sonhos não têm limites  
Seja no tempo ou no espaço,  
Assim quanto mais me fites  
Mais diriges o meu passo.

### III

André começou andar.  
Que beleza os sete netos!  
Nossos seres, neste amar,  
Ficam de sonhos repletos.

31/07/2015.

AGOSTO 2015

De tudo, um pouco

I

Tomando uma caipirinha  
Lembrando ser você minha  
Ouço música no almoço,  
Quando eu te vejo, querida,  
Companheira pela vida,  
Fico sempre em alvoroço.

01/08/2015.

II

Eu não escrevo sonetos,  
Apenas hoje sextetos,  
Na magnífica agenda,  
São pra Eurico e pra Marluce,  
Sempre que nela eu debruce,  
Só vejo beleza e lenda.

02/08/2015.

III

Dilma não sabe o que diz  
Para a nação infeliz  
Que seu governo gerou,  
Desce por ladeira abaixo,  
E seu governo eu bem acho  
De ingovernança dá show.

03/08/2015.

#### IV

Tanta verdade escondida  
Num baú sem ter medida  
Todos temos na existência,  
Quando, às vezes, revelada,  
Torna a vida malfadada  
Por descobrir sua essência.

04/08/2015.

#### V

Por mais que trabalhe tanto  
Sempre resta em algum canto  
Mais trabalho pra fazer,  
Todo o dia sempre cresce,  
Embora esta minha messe  
Está quase a fenecer.

05/08/2015.

#### VI

Meus castelos medievais  
Tendo nas torres varais  
E meus temas pendurados,  
Fazem no tempo voltar  
A vontade de sonhar  
Com meus cavalos alados.

06/08/2015.

VII

Quanto mais versos, versejo  
Pouco brilhante me vejo  
Nesta sina de escritor,  
Meu pobre talento ostento,  
Que nem sequer um momento,  
Fica triste ou sem calor.

07/08/2015.

VIII

São dragões de velhos idos  
Os pensamentos sofridos  
Frutos da imaginação,  
São apenas fantasia,  
Que atormentam, dia a dia,  
Qualquer pobre coração.

08/08/2015.

IX

Não vale a pena guardar  
Num baú e recordar  
Ressentimentos passados,  
A vida torna-se leve  
Nesta trajetória breve  
E no longo aprendizado.

09/08/2015.

X

Nunca canso de cantar,  
Cantador só por cantar  
Teu olhar e teu encanto.  
Tu és o meu sonho alado  
Que tenho, mesmo acordado,  
Por isto canto meu canto.

10/08/2015.

XI

Comemora-se em Direito  
De Dom Pedro o gesto feito  
Em gerar as Faculdades,  
As primeiras do Brasil,  
Desde cedo o seu perfil  
Foi centro das liberdades.

11/08/2015.

XII

As pernas sempre cansadas  
Seguem por mim arrastadas,  
No meu andar tão mais lento,  
Mas a cabeça veloz  
Na luta mantém a voz  
Contra o Poder fraudulento.

12/08/2015.

### XIII

Quando se vê um malandro,  
Na lama, sem escafandro,  
Chafudar-se, com proveito,  
Pisoteando o bom costume,  
Espalhando nele estrume,  
O país não tem mais jeito.

13/08/2015.

### XIV

Com seus ares de menina,  
Minha cara Ana Regina  
Comemora, hoje, seu dia.  
Que toda a felicidade,  
Com o noivo em plena idade,  
Tenha você, na alegria.

14/08/2015

### XV

Minha Mãe Imaculada,  
Minha Mãe na caminhada  
Que me leva pro Teu Filho,  
Tantos são os meus defeitos,  
Mas por Ti sempre refeitos,  
Na minha luta sem brilho.

15/08/2015.

XVI

A canalha de Brasília  
Que o fruto do roubo empilha,  
Assaltou de todo lado  
Nunca tanta podridão  
Do Governo em seu porão  
Foi ao povo desventrado.

16/08/2015.

XVII

Manter, velho, o sonho moço,  
Tirando de um fundo poço  
Os ideais de menino,  
No Brasil, é luta ingente  
Que faz, porém, diferente  
Quem não foge a seu destino.

17/08/2015.

XVIII

Quando, à noite, eu me descubro,  
O pensamento mais rubro  
De repulsa aos mentirosos,  
Só me acalmo, porque lanço,  
Modesto, mas sem descanso,  
Grito contra os poderosos.

18/08/2015.

## XIX

Por verde mar de sargaços,  
Onde meus versos escassos  
Navegam mirando os astros,  
Eu desvendo as sesmarias,  
Rondando nas maresias,  
Meu barco de longos mastros.

19/08/2015.

## XX

Sinfonia inacabada,  
Prelúdios em escalada,  
Strauss e Mozart após,  
Erich Kleiber, regente,  
Gravou em tom diferente  
Eu ouço música a sós.

20/08/2015.

## XXI

Dois irmãos em Sorocaba,  
Num sonho que não se acaba,  
Sempre juntos pela vida,  
João e eu muito felizes  
Seguimos as diretrizes  
Nesta luta destemida.

Sorocaba, 21/08/2015.

## XXII

O sol bate na poltrona,  
Toma a forma de sanfona  
No desenho da cortina.  
Fim de tarde silenciosa  
Parece que o sol esposa  
Uma noite inda menina.

22/08/2015.

## XXIII

Os livros de minha sala  
Formam na estante uma escala  
Bem colorida e arrumada.  
A leitura é meu descanso  
Na minha casa, um remanso  
Desta vida atribulada.

23/08/2015.

## XXIV

O crepúsculo a chegar  
Com o dia e a noite em par,  
No final do mês de Agosto,  
Vive minh'alma em ternura,  
Descobrimo a formosura  
Estampada no teu rosto.

24/08/2015.

XXV

Eu sonho, malgrado a idade,  
O pretérito é saudade  
De lutas e de alegria,  
Mesmo com contradições,  
As minhas convicções  
Firmaram-se dia a dia.

25/08/2015.

XXVI

Descobrir no meu abismo,  
Sempre que na vida cismo,  
O seu fundo mais profundo,  
É como abrir no Universo,  
Apenas com pobre verso,  
O espaço além de meu mundo.

26/08/2015.

XXVII

A chuva pela janela,  
A sala em luz amarela,  
Num dia cinzento e frio,  
Minha saga de sextetos,  
Transformados em folhetos,  
Com o tempo eu concílio.

27/08/2015.

### XXVIII

Às vezes tenho vontade  
De voltar à mocidade,  
Mas em tempos medievais,  
Ser cavaleiro do bem  
Por Deus, lutando também  
Com sonhos de Samurais.

28/08/2015.

### XXIX

O muito que pouco somos  
Tais livros em muitos tomos,  
Mostra a verdade da estada,  
No Universo um mero ponto,  
Que nem mesmo o melhor conto  
Torna grande o pobre nada.

29/08/2015.

### XXX

Caminho, o mesmo caminho,  
Algumas vezes de espinho,  
Nesta estrada para o fim,  
No grupo eu já não me enturmo,  
Todo o dia acordo e durmo  
Prisioneiro em meu fortim.

30/08/2015.

## XXXI

São oito meses que ponho  
Em verso, as vezes bisonho,  
A inspiração em declínio.  
O caderno em que versejo  
Exerce em mim um lampejo  
Do mais estranho fascínio.

31/08/2015.

## Agosto

1

Ah suspirar as manhãs  
Que morrem sempre de noite!  
Aspirações são tão vãs  
Varridas por um açoite.

2

Deus fez o corpo tão belo  
Muito comer fá-lo horrível,  
Não encontro paralelo  
Deste dilema terrível.

31/08/2015.

SETEMBRO 2015

Às vezes, sou cavaleiro

## I

Dilma e Lula que tristeza,  
Afundaram com certeza  
O meu Brasil tão querido,  
Seus amigos saqueadores  
São da pátria traidores  
Tirando-lhe sonho e vida.

01/09/2015.

## II

Nosso país tem futuro,  
Será, sem Dilma, seguro,  
Pois haverá governança,  
Enquanto a turba do assalto  
Viver do roubo bem alto  
Não há qualquer esperança.

02/09/2015.

## III

Portões de velhos castelos  
Com seus muros paralelos  
E pontes em falsos rios,  
Cavaleiros bem dispostos,  
Com armaduras compostos,  
Aguardam seus desafios.

03/09/2015.

#### IV

Estive na Academia,  
Meus confrades cada dia  
Envelhecem num portal.  
Quando se tem esta sorte,  
Está-se perto da morte,  
Malgrado ser imortal.

04/09/2015.

#### V

Em dois dias de descanso,  
Trabalho em atraso, avanço  
Para um mês bem complicado,  
Com palestras e congressos,  
Pareceres mais impressos,  
Eu dou à vida sentido.

05/09/2015.

#### VI

Um domingo bem nublado  
A família de meu lado  
No campo em minha vivenda  
Busco, na luta encontrar,  
Mesmo trôpego no andar,  
Para o Brasil melhor senda.

06/09/2015.

## VII

Dom Pedro no dia sete,  
Num gesto que se repete,  
Proclamou a independência.  
Há muito que este país  
Passou a ser infeliz  
Com Dilma na presidência.

07/09/2015.

## VIII

Volto ao trabalho, não paro,  
Meu repouso muito raro,  
Apesar dos meus oitenta.  
Como parar, eu não sei,  
Quem vive apenas da lei,  
Seu labor nunca comenta.

08/09/2015.

## IX

O tempo é muito veloz,  
É muitas vezes atroz  
Na vida que temos, breve,  
Corre curta, a primavera,  
E nela o que sempre impera  
É o que Deus a nós escreve.

09/09/2015.

X

Hoje, Myriam faleceu.  
Há pouco também morreu  
O seu marido José.  
Os compadres fazem falta,  
Mas com Deus estão em alta,  
Pois eram casal de fé.

10/09/2015.

XI

As nuvens num dia feio,  
Mas de trabalho bem cheio  
Fazem-no alegre e triste,  
Pois o cinza não tem sol,  
Nem, à distância, é farol,  
A iluminar um antiste.

11/09/2015.

XII

Recolhimento. Maria,  
De seu nome o doce dia,  
Neste sábado de inverno  
Vejo em Cristo muita luz  
Resplandecendo na cruz,  
Que tira as almas do inferno.

12/09/2015.

XIII

Quantos anos ao teu lado  
Com ares de namorado  
Vivo sempre em pleno amor,  
A paixão vive de entrega,  
Quando pura faz-se cega,  
Não se importando co'a dor.

13/09/2015.

XIV

Repito sempre meus versos,  
Poucos têm seus tons diversos,  
Mas sufoco se não faço,  
São pobres e sem talento,  
Mas escrevo em meu intento  
De ocupar estreito espaço.

14/09/2015.

XV

Para Minha Querida Filha Regina

Ter uma bela menina  
Com o nome de Regina  
É bem privilégio infindo,  
Você que aniversaria  
Em data qu' é de Maria  
Torna este dia tão lindo.

15/09/2015.

## XVI

Eu sinto de Ruth a falta,  
Apesar de estar em pauta  
Minha e sua convivência.  
Não podemos separados  
Ser, eis que são nossos fados  
Juntos viver a existência.

16/09/2015.

## XVII

Estamos em Black list,  
Um policial sem despiste,  
Assistindo num programa.  
Vale a pena, na surpresa  
Nossa atenção fica presa,  
Buscando o fim desta trama.

17/09/2015.

## XVIII

Estar ao lado de Ivette  
— Eu não gosto de confete —  
Mas é favor sem aval,  
Sendo uma amiga querida,  
Lutamos juntos na vida  
Pelo bem e contra o mal.

18/09/2015.

## XIX

Com meus netos hoje à tarde,  
Bem à distância o sol arde,  
Nós estamos, em estudo,  
Guilherme e a linda Renata  
São da juventude a nata  
Que a nós, nos serve de escudo.

19/09/2015.

## XX

Sempre retorno aos meus sonhos,  
Nunca são eles tristonhos,  
Pois em ideais imersos,  
Vivem sempre em minha vida  
Não como fim, mas partida  
Que se desbordam em meus versos.

20/09/2015.

## XXI

Na velhice nunca é lenta  
Do tempo a marcha que enfrenta  
O discorrer destes dias,  
Que Deus contou para nós,  
Enquanto em casca de nós,  
Somos em águas bravias.

21/09/2015.

## XXII

Vive o Brasil tal moléstia  
Que nem lhe resta uma réstia  
De esperança a curto prazo.  
A presidente não manda  
E a pátria há muito não anda,  
Pois a tratou com descaso.

22/09/2015.

## XXIII

Apesar de minha idade  
E ter dos tempos saudade  
Meu amor por ti não cessa,  
Tem a pureza de infantes  
É tão forte quanto dantes  
E não há quem ele meça.

23/09/2015.

## XXIV

Sinto falta dos dragões  
Dos tempos que os corações  
Batiam nos cavaleiros,  
Os escudos e as espadas,  
Em cavalos por estradas,  
Eram do bem sinaleiros.

24/09/2015.

XXV

Minha donzela em sacadas  
Eu subia por escadas  
Nos meus tempos medievais,  
O seu lenço em pleno peito  
Carregava de meu jeito,  
Cantando como jograis.

25/09/2015.

XXVI

Uma garota morena  
Que ostenta o nome de Helena  
Faz dez anos e mais dois,  
É minha neta querida  
Que alegra muito esta vida,  
Agora como depois.

26/09/2015.

XXVII

Navego por águas puras  
Onde boiam formosuras  
Das moças de minha vida,  
A mulher, filhas e netas  
E nora mostram-me as metas  
Que estão antes da partida.

27/09/2015.

### XXVIII

Meu cavalo cavalgado,  
Eu cavalgo desde quando  
Cavaleiro me tornei.  
Vejo estrelas no horizonte,  
Carrego a lua na frente  
E dos meus sonhos sou rei.

28/09/2015.

### XXIX

Os sonhos vencem espaços,  
Marcam sempre nos seus passos  
A beleza da ilusão,  
Mas geram mais esperança,  
Na tempestade ou bonança,  
Quando é nobre o coração.

29/09/2015.

### XXX

Cansado de tanto andar,  
Seja em terra ou sobre o mar,  
Eu fui e voltei do Rio.  
Nem deu tempo de parar,  
Nem mesmo pude pensar,  
O que me dá calafrio.

30/09/2015.

## Setembro

### I

Criticar gera amargura  
Tolerar felicidade,  
Para uns a vida é dura,  
A outros facilidade.

### II

Cantador de meu cansaço  
Vivo a cantar sem cantar,  
Meu canto segue meu passo,  
Meu passo me faz sonhar.

### III

Se minha caneta escreve  
Escreve por escrever  
Tudo o que faz é bem breve  
E bem breve até morrer.

30/09/2015.

OUTUBRO 2015

Num Brasil sempre mais fundo

## I

Na sacada de meu sonho  
Faço-me sempre tristonho  
Se vejo o tempo passado,  
Mas sonho, sempre sonhei,  
Sendo plebeu e não rei,  
Meu bem tendo de meu lado.

01/10/2015.

## II

É dia de Nosso Padre  
Que em nossa Igreja se enquadre  
A Prelazia fundada  
Somos gratos na família,  
Por indicar esta trilha  
Que se tornou nossa estrada.

02/10/2015.

## III

Foi um sábado chuvoso,  
De trabalho e de repouso  
E um belo recolhimento,  
Já começo a programar  
Meus tempos de descansar,  
Pois meu passo faz-se lento.

03/10/2015.

#### IV

Eu revivo fantasias  
Dos sonhos das Sesmarias  
Das conquistas medievais,  
A amada tenho no braço  
Meu corcel voa no espaço  
Superando vendavais.

04/10/2015.

#### V

Há nove meses componho  
Os sextetos que reponho  
De Marluce no caderno,  
Escrevi todos os dias  
Com ventos ou calmarias,  
Da primavera ao inverno.

05/10/2015.

#### VI

Para o Aniversário de Antonieta

Nossa querida Antonieta,  
Como nós, numa ampulheta,  
Vê tantos anos passados,  
Tua perfeita amizade  
Que nunca muda na idade,  
Torna leve os nossos fados.

06/10/2015

P/o dia 04/10/2015.

## VII

Faz-se o governo malandro  
E nem mesmo de escafandro  
Se desce ao mar de sujeira,  
Precisamos nos livrar  
Desta podridão sem par  
Cortando-lhe pela beira.

07/10/2015.

## VIII

Amo-te, amo-te tanto  
Que por mais qu'eu cante o canto,  
É menor que meu ardor  
Um velho que te quer muito  
Colhe em ti o doce fruto  
De uma existência de amor.

08/10/2015.

## IX

Deus está em meu perdão,  
Que entrego de coração  
A quem está de meu lado,  
Pois releva todo o dia,  
Minhas faltas na porfia,  
Que cometo, desolado.

09/10/2015.

X

Quand'eu olho meu passado  
De tantos erros, pesado,  
Vejo que não valho nada,  
Mas se Deus me quer na luta  
E fica de mim na escuta  
Da oração, eu subo a escada.

10/10/2015.

XI

O que fazemos na vida,  
Quando perto da partida,  
Pouquíssimo valor tem,  
O que fizemos de mal  
E, como terra sem sal,  
Reflete mais do que o bem.

Santana de Parnaíba, 11/10/2015.

XII

É dia de Aparecida,  
Rainha de nossa vida,  
Protetora do Brasil,  
Peço que faça que um dia,  
Tenha o país alegria  
Embaixo do céu anil.

12/10/2015.

### XIII

Quanto mais a presidente  
Mostra ser incompetente,  
Mais luta pelo poder,  
Desgraça a nação inteira,  
Que segue na sua esteira,  
Sem mesmo sobreviver.

13/10/2015.

### XIV

No convívio eu lembrei-me do passado,  
Seis décadas vividas sem tormenta,  
Com filhos e com netos, lado a lado,  
Deixando para trás nossos oitenta.

Tens inda estrelas pelo teu olhar,  
Onde desvendo sonhos dos infantes  
Navegam caravelas neste mar  
Ao som de teu sorriso em tempo dantes.

Mostraste-me o caminho para Deus,  
Que descubro nas horas de meu dia  
E sinto quanto vale para os meus  
A devoção que temos a Maria.

Meu amor, sofro longe esta saudade,  
Que nunca diminui, malgrado a idade.

No convívio de Santana de Parnaíba,  
14/10/2015.

XV

Meu dia de Professor,  
Por ensinar tenho amor,  
Buscando um mundo seguro,  
Sete décadas passadas,  
Sem parar nestas andadas,  
Tentando gerar futuro.

Santana de Parnaíba, 15/10/2015.

XVI

Minha cara Vicentina,  
És ainda uma menina  
Nos seus formosos noventa,  
Mando de minha família,  
Por Lúcia querida filha,  
Cumprimentos dos oitenta.

16/10/2015.

## XVII

Almoço de 57 Anos da Turma

Nós sempre fomos meninos,  
Nunca quisemos crescer,  
Vivemos nossos destinos  
Em sonhos de bom viver.

Cinquent'anos são passados  
Mais sete, plena amizade,  
Enfrentamos nossos fados,  
Dos que foram há saudade.

Parabéns de todos nós  
Para Leslie e ao Luciano,  
Jamais ficamos a sós  
Neste grupo soberano.

Seja a tarde bem fazeja  
E que o Senhor nos proteja.

Circolo Italiano, almoço de 17/10/2015.

## XVIII

O tempo corre corrido,  
A vida perde sentido,  
Mas não a vida pra Deus.  
Aos oitenta sempre luto  
E no Direito labuto  
Para sustentar os meus.

18/10/2015.

XIX

Eu canto o canto cantado  
Cantando, contarolado,  
Numa canção pra cantar.  
O verso corre disperso,  
No reverso do Universo,  
Neste estranho despertar.

19/10/2015.

XX

Todo dia conferência,  
São falas em cuja essência  
Eu sempre defendo o povo.  
Na minha idade, cansado,  
Palestro de todo o lado,  
Na busca de um Brasil novo.

20/10/2015.

XXI

Eu palestrei em Brasília  
E falei sobre a família  
No Congresso Nacional.  
Depois falei com Ministros  
Sobre alguns temas sinistros  
Sendo a morte o grande mal.

21/10/2015.

## XXII

Cada vez eu canso mais,  
As bolas são sem cristais  
E o futuro não desvendo,  
Mas eu trabalho assim mesmo,  
E não fico nunca a esmo  
Pois ao dever eu me rendo.

22/10/2015.

## XXIII

Nossos filhos são os astros  
Que superam nossos mastros  
Navegando em outros mares.  
São de nós bem mais brilhantes,  
Embora sejam infantes  
Para os paternos olhares.

23/10/2015.

## XXIV

Do que escrevi não me lembro  
De janeiro até dezembro  
Sempre escrevo sem parar,  
Quando não é pra você  
É da luta que se vê  
Para o Brasil melhorar.

24/10/2015.

XXV

Os temas são repetidos  
As formas têm seus vestidos  
Mas o corpo é sempre o mesmo.  
Quero morrer sem parar  
No costume salutar  
De escrever mesmo que a esmo.

25/10/2015.

XXVI

Nova semana começo,  
Nos meus passos, eu tropeço,  
Minha artrite não melhora.  
Vou em frente enquanto der,  
Amando minha mulher,  
Até que Deus diga a hora.

26/10/2015.

XXVII

A TAM tem bancos horríveis,  
Que causam dores terríveis  
Em seus pobres passageiros;  
Eles são tão apertados,  
Que ficamos entalados,  
Tais sementes em celeiros.

27/10/2015.

## XXVIII

Os sonhos não têm limites,  
Quando me embalam artrites  
São reduzidas as dores,  
Se dormindo ou acordado,  
Vejo o universo ao meu lado,  
Colorido em muitas cores.

28/10/2015.

## XXIX

Desta vez é p'ra valer  
Não irei mais escrever  
Todo dia numa agenda,  
Mas, por ser ela bonita  
E quando a mim ela fita,  
Que a inspiração bem se renda.

29/10/2015.

## XXX

Na minha casa de campo  
A inspiração eu destampo  
De minha verve fechada,  
É pobre, mas corre solta  
Na tua beleza envolta,  
Minha mulher sempre amada.

30/10/2015.

## XXXI

Encerra-se o mês de Outubro,  
Torna-se o sol bem mais rubro  
E o frio sai de mansinho,  
Em mais dois meses encerro  
A promessa, a fogo e ferro,  
Que cumpro pelo caminho.

Jaguariúna, 31/10/2015.

## Outubro

### I

Quantas vezes somos vezes  
Sem sabermos que fazer  
Correm os dias e os meses  
Até o tempo morrer.

### II

O cinza das aquarelas  
Torna triste o que era belo,  
Em foto de caravelas  
O cinza vira amarelo.

### III

A verdade faz-se crua  
Num Brasil só de malandros  
À podridão resta nua  
Lá se desce de escafandros.

NOVEMBRO 2015

Versejar não é fácil

## I

O dia resta encoberto,  
A inspiração em deserto,  
Caminha longe de um tema.  
É complicado encontrar  
Matéria p'ra versejar,  
Que busco à falta de esquema.

Jaguariúna, 01/11/2015.

## II

Aos mortos a reverência  
Ofertamos em essência,  
Neste dia de Finados,  
Antecedem-nos no eterno,  
Da primavera ao inverno,  
Pois são estes nossos fados.

02/11/2015.

## III

Tenho vontade de, às vezes,  
Reverter todos os meses  
Até minha mocidade  
E nos sonhos cavalgar  
Num corcel por sobre o mar  
Sem horizontes na idade.

03/11/2015.

#### IV

Limpo a mesa com cuidado  
Há pasta de todo lado,  
Trabalho que não acaba,  
Sem parar eu tudo faço,  
Espremendo tempo e espaço,  
Neste Brasil que desaba.

04/11/2015.

#### V

Volto em busca dos dragões  
Das ferrugens dos portões  
Em meus sonhos medievais,  
Volto a ter a minha espada,  
Meu escudo e cavalgada  
Com lendas dos samurais.

05/11/2015.

## VI

### 40º Simpósio

Falando bem do Direito  
E mal do Fisco voraz,  
É nosso grupo perfeito  
Tem em cada membro um ás.

Dá seus shows, a Carolina,  
Dirigindo a Comissão,  
Colabora Ana Regina  
E ao Poder dizemos não.

Sem dinheiro o bom Levy  
Em seu arco diz não ter,  
Tanto roubo nunca vi  
E o bem não há onde ver.

A verdade mais patente  
É que Dilma é incompetente.

06/11/2015.

## VII

*Para Célia*

Riqueza d'alma se espelha,  
Na nossa querida Célia,  
Que mais dez anos completa.  
Honra-nos sua amizade,  
Nesta avenida em que a idade  
Fez risonha a bela meta.

07/11/2015.

### VIII

Os mares com seus cardumes  
Mulheres e seus perfumes  
Neste mundo tresloucado.  
O tempo passa depressa  
E em toda a idade tropeça,  
Passando do nosso lado.

08/11/2015.

### IX

Rabiscos sobre o papel,  
De um soldado sem bornel  
Que constrói o próprio fado  
De garranchos escrever  
Certamente até morrer  
Estando a amada a seu lado.

09/11/2015.

### X

Pelos ares da Amazônia,  
Mas sem ter ares de insônia  
Navegarei amanhã,  
Até tarde trabalhando,  
Cochilo de vez em quando,  
Corpo mal e mente sã.

10/11/2015.

XI

Uma vez mais honorário,  
Recebo num outro horário,  
De Manaus em Faculdade.  
Professor eu sigo em frente  
Mostrando ser decadente  
Um governo sem verdade.

11/11/2015.

XII

Com Ruth estou em Manaus  
Lembrando os momentos maus  
Porque passa meu país.  
Há muito que nossa gente,  
Num governo incompetente,  
Bem deixou de ser feliz.

12/11/2015.

XIII

De volta pra minha terra,  
Numa agenda que se encerra,  
A poucos dias do fim,  
Escrevo sem qualquer tema,  
A inspiração tem problema  
E fica longe de mim.

13/11/2015.

#### XIV

As naus e os velhos piratas,  
Os bandeirantes nas matas  
Formaram meu mundo antigo.  
Imaginava tesouros  
Heróico matando touros,  
Numa cabana contigo.

14/11/2015.

#### XV

República e monarquia  
Se comparo dia a dia,  
A República falhou.  
O Brasil em sobressalto  
Tem a moral num asfalto,  
Onde a lama é que dá show.

15/11/2015.

#### XVI

Recomeço meu trabalho  
Tirando da lei cascalho  
Na luta por seu respeito.  
O governo a pisoteia,  
Tornando a nação mais feia  
Com gritos presos no peito.

16/11/2015.

## XVII

Quem ama não envelhece,  
O amor é como uma prece  
Que desvenda o coração.  
O tempo passa e não morre  
Mas pela pele ele escorre  
E torna o corpo não são.

17/11/2015.

## XVIII

Companheira em longa estrada,  
Comigo na caminhada  
Segue firme em seu apoio.  
Do amor a nossa avenida  
Torna plena nossa vida  
Sempre com trigo e sem joio.

18/11/2015.

## XIX

Eu não sei como explicar,  
Muito embora esteja a par,  
Que o tempo as forças reduz,  
Tudo difícil mais fica,  
Porém em Deus é mais rica,  
A vida com sua cruz.

19/11/2015.

XX

*Para Ana, Mara e Lúcia*

Branca, negra ou amarela  
A pele, nesta aquarela,  
Da raça humana me encanta,  
Todas têm sua beleza  
E Deus as fez com certeza  
Pra n'alma por sua manta.

20/11/2015.

XXI

*Sempre para Ruth*

O Bolero de Ravel,  
Corre como um carretel  
No seu crescendo infinito  
O meu amor por você,  
Como o bolero se vê  
Ao crescer torna-se mito.

21/11/2015.

XXII

Eu não penso no amanhã  
É a vida talismã  
Que o tempo bem desfará.  
Hoje vivo plenamente  
Malgrado o corpo doente  
Pois meu porvir Deus dirá.

22/11/2015.

### XXIII

A semana principio  
O tempo preso num fio  
Controlado por meu Deus.  
O meu trabalho ordinário  
Do Senhor torno vicário,  
Assim sustentando os meus.

23/11/2015.

### XXIV

Estrelas mostram caminho,  
Que trilho sempre sozinho  
Ao compor meu pobre verso.  
Os sonhos não têm fronteiras  
E superam mil barreiras  
Quando desvendo o Universo.

24/11/2015.

### XXV

O meu amigo Alencar,  
Cuja amizade escalar  
Faço no meu coração,  
Comoveu-me na homenagem  
E minh'alma, sem blindagem,  
Foi tomada de emoção.

25/11/2015.

XXVI

O Brasil em polvorosa  
Vê política horrorosa  
Em Brasília praticada.  
Há muito qu'este país  
Deixou o povo infeliz  
À mercê da canalhada.

26/11/2015.

XXVII

Minha mulher e Rogério  
Por sobre meu magistério  
Deram-me grande emoção  
Pois no almoço do Instituto  
Renderam lindo tributo  
Ao meu velho coração.

27/11/2015.

XXVIII

*Para Ruth*

Todas as moças são belas,  
São pinturas de aquarelas  
Que Deus colocou no mundo.  
Há, porém, uma mais linda  
Que fez em paixão infinda  
O meu amor ser profundo.

28/11/2015.

XXIX

Caravelas sem comando,  
No espaço as aves em bando  
E o velho peito bem moço,  
Palpita em luta pro povo,  
O seu sonho sempre novo,  
Renascido neste esboço.

29/11/2015.

XXX

Último dia do mês  
A velhice em minha tez  
E a mocidade no peito,  
Lutar contra maus costumes  
Que envolve a pátria em estrumes,  
Eu faço, embora a meu jeito.

30/11/2015.

## Novembro

1

As luzes são a ribalta  
A prepararem Natal,  
No peito o coração salta  
Como roupa num varal.

2

Tantas vezes minha vida  
Na tua vida ancorou,  
O tempo passa, querida,  
Somos nós o nosso show.

3

Repasso o passo que passo  
No paço sem muito espaço,  
Refaço meus nervos d' aço,  
Tão lassos na vida em laço.

30/11/2015.

DEZEMBRO 2015

Sem risco de melhorar

I

Apesar da incompetência  
De um governo cuja essência  
Foi o roubo sem limites,  
Eu creio no meu Brasil  
Que sob um céu cor de anil  
Ao futuro faz convites.

01/12/2015.

II

Escorrem filetes brancos,  
Como alegres saltimbancos,  
Nas cachoeiras da vida,  
Mas são filetes escuros  
Os que descem pelos muros  
Da governança bandida.

02/12/2015.

III

Finalmente este Congresso,  
Mesmo quando de recesso,  
Cuidará do afastamento  
De quem tornou mais escuro,  
Exterminando o futuro  
Da nação, hoje em tormenta.

03/12/2015.

IV

O saque da canalhada,  
Que jamais teve parada  
Liquidou o meu Brasil,  
Muitos estão na cadeia,  
Outros tecem sua teia  
Na busca de um bom ardil.

04/12/2015.

V

*Para Marcos e Regina*

Anos vinte são passados,  
Sempre juntos, namorados,  
O casal vive seu dia.  
Com seus filhos –são meus netos--,  
Seguem por caminhos retos,  
Seja a data de alegria.

(04/12) 05/12/2015.

VI

Minha afilhada Patricia,  
Na profissão faz milícia  
E na família missão,  
Na data aniversaria,  
Que seja feliz o dia,  
Com todos no coração.

(04/12) 06/12/2015.

## VII

Mais uma agenda no fim  
Para Marluce e p'ra m'm.  
Não faltei sequer um dia,  
Hoje falo com Michel,  
Bebemos a taça em fel,  
Vivendo sem alegria.

07/12/2015.

## VIII

O tempo não tem destino,  
Corre sempre em desatino,  
Seu começo gera o fim,  
Por isto tua presença  
Aproveito em força imensa  
Do pouco que resta a mim.

08/12/2015.

## IX

Ana fica do meu lado,  
Trabalhando no meu fado  
De modesto operador,  
No Direito tenho a vida  
Com minha equipe querida,  
Nela encontro meu valor.

09/12/2015.

X

Meu coração arrebenta,  
Eu quero o mundo, aos oitenta,  
Pois são filhos de meu Deus.  
Eu quero as mulheres puras,  
Os homens sem aventuras,  
Minhas irmãs, irmãos meus.

10/12/2015.

XI

É pela primeira vez  
Que, no escritório, este mês  
Trabalho sem ter palestras.  
Inda a cabeça é dos vinte,  
Mas as pernas, sem requinte,  
Duzentos anos sem festas.

11/12/2015.

XII

De Guadalupe a memória  
Marcou no tempo esta história  
Da Senhora do Universo,  
Rezei na missa contrito  
Seguindo o sagrado rito,  
E fiz no amor este verso.

12/12/2015.

XIII

Pouco valho, pouco faço,  
Muito embora, em meu espaço  
Não há lugar de descanso,  
O Brasil desgovernado  
Por um governo aloprado  
Para trás tem seu avanço.

13/12/2015.

XIV

Como sempre recomeço  
E no silêncio tropeço,  
Esta semana agitada,  
Muitos compromissos tenho,  
Mas carregarei meu lenho  
Nesta dura caminhada.

14/12/2014.

XV

Terça-feira, mais um dia  
Com trabalho e correria,  
Sem descanso e com sentido.  
Bem fiz hidroterapia,  
Quando a faço melhoria  
Sinto em corpo envelhecido.

15/12/2015.

## XVI

Hoje o Supremo brilhou,  
Para os colegas dar show,  
Nos votos do bom Fachin,  
Volto a ter muita esperança  
Pois eu vislumbro bonança  
Que ao mau tempo porá fim.

16/12/2015.

## XVII

Um almoço do escritório  
Em momento tão inglório  
De nosso Brasil querido.  
Descansamos da tormenta  
E fiquei aos meus oitenta  
Bem feliz e comovido.

17/12/2015.

## XVIII

Em Curitiba falei,  
Aborrecido com lei  
Escrita pelo Supremo.  
São bandidos, são canalhas  
Os governantes que as tralhas  
Põem no povo em peso extremo.

18/12/2015.

XIX

Bem afunda meu Brasil  
E o povo está num barril  
De pólvora em explodir.  
É Dilma a mãe da inflação  
E seu governo ladrão  
Devia daqui partir.

19/12/2015.

XX

Domingo, logo é Natal,  
A política vai mal  
E o povo sem ter bonança  
Vê um bando de acusados  
Arrasar de todos lados  
O país sem esperança.

20/12/2015.

XXI

Denomino supremite  
A moléstia qual artrite  
Que o qu' é bom paralisou,  
Pois perde dele o respeito  
E ao pobre povo a seu jeito,  
Deu um seu macabro show.

21/12/2015.

XXII

Duas últimas palestras  
Estamos perto das festas  
De Jesus Senhor menino,  
Esqueço do mau momento  
E relembro de Sorrento  
Cavatinas do destino.

22/12/2015.

XXIII

Vou terminar esta agenda,  
Que se transformou em lenda,  
Pobre lenda sem mensagem.  
Meus gritos contra o Poder,  
Eu farei até morrer  
Para que melhore a imagem.

23/12/2015.

XXIV

*Para Ruth*

O tempo passa e não passa,  
Em nosso amor bem se enlaça,  
É sempre primeiro dia,  
E as flores que te ofereço,  
Neste querer não tem preço,  
Pois o preço é da alegria.

24/12/2015.

XXV

Sempre o Senhor Deus Menino  
Renova no meu destino  
Meus sonhos de adolescente.  
A idade, mesmo avançada,  
Não me tira da cruzada  
De a Terra ver diferente.

25/12/2015.

XXVI

Completarei minha agenda  
Colocando tênue venda  
Num ano desgovernado,  
O Brasil vê-se em apuro,  
Com Dilma não tem futuro,  
Sente-se desamparado.

26/12/2015.

XXVII

Um sexteto antecipado  
Para que a agenda ao meu lado  
O mais rápido termine,  
Antigamente o repouso,  
Que mais enchia de gozo  
Era ver filmes em cine.

27/12/2015.

XXVIII

Só faltam quatro sextetos,  
Após um ano em sonetos,  
Minha agenda completar,  
O tempo é sempre veloz  
E pouco sobra prá nós  
Nesta vida caminhar.

28/12/2015.

XXIX

Sendo velho, sou um nip  
Mas tenho uma boa equipe  
Com Ana, Andréia e Marlene,  
Eu sou um gordo sujeito,  
Que busca no bom Direito  
Não deixar que o mal se encene.

29/12/2015.

XXX

É nip não importante  
Pessoa, embora eu infante  
Revista todos meus sonhos.  
São loucos, os bem vaidosos,  
Nesta moléstia, leprosos,  
Se tornam seres medonhos.

30/12/2015.

XXXI

*Para Ruth*

Para o meu amor eterno,  
Que nunca conhece inverno,  
Este sexteto dedico,  
Tornou-me a vida mais leve,  
Que no tempo é sempre breve,  
Mas, no encanto, fez-me rico.

31/12/2015.

Dezembro

1

A vida só tem valor  
Se dedicada a servir,  
Por nela todo calor  
Assim sendo, até partir.

2

A noite se faz serena  
É noite de lua cheia  
Na inspiração minha antena  
Eu a laço numa teia.

3

Última página aberta  
Última quadra na agenda  
Incrivelmente deserta  
Do nada faz-se uma lenda.

31/12/2015.

**101**

**POEMAS PARA RUTH**

24 Sonetos Octogenários

77 Haicais Brasileiros

(2017)

## Apresentação

Comemorei 82 anos em 12/02/2017. Compus, nestes últimos tempos, 101 poemas, 24 sonetos, a que intitulei “Sonetos Octogenários” e 77 haicais, que denominei de “brasileiros”. Embora mantendo 3 versos para cada um e adotando o mesmo número de sílabas para o primeiro e terceiro verso, introduzi uma certa flexibilidade, ora com versos de 3, de 4, de 5 e de 7 sílabas. Por isto, denomino-os de “haicais brasileiros”. Foram todos dedicados à minha companheira, nesta passagem pela terra.

Os poemas não têm valor maior do que mostrar o que sinto, nesta quadra da vida, em que o tempo se esgota.

Por esta razão, a edição é particular, para familiares e amigos, a quem dediquei especial querer bem, durante toda minha vida.

Dos meus escritos extraprofissionais, é este o 16º livro de poesias, a que se acresce um romance, uma peça teatral escrita aos 17 anos em redondilhas maiores, um livro com 1022 pensamentos e uma pequena história de São Paulo, também elaborada aos 17 anos, para o IV Centenário da cidade.

Embora meus livros profissionais e acadêmicos sejam em número consideravelmente maior (55), desde menino cultivei a literatura como forma de resguardar-me da luta cotidiana, que meu saudoso amigo Geraldo Vidigal definia como “feroz e desigual”.

Para familiares e amigos, portanto, 101 poemas para celebrar os meus 82 anos.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

24

SONETOS OCTOGENÁRIOS

## I

Há tempos eu hiberno em versejar,  
Não cansado do verso, mas de mim,  
Como a maré, nas ondas pelo mar,  
Que vão e que retornam sempre assim.

Na luta, continuo sendo o mesmo,  
Pois na palavra eu tenho minha espada,  
O corpo lentamente segue a esmo,  
Descendo desta vida a estreita escada.

Meu amor permanece de meu lado,  
Andando passo a passo desde antanho,  
O tempo não descora nosso fado,  
Num querer que não perde seu tamanho.

Nosso passado é longo, lindo e certo,  
Mas o futuro é curto e bem incerto.

SP. 26/09/2016.

## II

Eu penso, quando acordo, de manhã,  
Que um dia a mais recebo de presente.  
Apesar de não ter a pele sã  
E o corpo em desconforto, vou em frente.

Muitas vezes, o feito bem refaço  
E vejo ter, na luta, algum tropeço,  
Mas não deixei, na trilha, de meu passo  
Que as metas fossem postas ao avesso.

Compensei com esforço o não talento,  
Procurando um Nirvana alcandorado,  
Embora fraco, forte em meu intento,  
Mantive sempre o sonho do meu lado.

Malgrado velho, sinto-me menino  
E meu porvir descobre meu destino.

SP. 15/10/2016.

III

*Para Ruth*

O tempo de meu verso faz-se escasso,  
Na velhice que cresce a todo instante.

A lentidão é marca de meu passo  
E a inspiração navega tão distante.

Memórias de menino mal refaço,  
Na seca areia, pálida e escaldante.  
Atrás deixei as salas de meu Paço,  
Onde viveu, sorrindo, Ives infante.

A rigidez da vida feita d' aço  
Tornou-se, pelos anos, hesitante  
E própria idade, agora um mero traço,

No sonho de parar é mais constante.  
Apenas superei todo o cansaço,  
Por ser de teu encanto sempre amante.

SP. 28/10/2016.

## IV

*Para Ruth*

Navega o barco triste com seus mastros,  
Um marujo já velho, o timoneiro,  
A noite desvestida mostra os astros  
Descortinando celestial vespeiro.

O tempo cria voltas pelo espaço  
E o intemporal se torna menos denso,  
A estrada de meus anos segue o passo,  
Que logo encontrará um sol intenso.

Os meus sonhos enfunam brancas velas  
Pelos mares bravios do infinito,  
Singram águas as minhas caravelas,  
Regendo no universo o eterno rito.

Só tu neste meu mundo és bem presente,  
Num amor que jamais se fez ausente.

SP. 05/11/2016.

V  
ANA REGINA

Adotei uma filha por querer.  
Ao lado d'outra filha é de meu lado.  
Dez anos são corridos sem eu ver  
Meu tempo hoje presente ser passado.

Descobre, no trabalho, sempre um jeito  
De ajudar-me com ar bem sorridente.  
O seu labor constante é tão perfeito,  
Por mais qu'ele lhe chegue diferente.

O mesmo nome ostenta de Regina,  
Da filha que nasceu por derradeiro.  
É Ana. Vai assim sempre menina,  
Serenamente bela por inteiro.

Que Deus sempre a conserve dedicada,  
Não sei se uma princesa, se uma fada.

SP. 07/11/2016.

VI  
GUILHERME DE ALMEIDA  
E A REVOLUÇÃO DE 32

O vate de São Paulo em luta desigual  
Bradou aos seus heróis o cântico de guerra  
Da tirania desvendou o grande mal  
Em versos que marcou pra sempre sua terra.

Apesar da derrota o grito fez história  
E a palavra obrigou o rude ditador  
Gerar a Lei Suprema de feliz memória  
Regada pela nossa gente em sangue e dor.

O lírico Guilherme descobriu a venda  
Da falsa tirania em épico poema  
E tornou-se imortal, um príncipe, uma lenda  
Ao combater o triste e federal sistema.

Ó bardo, que cantaste as nossas treze listas,  
Vives no coração de todos os paulistas.

*(Para a Solenidade de criação do Colar  
Guilherme de Almeida na Câmara Municipal.)*

VII  
PARA O 63º ANIVERSÁRIO DE NAMORO

Já sessenta e três anos são passados,  
Sem perceber o tempo ao lado teu,  
Em nosso amor os filhos abrigados,  
Têm seu perfil gravado em camafeu.

Meu coração por ti fez-se em prisão,  
Repleto de grilhões em doce teia,  
Jamais aos teus desejos disse não  
E, linda, te chamei sempre de “Feia”.

Sou grato a Deus e ao mundo, muito grato  
Por ter-te, na jornada, companheira.  
De teu querer eterno candidato,  
És deste amor a bela carcereira.

Quanto te quero, Ruth, quanto, quanto,  
Que não cabe em palavras neste canto.

SP. 24/12/2016.

VIII  
1º DIA DO ANO DE 2017

*Para Ruth*

Soneto escrevi. Quantos? Não sei.  
Muitas centenas, muitas a você.  
Eu fui neles amante, fui seu rei,  
Mas fui também plebeu, como se lê.

A Deus e ao mundo, grato permaneço  
Por tê-la companheira de meu lado.  
Um tal amor na vida não tem preço  
Se resto pelos anos debruçado.

Os versos sempre iguais como o querer  
Não mudam pelas décadas a fio,  
Somos dois irmanados num só ser,  
Em cuja entrega nunca houve fastio.

Mais um soneto, pois eu lhe dedico,  
Sentindo, por amá-la, tão mais rico.

Jaguariúna, 1º/01/2017.

I X  
SONETAR

Sonetar, sonetei a vida inteira,  
Os temas sem mudar, somente a forma.  
Talento, um fio d'água sem esteira,  
O verso modelado pela norma.

Métrica, rimas nunca descurei,  
Sílabas doze, dez, cinco ou de sete.  
Tal roupagem fazia-me ser rei,  
Em gesto qu'inda agora se repete.

Talvez me justifique a compulsão  
De dizer sempre o mesmo sem parar.  
Sufoco-me sofrendo tal pressão,  
Tal penedo engolfado pelo mar.

Inspiração, há quanto me deixaste!  
Passado sem futuro é meu contraste.

Jaguariúna, 06/01/2016.

## X

*Para Ruth*

Torna a velhice tudo mais difícil,  
A inteligência morna e já sem brilho.  
Outrora meu andar, próprio de um míssil,  
Hoje, parece trem fora do trilho.

O coração, porém, por ti querida,  
Não segue, sendo moço, este caminho.  
Tu mantiveste aceso em minha vida  
O constante calor de teu carinho.

Do Senhor a vontade eu desconheço,  
O tempo que dará para nós dois.  
O tempo que nos deu já não tem preço,  
Mas sempre espero ter tempo depois.

Sou grato a Deus o que me resta ainda  
De ter-te de meu lado, calma e linda.

SP. 22/01/2017.

## XI

### PARA OS MEUS 82 ANOS E 64 COM RUTH

Velhice desfigura o corpo inteiro,  
Do tempo a carne tem as tatuagens,  
Da vida, em larga estrada caminheiro,  
Eu fui andando, calmo e sem blindagens.

Expus o que pensei, mesmo que errado,  
Mas convencido bem de meu pensar,  
Jamais o meu país ficou de lado,  
Nem Deus, labor, família, em meu altar.

Limitações do corpo, não da mente,  
Afetam pouco a luta e o meu amor  
Junto a mim, tão sereno e diferente,  
Consegue a lida e a paz sempre compor.

Assim eu descortino o meu futuro,  
Embora em passo incerto, mas seguro.

SP. 20/02/2017.

XII  
TENENTE KIJÉ DE PROKOFIEV

Quand'eu ouço o segundo movimento  
Do cântico de amor do nobre Kije,  
Em versos musicados no seu tempo,  
Em tempo permanente qu'inda vige,

Prokofiev comove e o bom tenente  
Relembra sua pomba solitária,  
Que tem a sua dor sempre presente,  
Embora a ausência seja involuntária.

Sua lição de amor faz no infinito,  
O tempo ser eterno e sem espaço.  
O verdadeiro amor é sempre um mito,  
Que segue a quem o tem a cada passo.

Amo-te, Ruth, amo-te e a medida  
De tanto amor é o sonho desta vida.

SP. 27/02/2017.

XIII  
O TEU RETRATO

É fim da tarde. Fim do Carnaval.  
Pela janela, o sol entra já posto,  
Seu raio derradeiro é bom sinal  
Que a noite chega pálida a meu gosto.

Eu vivo cada dia o qu'inda posso,  
Serenamente olhando meu passado.  
O futuro não sei se será nosso,  
Mas o presente eu vivo de teu lado.

O amor é sempre o mesmo e de outra forma  
O nosso espaço torna bem mais denso,  
Não cabe, por ser grande, numa norma,  
Nem no infinito cabe, tão imenso.

Sou grato a Deus, sou grato, muito grato,  
Por ter no coração o teu retrato.

São Paulo, 28 de fevereiro de 2017.

XIV  
TELAS E CANETAS

Eu gosto de escrever é com canetas.  
As telas me incomodam, são tão frias.  
As tintas ora azuis, verdes ou pretas  
Dos simples pensamentos são meus guias.

Escrevo sempre a mão, flui o pensar.  
Digitar corta a linha do que penso.  
No papel, meus escritos são um mar  
Onde navego num espaço imenso.

Canetas e papel, sinto-me moço,  
Embora para os jovens antiquado.  
Tiro as ideias sempre de meu poço  
Mais amplo que a Internet num quadrado.

Em tempo de foguetes e de telas,  
Eu inda curto as minhas caravelas.

SP. 01/03/2017.

XV  
IRRITAÇÕES MODERNISTAS

O louco modernismo pouco agrada  
A quem cultura tem e tem talento,  
Os ricos e os medíocres pela escada  
Do louvor imbecil dão acalento.

Os traços, na pintura, sem sentido,  
Palavras pouco claras e sem nexos  
Ao burguês tornam sempre embevecido  
Deixando o ser mais culto bem perplexo.

Vocábulos e músicas nas artes  
Devem ao coração sempre falar,  
Sem fórmulas, rabiscos ou apartes  
Daquele que não tem o que contar.

Por ser velho, bem quero o que no eterno  
Contrapõe-se à loucura do moderno.

SP. 05/03/2017.

## XVI

Em Bruckner na Nona Sinfonia,  
Parece, no segundo, ter marchado  
Um exército, numa longa via,  
Que para, sem marchar, de quando em quando.

No mundo, nossa luta é sempre assim,  
Pois com ou sem barulho vai à frente  
Até que, de repente, vê-se o fim,  
Eis que a morte na vida é bem presente.

Se nela procuramos a verdade,  
Que muitos não entendam, pouco importa.  
Fidelidade à Deus, por toda a idade,  
Vale mais do que tudo e nos conforta.

Por isto é que a família me entenece  
E faço aos que me atacam minha prece.

SP. 12/03/2017.

XVII  
RUTH

O coração é nobre caravela,  
Nos mares do infinito bem navega,  
O timoneiro pinta uma aquarela,  
Enquanto sua carga mal carrega.

O sonho da ilusão forma seu mundo,  
Disperso pelas águas sem ter praias,  
A inspiração colore o tom profundo  
Onde estão peixes grandes, grandes raias.

O bardo no timão guia seu barco  
Deixando como rastro ondas e versos,  
Descobre a todo instante um simples arco  
Traçado em cores mil e sons diversos.

Desenho minh'amada nesta tela,  
Entre as belas, p'ra mim sempre a mais bela.

SP. 13/03/2017.

XVIII  
QUARESMA

São dores permanentes, mas enfrento.  
É bom que na Quaresma bem as tenha,  
Há penitência e conversão por dentro,  
Pois para o céu, eu uso a mesma senha.

A tentação primeira foi do pão,  
Podendo converter, mas Deus não quis,  
Mortificou assim seu coração  
E no jejum mostrou ser tão feliz.

A segunda, o demônio pela glória  
De exhibir seu poder, ele tentou.  
Na humildade, Jesus sua vitória  
Conseguiu, no silêncio, sem dar show.

Descartou o domínio na terceira.  
Na tentação proposta e derradeira.

SP. 19/03/2017.

XIX  
RUTH

Já não sou astronauta como dantes.  
Espaços siderais do pensamento,  
Descortinando as eras dos infantes,  
Já não percorro, o rosto aberto ao vento.

Hoje navego em lago muito estreito,  
Num escaler de antiga caravela.  
A inspiração fugiu já de meu peito,  
Só lá ficando a tua imagem bela.

Eu vivo do teu lado sempre assim,  
Valendo para mim a companhia.  
Pouco importando se chegou ao fim  
A verve de meu verso, todo o dia.

O tempo passa, nunca para ti  
Formosa como igual jamais eu vi.

SP. 23/03/2017.

XX  
VELHICE

Escrevo sobre o tema variações,  
O tema da velhice e me pergunto  
Se sinto ao comentá-lo as aflições,  
Que os velhos sempre sentem sobre o assunto.

Confesso que a velhice não me afeta,  
Esperei toda a vida pela morte,  
Num caminho que Deus bem atapeta  
Àqueles que O adoram mais que a sorte.

É claro que na carne tenho dores  
E dos oitenta e dois me curvo ao peso,  
Porém Ruth e família, meus amores,  
Descobrem meu querer bem mais aceso.

Sobre o futuro resta meditar  
Como acabam na praia ondas do mar.

SP. 25/03/2017.

XXI  
PARA FAMILIARES E AMIGOS

Eu me divirto assim, todos os dias,  
Com tantas restrições no meu andar,  
O tempo em que corria pelas vias,  
Já não consigo mais dele lembrar.

Aceito o desafio, sorridente,  
Por levantar lutando de manhã.  
É tudo cada vez mais diferente,  
A carne sendo sempre menos sã.

Alegro-me poder inda na vida,  
Batalhar fortemente por meus sonhos.  
Formosa e para mim sempre querida,  
Minha mulher afasta os tons tristonhos.

Que bom que Deus me dê limitações,  
Pois oferto dos meus aos corações.

Jaguariúna, 07/04/2017.

## XXII

### RUTH

Quantas naves, em sonhos, comandei,  
Quantos sonhos o tempo já desfez,  
Na vida sou plebeu, nos sonhos rei,  
Velho, porém nos sonhos bem na tez.

Não canso de cantar a juventude,  
Malgrado da velhice tendo o peso,  
Eu afasto a senil decrepitude,  
Pois dela sai meu sonho sempre ileso.

Talvez por amar tanto minha amada,  
Os anos sinto menos nesta idade.  
Com dores e alegrias eu do nada  
De meu Deus descobri sua verdade.

Há muito tempo que eu me sinto assim,  
Tendo, Ruth, você junto de mim.

SP. 13/04/2017.

X X I I I  
CONFORTO

A inspiração desfaz-se na velhice,  
Por disciplina eu vou, porém, à frente.  
Nos versos reconheço esta mesmice  
De temas, muito embora não lamente.

Os gostos são iguais aos de menino,  
Cavaleiros com lanças, caravelas,  
As naves pelo espaço sem destino  
Meu amor, a mais bela entre as mais belas,

Assim meu versejar desd'eu infante  
Descortinou cenários multicores  
De um mundo que se faz de mim distante,  
Enquanto bem convivo com as dores.

A falta de talento pouco importa,  
Pois escrever sonetos me conforta.

SP. 15/04/2017.

X X I V  
BALANÇO

O tempo torna a fama sem valor  
E a busca pela glória não importa,  
Refletir sobre o fim, com ou sem dor,  
É ver da eternidade sua porta.

Não ter errado muito me conforta,  
Buscando sempre ao bem dar sua cor,  
Na luta corrigir a estrada torta  
E sempre o que é mais certo nela pôr.

O pouco que já fiz, pois sem talento,  
Compensei com esforço meu combate,  
Quando difícil, sem abatimento,

Não recusei jamais qualquer embate,  
Por isto, sempre calmo, tudo enfrento  
Até que Deus da vida me resgate.

SP. 16/04/2017.

77

HAICAIS BRASILEIROS

I

Descobri  
Cedo, meu amor  
Só por ti

10/06/2016.

II

Vejo o céu,  
Teu olhar sereno  
Como mel.

10/06/2016.

III

No Japão,  
Lindas Cerejeiras  
Sempre estão.

10/06/2016.

IV

Ó minha Ruth,  
Que meu coração  
Sempre te escute.

10/06/2016.

V

Velho amor,  
Sempre sem tormenta  
E sem dor.

10/06/2016.

VI

Ao relento  
Tenho sempre sonhos  
Sem lamento.

10/06/2016.

## VII

Antigos beijos  
Sangram passadas lembranças,  
Quantos desejos.

11/06/2016.

## VIII

Nossa Mãe de Deus,  
Encontrei o Teu Amor,  
Que gerou os meus.

11/06/2016.

## IX

Todas estrelas  
Nunca soube para ti  
Como retê-las.

11/06/2016.

X

Meu espaço  
Vive em teu querer,  
Cada passo.

11/06/2016.

XI

Deus e Amor,  
Vazio sem Ele,  
Faz-se dor.

11/06/2016.

XII

Oração.  
Ver de perto Deus,  
Coração.

11/06/2016.

XIII

A serpente  
Rasgou as águas do lago  
De repente.

12/06/2016.

XIV

Teu olhar  
Meu coração encanta  
Como o mar.

12/06/2016.

XV

Sonho contigo.  
Meu amor é sem limites  
Sempre te digo.

12/06/2016.

## XVI

Tão vermelho,  
Meu coração por ti,  
Seu espelho.

12/06/2016.

## XVII

Muitos mastros.  
Há lunetas para o espaço,  
Vendo os astros.

12/06/2016.

## XVIII

Meu Senhor.  
Senhor do Universo.  
Paz e Amor.

12/06/2016.

XIX

Olhar triste?  
Em muita gente simples?  
Nunca viste?

12/06/2016.

XX

Muitos cardumes.  
As flores são como os peixes.  
Mas com perfumes.

12/06/2016.

XXI

Borboleta.  
Parada nas flores,  
Sem ter meta.

13/06/2016.

**X X I I**

Sinaleiro,  
O pássaro mede o espaço  
Por inteiro.

13/06/2016.

**X X I I I**

Quanta esperança!  
O amor se fez sempre pleno.  
Quanta lembrança!

13/06/2016.

**X X I V**

Meu caderno.  
Páginas tão frias!  
É inverno.

13/06/2016.

**XXV**

Olhos quentes.  
Assim eu sempre te sinto.  
Tu me sentes?

13/06/2016.

**XXVI**

Muito amor.  
Melhor unguento  
Para a dor.

14/06/2016.

**XXVII**

Mares bravios.  
Meus barcos singrando as águas,  
Sem desafios.

14/06/2016.

XXVIII

Serenidade.  
Em você o tempo passa.  
Sem ter idade.

14/06/2016.

XXIX

Desde o ventre,  
Amei-te minha amada.  
Para sempre.

14/06/2016.

XXX

Livros meus.  
Lanço-os ao mundo  
Para Deus.

14/06/2016.

**XXXI**

Só canetas.  
São brancas, douradas  
E são pretas.

14/06/2016.

**XXXII**

Contratempos.  
Folhas espalhadas  
Pelos ventos.

14/06/2016.

**XXXIII**

Uma vida.  
Quanto vale no Universo?  
Só a lida.

14/06/2016.

XXXIV

Amo a Guerra  
Nas Estrelas. Sete filmes.  
Minha Terra.

15/06/2016.

XXXV

Toda a candura  
De teu olhar de menina  
Torna a alma pura.

15/06/2016.

XXXVI

Minha estrada.  
Sempre nela luto,  
Sem espada.

15/06/2016.

XXXVII

Alma nua,  
Tão limpa e branca  
Como a Lua.

15/06/2016.

XXXVIII

Caravelas.  
Singrando os mares.  
Sempre belas.

15/06/2016.

XXXIX

Deixam rastros.  
Velhas fragatas  
Com seus mastros.

15/06/2016.

**XL**

Minha amada,  
Doce companheira  
Nesta estrada.

15/06/2016.

**XLI**

Amarelas,  
As luzes pelas ruas  
Paralelas.

15/06/2016.

**XLII**

Velho senil,  
Mas ainda em luta  
Pelo Brasil.

15/06/2016.

### XLIII

Eu destaco.  
As mulheres no inverno  
Têm recato.

15/06/2016.

### XLIV

Vale a pena  
Lutar pelas ideias,  
Sem ter pena.

15/06/2016.

### XLV

Coração frio.  
Sem dar-lhe o melhor lugar,  
Sempre vazio.

15/06/2016.

XLVI

Toda a História  
Vive parte apenas  
Da memória.

15/06/2016.

XLVII

Clara lagoa.  
Silêncio e peixes nadando.  
O tempo escoa.

15/06/2016.

XLVIII

*Para Ruth*

Minha esquina,  
Na rua de meus versos,  
És menina.

15/06/2016.

XLIX

Rosto com cardos.  
Versos escritos ao vento.  
São velhos bardos.

15/06/2016.

L

A gravata  
Escorre no meu peito  
Tal cascata.

15/06/2016.

LI

Do meu jeito,  
Sinto amor por você,  
No meu peito.

15/06/2016.

LII

Istambul.  
Feito de encantos!  
Céu azul.

15/06/2016.

LIII

Mal sofejo  
Saudades da velha música  
Sem arpejo.

15/06/2016.

LIV

Catamarã.  
O futuro no horizonte,  
Cada manhã.

15/06/2016.

L V

Mil panteras.  
Todos na mente temem  
Estas feras.

15/06/2016.

L V I

Novidade.  
Do passado sempre sinto  
Só saudade.

15/06/2016.

L V I I

Tudo escuro  
Buscam-se luzes  
Pro futuro.

15/06/2016.

L V I I I

Toda a cruz  
Do verdadeiro cristão  
Faz-se luz.

15/06/2016.

L I X

Minha família.  
Sigo meu caminho certo  
Em sua trilha.

15/06/2016.

L X

Repetiste  
Ao teu lado eu nunca  
Fico triste.

15/06/2016.

L X I

Meu encanto  
Por meu amor  
Faz meu canto.

16/06/2016.

L X I I

Horizontes  
Nos meus poemas  
Viram fontes.

16/06/2016.

L X I I I

Naves no espaço  
Versos perdidos no tempo  
Marcam seu passo.

16/06/2016.

L X I V

Pelos varais  
Meus versos são pendurados  
Com muitos “ais”.

16/06/2016.

L X V

É desatino.  
Assim eu meus versos faço  
Desde menino.

16/06/2016.

L X V I

Meus papagaios  
Eu os empino, pois são  
Meus para-raios.

16/06/2016.

L X V I I

Meu talento  
Nunca nasceu pelo tempo.  
É só vento.

16/06/2016.

L X V I I I

Tal pantanais,  
Teus olhos de musgos feitos,  
São meus jograis.

16/06/2016.

L X I X

Verso manco  
Corre a pena no papel,  
Papel branco.

16/06/2016.

L X X

Quase no fim  
Deste pequeno caderno;  
És meu jardim.

26/06/2016.

L X X I

Minha lanterna,  
Meu universo desvenda  
A luta interna.

16/06/2016.

L X X I I

Aquarelas  
No meu quadro imaginário  
Geram telas.

16/06/2016.

L X X I I I

Cavalgada  
Com meu coração  
Nesta estrada.

16/06/2016.

L X X I V

Meu próprio abismo  
Eu desço, medindo o passo  
Quando só cismo.

16/06/2016.

L X X V

Meus desejos  
Cavalos que foram pombos,  
São de beijos.

16/06/2016.

L X X V I

Minha amada,  
Minha sempre doce amada,  
Minha fada.

16/06/2016.

L X X V I I

Haikai.  
O meu último poema  
Aqui vai.

16/06/2016.

**POEMAS ALÉM DO TEMPO**  
(2018)

## Breve apresentação

*A*os 83 anos, continuo a versejar. Os sonetos e quadras deste opúsculo foram escritos em 2018.

*Dedico-os, como sempre, à Ruth, minha companheira de 65 anos de namoro e 60 de casados.*

*São poemas, em que a juventude perene de nosso amor segue reflexões, que, nesta quadra da vida, poeticamente faço sobre a velhice.*

*Em edição particular exclusivamente para familiares e amigos, veiculo-os pelo selo de meu amigo de muitas décadas, Cláudio Giordano.*

*Espero que me perdoem, uma vez mais, por estas confidências octogenárias.*

SP, dezembro/2018.

Ives Gandra da Silva Martins

**SONETOS**  
**ALÉM DO TEMPO**

## I

O tempo mostra à vida o seu tamanho  
E a dimensão exata do que somos,  
O livro que escrevemos, mesmo estranho,  
Poderá ter — quem sabe? — muitos tomos.

Quando jovens a morte não é tema,  
Quando velhos sentimos a presença.  
Fizemos, pelos anos, nosso esquema  
Com certezas e, às vezes, com descrença.

Embora tudo gere mais cansaço,  
De tudo temos mais conhecimento  
E sabemos qual é o nosso espaço,  
Que não tem, nesta idade, mais aumento.

É feliz quem a si não dá valor  
E oferta para os seus somente amor.

SP, 16/01/2018.

## II

A inspiração no tempo é diferente.  
Na juventude a vida é só romance,  
Na mocidade sonha toda gente  
Que uma grande aventura cria o lance.

Na madureza, corre uma esperança  
Que a velhice se encontr'inda distante,  
Porém se bem mais forte, o esforço cansa  
E os desejos já não são mais de infante.

Por fim, aos poucos, a senilidade  
A tudo dificulta, todo o dia.  
Memória do passado dá saudade  
E a perda dos amigos faz a via.

Mas quem em Deus desvenda seu carinho,  
Descobre como é belo este caminho.

SP, 22/01/2018.

### III

*Para Ruth no aniversário da Ângela*

Há tanto tempo que eu te quero tanto,  
Há tanto tempo tu me queres bem,  
Por tanto amor o quanto de meu canto  
Fica meu canto sempre muito aquém.

São décadas e décadas de amor,  
Que sem sentir o tempo vem e passa,  
Nesta paixão há sempre muita cor  
Num sonho que se bebe em linda taça.

És ponte da família para Deus,  
Que atravessamos sempre bem felizes,  
Tu pedes ao Senhor por todos seus  
E nós todos seguimos o que dizes.

Há tanto tempo que eu te quero tanto  
Que meu amor não cabe neste canto.

SP, 09/02/2018.

#### IV

*Para a tatuagem de minha neta Fernanda.*

Uma espada cravada em coração,  
Que responde com flores, como o sândalo,  
Perfumando, se um golpe leva-o ao chão,  
O que parece ser mais do que escândalo.

Assim Cristo pediu pelos algozes,  
Como o sândalo augusto perfumando  
As machadadas frias e sem vozes,  
Ao modo dos cristãos de quando em quando.

A tatuage'está na minha neta,  
Não é nem muito grande, nem pequena,  
As minhas eu as tenho, pobre asceta,  
As rugas da velhice, em tez serena.

Fernanda, eu amo a filha de uma filha,  
Que torna sempre alegre esta família.

Jaguariúna, 11/02/2018.

V

*Para Ruth*

Buscando teu amor, todos os dias,  
Todos os dias, vivo de teu lado,  
São mesmo quando tensos, de alegrias,  
Num tempo que se passa não notado.

Os ossos degeneram pela idade,  
O andar mais arrastado faz-se lento,  
Se tenho do pretérito saudade,  
A velhice jamais eu a lamento.

O meu amor, porém, é sempre moço,  
É sempre grande e sempre sem tropeço,  
Pois tiro do mais fundo de meu poço  
O sonho que por ti nunca tem preço.

Querer-te traz à vida segurança,  
Que só por tua causa é que se alcança.

SP, 10/03/2018.

VI

*SONETO DA SENILIDADE*

Quando digo que estou já bem senil,  
    Criticism-me dizendo de meu erro,  
    Pois falo, pois escrevo em tom viril,  
Nas palavras o mal pondo em desterro.

    O certo, todavia, é que a cabeça  
    Não envelhece, mas o corpo sim,  
Embora ser senil não me aborreça,  
    As flores já são raras no jardim.

    O coração, porém, sempre combate  
    O que de podre existe no país  
E, se não há do bem qualquer resgate,  
    Nem por isto abandono a diretriz.

Como árvores que morrem sempre em pé,  
    Irei até o fim com minha fé.

SP, 17/03/2018.

## VII

*Para Ruth*

A pele mostra as rugas pelo tempo,  
Tornando o qu'era belo em feia estampa,  
A vida nunca foi um passatempo,  
Pois para o fim se desce pela rampa.

A velhice desfaz qualquer imagem,  
E muitas vezes fere o próprio amor,  
O passado transforma-se em miragem  
E o presente se perde sem calor.

O coração, porém, quando se ancora  
Num querer permanente é sempre moço  
Sem crepúsculo ou noite, mas aurora,  
Descortinada num formoso esboço.

Assim sou eu, eterno apaixonado,  
Feliz por tê-la, Ruth, de meu lado.

SP, 14/04/2018.

## VIII

Mais um retiro com Deus.  
Todos os anos os faço.  
Nele peço pelos meus,  
Pois na agenda há sempre espaço.

Renovo as forças que tenho,  
Mesmo poucas, vejo luz,  
Relembro o pesado lenho  
Que Cristo teve por cruz.

Meus valores permanentes,  
Ruth, filhos e a família,  
Meus amigos, são meus entes,  
Que tornam leve esta trilha.

Este caminho, Senhor,  
Por ti, foi feito de amor.

Aroeira, 21/04/2018.

## IX

*Para Ruth*

A velhice bem vale um coração,  
Se o coração bem jovem permanece,  
As rugas com a morte morrerão  
E o amor nele gerado faz-se prece.

O querer não tem forma de preção,  
Que a qualquer um se entrega na quermesse,  
Sem ter pureza o esforço faz-se vão,  
Pois a quem ama apenas se oferece.

A velhice é detalhe sem relevo,  
Que não torna jamais a mocidade  
Menos presente, mesmo se longevo

O caminhar dos anos pela idade,  
Por isto este soneto a ti escrevo,  
Para mim sendo eterna divindade.

SP, 28/05/2018.

X

*SEM DESTINO*

Empinei meus papagaios  
Para ver as caravelas,  
Que desenho em meus ensaios,  
Pelas ruas paralelas.

Eu descubro assim os astros  
Ao noturno contemplar,  
Vi estrelas sobre os mastros  
No meu barco pelo mar.

Penetrei pelas florestas  
Sem alforje, sem espada,  
Dos nativos vi as festas  
E parei na encruzilhada

De meus versos sem destino,  
Que escrevo desde menino.

SP, 02/06/2018.

## XI

*Para Ruth*

Cantador cantei a lua  
Desde os tempos de eu menino,  
Fosse doce, fosse crua  
Minha vida sem destino,

Cantador da velha rua  
Em que vi o teu fascino,  
Que o tempo não atenua,  
Mas o torna mais divino,

Cantador da face tua,  
De teu olhar cristalino  
Que no meu vive e flutua,

Cantador, sou paladino  
De um amor que continua  
Sempre eterno e repentino.

SP, 16/06/2018.

## XII

*Para Ruth*

Anoitece no inverno bem mais cedo,  
Após o entardecer frio e chuvoso,  
O vento já fustiga este arvoredo  
Em frente do escritório, em tom raivoso.

A vontade de estar dentro de casa  
É mais forte do que qualquer programa,  
Minha imaginação ganha mais asa  
E foge de viver o próprio drama.

O tempo da colheita faz-se agora  
Das sementes lançadas no passado,  
Nas sombras muita imagem se descora  
Mas outras tornam tudo iluminado.

Assim meu coração em ti, querida,  
Sente a luz que tu pões em minha vida.

SP, 24/06/2018.

### XIII

*Para Ruth em seu aniversário  
(Ao som dos momentos musicais  
de Schubert – intérprete Jeno Jandó)*

Eu toquei os momentos musicais  
Números um e dois dos seis compostos  
De Schubert em pequenos recitais  
Antes de ser levado por impostos.

Dediquei-me ao direito tributário,  
E a música deixei sem desencanto.  
Mas ouço-a quando estou mais solitário  
Pois cobre o coração com doce manto.

Sonoridade eu busco nos meus versos,  
Saudades dos bons tempos de solista,  
Eram meus sentimentos sempre imersos,  
Nos grandes mestres de uma imensa lista.

Eu hoje nada toco e mal versejo,  
Porém és para mim um belo arpejo.

SP, 01/07/2018.

XIV

Férias. Férias e mais férias.  
Quinze dias pela frente,  
Sem trabalhos, sem matérias.  
Tudo agora é diferente.

Sem tarefa é a vez primeira  
Que nas férias não terei  
De cansar-me na carreira.  
Até pareço ser rei.

Minha amada tem-me ao lado  
Filha e netos são também  
Que Deus me faça achegado  
A seu querer para o bem.

Dê-nos, pois, a proteção  
No seu grande coração.

Jaguariúna, 02/07/2018.

XV

Quando a Nação descobre que seu mal  
Está nos que se dizem competentes  
E quando corromper é bem normal  
E os guardiões morais tornam-se ausentes;

Quando se aplaude a morte em nascituro,  
Que assassinar seus filhos é moderno,  
Pois não se vê ainda o seu futuro  
Que dependente está do amor materno,

Quando se pensa pouco na família  
E muito no gozar somente a vida.  
Mesmo à custa daqueles que na trilha  
São pisados de forma desmedida.

Não se pode falar em liberdade,  
Pois o mundo carece da verdade.

XVI  
*POBRE BRASIL*

O meu país não deslancha,  
Os políticos são fracos  
Tiram do povo a esperança,  
Pondo a nação em buracos.

Enquistados em Brasília  
Vivem corporativismo,  
São uma furada quilha  
De um barco em rota do abismo.

Seus privilégios são tantos,  
Enquanto a nação naufraga  
Do poder tem os encantos  
Que a corrupção afaga.

Pobre gente brasileira!  
Que despenca na ladeira.

Jaguariúna 03/07/2018.

XVII  
*EXPERIÊNCIAS*

Muitos pensam que os velhos são passado  
E precisam apenas de um apoio  
Para esperar a morte, que é do lado,  
Inúteis para os outros como o joio.

Mal percebem que muitos destes velhos  
Fazem bem mais que os jovens mais robustos  
Pois têm nas experiências seus espelhos  
E levam seu trabalho sem ter sustos.

O corpo velho, mas de jovem mente  
É bem mais jovem dos que jovens são  
Pois seu rápido agir é diferente  
Naquilo que os mais jovens não farão.

A pátina do tempo tem valor  
E nela o conhecer põe sua cor.

Jaguariúna, 08/07/2018.

XVIII  
*NOVE DE JULHO*

Hoje São Paulo festeja  
A luta pelo Direito,  
Foi uma dura peleja  
Pra ter da lei seu respeito.

Nove de julho, paulistas  
Foram mortos pela história,  
Eram almas altruístas  
De quem se guarda memória.

Derrotados, mas venceram  
Gerando a Suprema Lei  
E seus nomes apuseram  
Com a nobreza de um rei.

Um sonho bem vale a vida,  
Se tem na pátria a medida.

Jaguariúna, 9 de julho de 2018.

## XIX

Que saudades do tempo de eu menino  
Cujos sonhos mantenho mesmo agora,  
Eu sempre achei que fosse meu destino  
Por eles batalhar no mundo afora.

Malgrado os resultados serem pobres,  
Não deles desistir valeu a pena  
Se os fins que se propõe são eles nobres  
A vida bem vivida é vida plena.

Os fracassos e os erros são normais  
Com vitórias a lida se entrelaça,  
Assim erguem-se lindas catedrais  
Com pedras, com tijolos e argamassa.

Embora no que faço, pouco valho,  
Procuro tudo dar no meu trabalho.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XX

Na vida cometemos muitos erros,  
Embora com acertos, outras vezes,  
Escondemos aqueles nos aterros  
Que, em nosso peito, abrimos todos meses.

A luta que travamos, permanente.  
Nem por isto desfaz o qu' é mal feito,  
Mas sempre deve ser luta presente  
Na busca de vencer todo defeito.

As vitórias se mesclam com fracassos,  
Enquanto esgota o tempo da existência,  
Assim bem dirigimos nossos passos  
Até o dia em que formos ausência.

Eu sei que Deus está a nossa escuta,  
Malgrado os erros, vendo nossa luta.

SP, 21/07/2018.

XXI  
60 ANOS

Passa o tempo e não sei o que dizer  
De tanto amor que tenho por você,  
Só me resta, na vida, agradecer  
O bem que já foi feito e que se vê.

A Deus, que é meu Senhor, eu tudo devo  
E devo o dom maior do casamento,  
Que segue, neste mundo, bem longo,  
Para mim num eterno encantamento.

Amar, como eu a amo, amor tão grande  
Que no peito não posso aprisionar  
E que, em nossa família, mais se expande,  
Tais quais as ondas brancas pelo mar,

Faz-me tão grato em tudo, amada minha,  
Que de meu lado sempre assim caminha.

SP, 31/07/2018

XXII  
*UNIVERSO*

Eu me pergunto sempre se o universo  
Teria ou não teria algum limite  
E se limite houvesse bem diverso  
Do mundo tal seria. Há quem cogite?

Difíci' é descobrir algo sem fim,  
Pois há em todo o fim algo depois,  
Fronteiras, quando existem, são assim  
Porque dividem sempre tudo em dois.

S' ele infinito for, como explicar  
No "big bang" a tórrida expansão,  
Não me parece fácil de encontrar  
Toda a verdade atrás desta amplidão.

De Deus eu só conheço o doce império,  
Sem penetrar jamais neste mistério.

SP, 11/08/2018.

### XXIII

É tempo de ser sábio e de ser fraco.  
A experiência se faz sempre mais forte,  
O físico, porém, torna-se opaco  
E vive-se só mais conforme a sorte.

O passado a quem sabe pouco importa  
Se foi bom, se foi mal já não retorna,  
Do fim é cada vez mais perto a porta  
E espera-se o martelo na bigorna.

O futuro descobre-se presente,  
E vive-se no dia, cada dia,  
Os sonhos se desfazem pela mente,  
Mas quem sonha renasce na alegria,

É que bem vê que estamos de passagem  
Não tendo do morrer qualquer blindagem.

SP, 09/09/2018.

XXIV

*No HOSPITAL SÃO JOSÉ*

Há tempo para tudo nesta vida.  
Desde o tempo que a vida veio à Terra,  
Há tempo de chegada e de partida  
E tempo qu'ê de paz e qu'ê de guerra.

Há tempo para amar e p'ra esquecer  
E tempo de trabalho e de descanso,  
Há tempo de viver e de morrer  
E tempo de tormenta e de remanso.

Há tempo de vitória e de derrota  
E tempo de prazer e de tristeza,  
Há tempo que no tempo não se esgota  
E tempo de perder-se em correnteza,

Mas há tempo qu'ê tempo de alegria,  
É o tempo que é de Cristo e de Maria.

SP, 12/09/2018.

XXV

Quando um povo não vê o populismo  
E acredita em promessas de assaltantes;  
Quando governos levam para o abismo  
Os sonhos que se fazem mais distantes;

Quando presos comandam dirigentes  
Do crime organizado e da política,  
Na condução não sendo diferentes  
Sem terem da nação nenhuma crítica;

Quando o ganho ilegal é sempre ganho  
Dos eleitores tendo um grande apoio  
E o querer ao Brasil parece estranho,  
Pois se troca o bom trigo pelo joio;

Vai se perdendo aos poucos a esperança  
E o mal dos que são maus, no tempo, avança.

SP, 30/09/2018.

XXVI

O tempo dos mais jovens é mais lento,  
Mas com a idade vai acelerando  
E curto bem parece o comprimento,  
Se mede a rapidez de quando em quando.

Para o moço o final não se cogita,  
Para o velho o final está bem perto,  
Que vê como descanso ou por desdita  
Ao lembrar seu passado descoberto.

O jovem pensa a vida ser eterna,  
A vida para o velho é sem espaço,  
A mocidade longe, o corpo inverte  
E fica mais cruel a cada passo.

Somente em Deus encontra seu carinho  
E a certeza que segue o bom caminho.

Jaguariúna, 12/10/2018.

## XXVII

Por mais que o tempo passe a minha amada  
E sempre bela é sempre o meu amor,  
Meu corpo já se esconde atrás do nada  
O coração, porém, tem seu calor.

A luta que vivemos, lado a lado,  
Os sonhos que sonhamos, desde cedo,  
Os anos que deixamos no passado  
Num grande amor eterno e sem segredo.

Dificuldades muitas quem não teve?  
Mas sempre acreditando em nosso Deus,  
Pois Deus com sua pena, assim escreve  
O destino daqueles que são seus.

Amada minha, amada tão querida,  
Por ter-te junto a mim valeu a vida.

Jaguariúna, 12/10/2018.

XXVIII

*Para Ruth*

Este soneto eu faço no escritório  
De meu apartamento, após o banho,  
Meu tempo, quando é noite, é tempo inglório,  
Pois o que está distante não arranho.

Por hábito versejo. Faz-me bem.  
Ninguém há de entender porque versejo,  
A qualidade fica sempre aquém,  
Mas segue em minha lida seu cortejo.

Os temas, eu não tenho há longos anos,  
Não sei mais o que seja inspiração,  
A métrica passou por tantos danos,  
Embora a cultivasse, mas em vão.

Meu único consolo és tu, querida,  
Destino de meus versos, toda a vida.

SP, 20/10/2018.

XXIX  
TONINHO

Os caminhos de Deus não poucas vezes  
Parecem bem difíceis de entender,  
Pois passam desde Cristo, anos e meses,  
Com dores, nos instantes de morrer.

É Deus, porém, que tudo descortina  
E sabe de seus filhos o momento,  
Em que na vida eterna bem destina  
O prêmio que desfaz o sofrimento.

Assim pelo que fez, nosso Toninho  
Está nos braços santos do Senhor,  
Pois, na terra, foi este o seu caminho,  
Que regou com pureza e com amor.

Embora sua ausência é bem sentida,  
Para Deus bem valeu a sua vida.

SP. 22/10/2018.

XXX

A luta, pela vida, dá sentido  
Àqueles que o servir é sua cena,  
Vitória, ingratidão ou ser vencido,  
Pouco importa, servir bem vale a pena.

Os que vivem apenas para si  
Em busca de dinheiro ou de poder,  
Pisando sobre os outros, cá ou ali,  
E aqueles que só pensam no prazer,

Escravizados são de seus apegos,  
Pois desconhecem a plena liberdade.  
Perante a morte, trêmulos e cegos,  
Descobrirão a própria nulidade.

Não dar qualquer valor, na vida, à sorte,  
E servir, livremente, faz o forte.

SP, 28/10/2018.

XXXI

A esquerda pensa ter sempre razão  
E quem dela discorda é neo-facista,  
Os meios justificam a assunção  
Do poder na lição bem marxista.

Apenas tem um fim, os governantes,  
Para si retirar dos ricos bens,  
Os pobres ficam sempre como dantes  
Não mais de seus discursos que reféns.

Os divergentes são excomungados,  
O livre pensamento não existe,  
Pois desde cedo tão manipulados  
Os jovens todos são de forma triste.

O povo contra o mal não tem seguro,  
Em países que vivem sem futuro.

03/11/2018.

XXXII

*Para Ruth*

O soneto das rimas amarelas,  
Desenhadas em simples aquarelas,  
Às vezes, tendo cores de capelas,  
Outras vezes apenas de favelas,

O soneto das rimas paralelas,  
Relembrando os olhares das donzelas,  
Num passado de moças tagarelas  
E serenatas feitas em ruelas.

O soneto das minhas caravelas,  
Da busca da mais bela entre as mais belas,  
De luta em temporais e nas procelas  
E do bem descobrindo sentinelas,

O soneto do amor sem ter tutelas,  
Em que p'ra ti meu peito abre em janelas.

XXXIII

*Para Ruth*

Os velhos também sonham sonhos novos  
E os novos sonhos são sonhos de moços,  
Assim sonham, no tempo, todos povos,  
Formatando, na terra, seus colossos.

Os sonhos que sonhei quand'era jovem,  
Na minha idade sonho sem receio,  
No coração, estrelas inda chovem  
E são de meu querer o seu esteio.

Os velhos quando sonham são mais puros  
E são alegres, pois tiveram vida  
E sentem-se em seu Deus bem mais seguros,  
Sabendo que estão perto da partida.

Por ti, o amor me fez sempre sonhar,  
Um amor tão imenso como o mar.

SP, 12 /11/2018.

XXXIV

Quando o tempo, no tempo, faz-se escasso  
E quando da verdade a vida escapa,  
Buscando na mentira o próprio espaço  
E nela alcandorando a sua capa,

Quando o povo é só campo de manobra  
Dos que fingem que são seus defensores,  
Destilando veneno de uma cobra  
Contra os bons que são vítimas de horrores,

Quando o sonho dos pobres se desfaz,  
Atingindo por quem só quer poder  
E percebem bem tarde que na paz  
Não mais viverão até morrer

Resta apenas lutar, nesta porfia  
Sem nunca desistir, dia após dia.

XXXV  
O VERDADEIRO AMOR

*Para Ruth*

O símbolo do amor é no perdão,  
Que desvenda o caminho da verdade,  
Querer a quem se quer e dizer não  
Aquilo a que seu bem, bem desagrade.

Ao verdadeiro amor é curta a vida,  
Por mais que os anos passem a seu lado,  
Se perto ou se distante da partida,  
Igual o dedicar-se ao ser amado.

Contradições e lutas há de haver,  
Mas n'alma apaixonada muita paz  
Impõe-se como um límpido dever  
Que a circunda na frente e por detrás,

Assim, seja na dor ou na alegria,  
É sempre descoberta, dia a dia.

SP, 18/11/2018.

XXXVI

O tempo, pelo tempo, faz-se escasso  
E em cada amanhecer vale bem mais,  
A experiência descobre seu espaço  
E como um barco ancora junto ao cais.

A luta pelo bem valeu a pena  
Com muitos erros, mas também acertos,  
Estando perto de deixar a cena,  
Numa existência já sem ter apertos.

O certo fica claro cada dia,  
Nada obstante incerto no passado  
E gera no viver plena alegria  
Por ter pelo Senhor sempre lutado.

Alguns tem na velhice só saudade,  
Par'outros é porém a eternidade.

SP, 20/11/2018.

XXXVII

Quando eu me sinto em tudo bem cansado  
E quando o meu esforço faz-se em vão,  
Pois tenho só pressões de todo lado,  
O bom senso levado em arrastão;

Quando o tempo dos planos faz-se curto  
E cumpri-los se torna mais difícil,  
Como se prometer já fosse um furto  
E restasse ferido por um míssil;

Quando sou eu tentado pela idade,  
No trabalho não mais permanecer,  
Das horas de descanso com saudade,  
Mas sempre obedecendo meu dever;

Tudo suporte, pois, o meu amor  
Desfaz qualquer pressão ou qualquer dor.

SP, 04/12/2018.

### XXXVIII

Os meus versos navegam caravelas,  
Pelos mares bravios de meus sonhos,  
Bonanças, ventanias sobre as velas  
E mastros surgem d'água tão medonhos.

As ondas, se revoltas, ferem telas  
Que, as vezes, têm seus ares bem tristonhos  
E morrem nas areias paralelas  
Que descubro no cume de meus sonhos.

Neste cenário traço minhas cores,  
Descobrimo silêncio nas tormentas  
E formando na mente meus atores

Que no correr dos anos tornam lentas,  
Minhas passadas, não o meu amor.  
Pela beleza que tu sempre ostentas.

### XXXIX

O tempo tira em tudo o seu valor,  
Se a busca, pela lida, é por vaidade,  
Tal qual o sol desbota qualquer cor  
O qu' é soberbo morre pela idade.

Por isto quem procura só sucesso  
Alavancando em outros a carreira,  
No compasso de Deus, quando eu o meço  
Encontro para o bem uma barreira.

A vida dá somente relevância  
Aquele que em servir põe sua fé,  
O resto nunca tem muita importância,  
E corre como as ondas da maré.

Pouco vale no mundo ter vaidade,  
Vale sim, cultivar sempre a verdade.

XL

De meu barco timoneiro nesta vida  
Eu navego pelos mares mais profundos,  
Tenho o sonho como céu desde a partida  
E o Universo a desvendar todos os mundos.

A certeza deste amor dá-me alegria  
Numa estrada pelo bem pavimentada  
Assim vou neste caminho todo o dia  
Tendo o amor que desejei sempre do lado.

Se bandeirante, astronauta ou cavaleiro  
Minha saga apaixonada levo em frente  
De horizontes infinitos sinaleiro  
Meu espaço junto a ti é diferente.

O passado por ser bom nos dá saudade,  
Mas teremos nós em Deus a eternidade.

QUADRAS  
NO TEMPO DE TODO TEMPO

## I

No tempo das caravelas  
Havia monstros no mar,  
E naufrágios nas procelas,  
Que não se sabe contar.

Jaguariúna, 10/07/2018.

## II

No tempo dos cavaleiros,  
As donzelas nas sacadas,  
Protegidas por arqueiros,  
Sonhavam sonhos de fadas.

Jaguariúna, 10/07/2018.

## III

No tempo das caravelas,  
Nos portos, ruas estreitas,  
Tinham luzes amarelas  
Sem brilhar e rarefeitas.

Jaguariúna, 10/07/2018.

V

No tempo dos cavaleiros,  
As liças eram mortais,  
Até mesmo os escudeiros  
Tinham lutas corporais.

VI

No tempo dos cavaleiros  
Existiam cavalgadas  
E, nos cavalos, guerreiros  
Brandiam suas espadas.

VII

O tempo dos cavaleiros,  
Foi também o das Cruzadas,  
Dos nobres eram herdeiros  
Nas batalhas e caçadas.

## VIII

No tempo dos cavaleiros,  
Eram sangrentas as guerras,  
Forjavam em fogareiros  
As lanças em suas terras.

## IX

No tempo dos cavaleiros,  
Cantavam os cantadores  
Os seus feitos derradeiros  
Assim como seus amores.

## X

No tempo dos cavaleiros,  
Lá sonhei ter meu destino,  
Tendo por meus companheiros  
Os meus heróis de menino.

XI

*Para Ruth*

Como nos tempos de antanho,  
De mãos dadas sempre estamos,  
Nosso amor não tem tamanho,  
Sendo os Santos nossos amos.

28/07/2018.

XII

Quando os tempos são da lua  
O coração é mais belo,  
Pois nele a imagem é tua,  
Num colorido amarelo.

SP.,28/07/2018.

XIII

No tempo dos sonhos mil  
A vida faz-se mais leve  
Ninguém se torna senil  
E nem o viver é breve.

#### XIV

No tempo dos astronautas  
Os espaços siderais  
Tornam as vidas incautas  
Semelhante aos samurais.

#### XV

No tempo dos navegantes  
Os mares eram bravios  
E as terras muito distantes  
Tinham invernos e estios.

#### XVI

No tempo da Idade Média  
Havia muitos escravos,  
Não havia enciclopédia,  
Mas uns cavaleiros bravos.

## XVII

No tempo da Grécia antiga  
Os deuses eram normais,  
Mas eterna a sua briga,  
Sendo alguns bem imorais.

## XVIII

No tempo do velho Egito,  
Os deuses eram sangrentos  
E a história tornou-se mito  
Com descobertas e inventos.

## XIX

No tempo da Babilônia,  
Mulheres eram impuras  
E os homens tinham insônia  
Durante as noites escuras.

XX

No tempo do Império assírio,  
As guerras eram ferozes  
Sem flores, nem mesmo lírio,  
Só gritos eram as vozes.

XXI

E no tempo dos romanos,  
Vencidos eram os escravos  
Mesmo sendo soberanos  
Ou até guerreiros bravos.

XXII

No tempo do iluminismo  
Todos pensavam ser gênios  
Porém o seu raquitismo  
Demonstrou serem ingênuos.

XXIII

No tempo dos fins dos tempos,  
Pouco tempo há de buscar,  
Haverá trovões e ventos  
E maremotos no mar.

Jaguariúna, 12/10/2018.

XXIV

No tempo dos impossíveis  
Tudo é possível fazer,  
Não há padrão, nem há níveis,  
Só não se pode morrer.

Jaguariúna, 13/10/2018.

XXV

No tempo das grandes naves  
Meus sonhos foram além  
Lembraram elas as aves  
Num eterno vai e vem.

SP, 21/10/2018.

XXVI

No tempo dos literatos,  
Os versos correm no espaço,  
Tais correntes ou regalos,  
Marcando do mundo o passo.

SP, 21/10/2018.

XXVII

No tempo da fantasia  
Imagens brotam constantes,  
Os sonhos dão alegria,  
Tristezas ficam distantes.

SP, 21/10/2018.

XXVIII

No tempo dos samurais  
As lutas eram por glória  
As mortes sempre brutais  
Marcavam a sua história.

SP, 21/10/2018.

XXIX

No tempo da China antiga  
Já chineses eram tantos  
Que ninguém que os contradiga  
Conhece bem seus recantos.

SP, 22/10/2018.

XXX

No tempo dos mil castelos,  
Havia lindas princesas,  
Por elas muitos duelos  
E combates sem surpresas.

SP, 22/10/2018.

XXXI

No tempo dos beduínos  
Viviam sempre de tendas,  
Cantavam os próprios hinos  
Repletos de suas lendas.

SP, 21/10/2018.

XXXII

Nos meus tempos de menino  
Sonhava sonhos de herói  
E vivia meu destino  
Como só o jovem sói.

SP, 21/10/2018.

XXXIII

No tempo das diligências  
Ser cowboy era ser forte,  
Não havia complacência,  
Duelos eram de morte.

SP, 21/10/2018.

XXXIV

E no tempo dos fantasmas  
E dos monstros do cinema  
Os terríveis cataplasmas  
Desfiguravam o tema.

SP, 21/10/2018.

XXXV

No tempo dos bons guerreiros,  
Mas cruéis de coração,  
Aldeias em fogareiros  
Ardiam por sua ação.

SP, 21/10/2018.

XXXVI

No tempo dos bandeirantes  
Os rios eram caminhos,  
Andando em terras distantes,  
Entre florestas e espinhos.

SP, 21/10/2018.

XXXVII

No tempo de Harum Rachid  
Os mouros eram candentes,  
Mas um dia o grande Cid  
Tornou os seus mais valentes.

SP, 21/10/2018.

XXXVIII

No tempo dos portugueses  
O mundo ficou maior  
Girando a terra por vezes,  
Com o seu mapa decor.

SP, 21/10/2018.

XXXIX

No tempo dos mil afetos  
Todo o mundo quer amor,  
Nem sempre caminhos retos,  
Seguem quem tem este ardor.

SP, 21/10/2018.

XL

No tempo dos parlamentos  
Teve o povo a sua voz,  
Mas nem sempre estes momentos  
Deram alegria após.

SP, 21/10/2018.

XLI

No tempo das muitas lendas  
Só uma me traz a vida,  
Pois desconhece contendas,  
Por seres de mim querida.

SP, 21/10/2018.

XLII

No tempo das dinastias,  
A raça negra imperava,  
O sol torrava nos dias,  
E a fria noite era escrava.

SP, 23/10/2018.

XLIII

No tempo da pele escura,  
Imperatrizes formosas  
Mostravam sua brandura,  
Sendo dos reis as esposas.

SP, 23/10/2018.

XLIV

No tempo do barco à vela,  
O tempo jamais passava,  
A marujada na tela  
Tinha sua vida escrava.

SP. 23/10/2018.

XLV

No tempo das aquarelas,  
A variedade das cores,  
Azuis, verdes e amarelas,  
Geravam sonhos e amores.

SP, 23/10/2018.

XLVI

No tempo da lua cheia,  
Os versos brotam perfeitos  
E o céu brilhante recheia  
Até os sonhos desfeitos.

SP. 23/10/2018.

XLVII

No tempo de uma só lua,  
E das estrelas no céu  
A verdade faz-se crua,  
Sem ter diáfano véu.

SP, 23/10/2018.

XLVIII

No tempo dos mil desertos  
E ginetes pela areia,  
Os caminhos bem incertos  
Brilhavam à lua cheia.

SP, 23/10/2018.

XLIX

No tempo dos cantadores,  
Os versos geravam sonhos  
E a alegria dos amores  
Bania seres tristonhos.

L

No tempo dos cantadores,  
Os cantores cantam luas,  
Cantam estrelas e dores,  
Andando, sós, pelas ruas.

SP, 24/10/2018.

LI

No tempo dos cantadores,  
As donzelas nas sacadas  
Sonhavam sonhos de amores,  
Vendo jovens nas calçadas.

23/10/2018.

LII

No tempo dos cantadores,  
Pelas noites de luar,  
Os versos, bouquet de flores,  
Cantavam ondas do mar.

23/10/2018.

LIII

No tempo dos cantadores,  
A lua sempre embarcava  
Nas naves de suas cores,  
Com grilhões na lira escrava.

SP, 23/10/2018.

LIV

No tempo dos cantadores  
Havia rios e mares  
Em que os sonhos multicores  
Formatavam seus altares.

SP. 24/10/2018.

LV

No tempo dos cantadores,  
Muitas vezes seresteiros,  
Na saga de lutadores,  
Os tornava cavaleiros.

SP, 24/10/2018.

LVI

No tempo dos cantadores,  
Todo o poeta faz versos,  
Pois nasceram sonhadores,  
Gerando seus universos.

SP, 24/10/2018.

LVII

No tempo dos cantadores,  
Eu nasci mau cantador,  
Mas cantei os meus amores  
Do nascer ao sol a por.

SP, 24/10/2018.

LVIII

No tempo dos cantadores  
Cem quadras de amor compus,  
Sem valor, mas com valores,  
Ruth sendo a minha luz.

SP, 24/10/2018.

LIX

No tempo só de memória,  
Ruth fica de meu lado  
E, ao meu lado, faz história  
Sendo presente, o passado.

LX

E no tempo da paixão  
É de Ruth meu espaço,  
Conquistou meu coração  
E me segue passo a passo.

QUADRAS  
FORA DO TEMPO

## I

### *PARA O DIA DA SAUDADE*

Ah! Que saudades que tenho  
De um tempo sem ter saudades,  
Na vida com pouco empenho,  
Vendo o mundo sem maldades.

SP, 30/01/2018.

## II

### *PELO DIA INTERNACIONAL DA MULHER*

*Para Ruth*

Meu amor intemporal,  
Faz-me de ti seu amante,  
Tem força de temporal  
E nunca fica distante.

SP, 08/03/2018.

## III

De tanto cantar meu canto  
Já não sei quando o repito,  
Apesar do desencanto,  
Contra o mal eu sempre grito.

SP, 19/05/2018.

IV

*Para Ruth*

Sempre volto ao mesmo tema,  
Quando moço e mais idoso,  
Minha amada, em meu poema,  
Faz o mundo esplendoroso.

SP, 26/05/2018.

V

Não dar importância à vida,  
Nem com glória se importar,  
Ser honesto pela lida,  
A ataques pouco ligar.

SP, 02/06/2018.

VI

Quando entardece no inverno,  
O vento frio aborrece,  
Com “pull-over” e com terno,  
Na Igreja faz-se uma prece.

SP, 02/06/83

VII

Escrever é uma moléstia  
Incurável, sem remédio,  
Mesmo o escrito com modéstia  
Ao autor não causa tédio.

SP, 02/06/82.

VIII

Mais uma quadra refaço,  
Neste final de descanso,  
Escrevo no branco espaço  
Do papel que a tinta lanço.

SP, 16/06/2018.

IX

Meu querido neto André  
Reclama na minha sala  
Da vitrola, mas de pé  
Vai embora e pega a mala.

SP, 17/06/2018.

X

*Para Ruth*

No jardim cheio de estrelas  
Vi teu retrato na lua  
E quando pude retê-las  
Eu retive a imagem tua.

SP, 22/06/2018.

XI

*Para Ruth*

Cansado de estar cansado,  
Cansei-me de me cansar,  
Cansaço se põe de lado  
Pois não me canso de amar.

SP, 23/06/2018.

XII

Sinto saudades do tempo  
Em que lutava com raça,  
Passa a vida como o vento  
Mas teu encanto não passa.

### XIII

Sou bem velho, mas sou moço  
Num coração que se vê,  
O meu amor tem endosso  
Transferido pra você.

SP, 01/07/2018.

### XIV

A noite cai bem serena  
À distância vejo luz,  
E mais distante uma antena  
Que bem parece uma cruz.

02/07/2018.

### XV

É um cachimbo, um cachimbo  
Magrite pôs em pintura  
A frase tem seu carimbo  
Com alguma formosura.

Jaguariúna, 02/07/2018.

XVI

*Para Ruth*

Depois da sauna um bom banho  
E um notável bem estar,  
Sem trabalho, fico estranho  
Mas não paro de te amar.

XVII

Deslizo pelos oitenta  
Com desconforto por vezes,  
Nesta idade não se inventa,  
Os anos parecem meses.

Jaguariúna, 03/07/2018.

XVIII

*Para Ruth*

Meu tempo faz-se presente,  
Só por ti querida amada,  
Mesmo quando estás ausente  
Pois tua image' é guardada.

Jaguariúna, 04/07/2018.

XIX

Fim do dia ensolarado,  
Nem parece ser inverno,  
Tenho Ruth de meu lado  
E tudo se faz eterno.

XX

Eu não sei mais versejar  
Repito temas e versos,  
Mas a Ruth eu sei amar  
Nosso amor vale universos.

Jaguariúna, 06/07/2018.

XXI

*PISCINA*

O sol bate na piscina,  
Mas a piscina está fria,  
Vou a sauna bem na esquina  
De minha casa vazia.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXII

*RUTH*

Muito papel sobre a mesa  
Muito escrevo e pouco digo  
Sou feliz com alma presa,  
Por estar sempre contigo.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXIII

*RUTH*

O panorama que vejo,  
Neste meu pobre recanto  
É belo como teu beijo,  
Pois descobre teu encanto.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXIV

*Para Ruth*

Estou de roupa vermelha  
Nas férias, uso um abrigo,  
Por cima, eu enxergo a telha  
E, ao lado, eu estou contigo.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXV

Na mesa branca da sala.  
Eu escrevo sem parar  
Escritos não tem escala,  
Nem fronteiras como o mar.

Jaguariúna, 10/07/2018.

XXVI

Neste livreto eu bem ponho,  
Meu amor de tantos anos  
Ruth pra mim é meu sonho,  
Numa vida sem enganos.

Jaguariúna, 10/07/2018.

XXVII

Dois cadernos quero dar,  
Para Ruth nos sessenta,  
Para assim comemorar  
Nossa data sem tormenta.

Jaguariúna, 10/07/2018.

## XXVIII

Quanto mais me vejo fraco,  
Mais em Deus eu acredito,  
Pois N'Ele a soberba aplaco  
E faço o mal ser proscrito.

Jaguariúna, 10/07/2018.

## XXIX

A noite chega bem perto,  
Desaparecem as luzes,  
O céu é um negro deserto  
Onde se escondem as cruces.

Jaguariúna, 09/07/2018.

## XXX

Minha rua de eu menino  
Tinha, muitas vezes, bonde,  
Nela via meu destino  
Que não sei onde se esconde.

Jaguariúna, 09/02/2018.

XXXI

Oh querida Ana Regina,  
Psicanalista de escol,  
O teu olhar de menina  
É brilhante como o sol.

SP, 19/07/2018.

XXXII

Vivemos dias estranhos  
Crápulas em profusão  
Têm nos roubos muitos ganhos  
Mas à custa da nação.

SP, 22/07/2018.

XXXIII

Os meus sonhos de menino  
Não os perco no Brasil,  
Os bons farão seu destino  
De afastar o poder vil.

SP, 22/07/2018.

XXXIV

Eu sempre as quadras bem faço,  
Mal escritas de improviso,  
Penetro assim meu espaço  
Em busca de teu sorriso.

11/08/2018.

XXXV

Quanto mais escrevo assim  
Tanto mais assim me sinto,  
Quero ter perto de mim  
O teu olhar tão distinto.

SP, 11/08/2018.

XXXVI

Que frio faz este inverno,  
Que saudades do calor!  
Não é, felizmente, eterno,  
Mas tem do cinzento a cor.

SP, 09/09/2018.

XXXVII

Peço a sua intercessão  
Minha Mãe formosa e linda,  
É de ti meu coração,  
Pelo tempo mais ainda.

SP, 09/09/2018.

XXXVIII

Os astronautas no espaço  
Encontram astros no escuro,  
Os versos são nosso passo  
Com claridão no futuro.

SP, 13/09/2018.

XXXIX

Há tanto tempo teus olhos,  
Eu os amo intensamente,  
Pois são os dois, dois escolhos,  
Onde encalho docemente.

*Para Ruth*

SP, 13/09/2018.

XL

Tantos anos pela vida,  
Dão me valor que não tenho,  
Hoje perto da partida  
Só os valores mantenho.

SP, 27/10/2018.

XLI

Vejo a luta desigual  
Na passagem da existência,  
Do qu'ê bom contra o qu'ê mal  
Num mundo quase em falência.

SP, 27/10/2018.

XLII

*Para Ruth*

Quanto mais eu envelheço,  
Mais romântico eu me torno  
Por ti, querida, este apreço  
Sempre foi o meu adorno.

SP, 28/10/2018.

XLIII

De longe o número vinte  
É o mais belo dos concertos.  
Eu sou dele, pois, ouvinte  
Neste Mozart dos acertos.

SP, 27/10/2018.

XLIV

Eram luzes amarelas  
Que estavam em minha rua,  
Eu as via das janelas,  
Ao procurar ver a lua.

SP, 28/10/2018.

XLV

Eu, quando menino, a lua,  
Procurava vê-la cheia,  
Construía em minha rua  
Os meus castelos de areia.

SP, 28/10/2018.

XLVI

Embarquei hoje na lua,  
Minha nave espacial,  
Os meus sonhos pela rua,  
São a minha catedral.

SP, 28/10/2018.

XLVIII

Todo o mundo, toda a vida  
Não vale o verso que faço,  
Embora fraco, querida,  
Constitui o meu espaço.

SP, 28/10/2018.

XLVIII

Minhas ruas paralelas  
Os meus sonhos pela lua,  
Quantas saudades nas telas  
De meu passado na rua!!!

SP, 28/10/2018.

XLIX

Minha vida, meu destino,  
Saudades daquele tempo,  
Quando eu andava, menino,  
Correndo, meu rosto ao vento.

SP, 28/10/2018.

L

Apesar da primavera  
Eu sinto frio de inverno,  
Que do corpo se apodera  
E frente ao qual me prosterno.

SP, 28/10/2018.

LI

O tempo passa veloz,  
E na idade corre mais,  
Às vezes se ouve a voz  
Da eternidade em umbrais.

SP, 28/10/2018.

LII

Pelas ruas paralelas  
De meus tempos de menino,  
Via luzes amarelas  
A mostrarem meu destino.

SP, 28/10/2018.

LIII

Pelos astros de meus sonhos,  
Quando versos eu fazia  
Afastava tons tristonhos  
E neles punha alegria.

SP, 28/10/2018.

LIV

Mais um caderno eu termino  
Com quadras feitas a esmo,  
Lembrando sempre o menino,  
Que buscava por si mesmo.

SP, 28/10/2018.

LV

Mesmo velho, sou menino,  
Correndo pelos quintais,  
Buscando por meu destino  
Atrás de muitos varais.

SP, 28/10/2018.

LVI

Assim o velho menino  
Forjou seu próprio caminho  
E Ruth por seu destino  
Jamais o deixou sozinho.

SP, 28/10/2018.

LVII

Caravelas, Caravelas  
São sombras sempre ao meu lado,  
Suas cruces amarelas  
Refletem o meu passado.

LVIII

Ao ver luzes amarelas  
Volto sempre ao meu passado  
Quando em ruas paralelas,  
Eu andava mal calçado.

LIX

Sombras formam quando as velas  
Tremem, se batendo ao vento,  
Lembram vidas paralelas,  
Desfeitas num só momento.

LX

Naveguei a vida inteira,  
Pelos sonhos de meu mar,  
As ondas em sua esteira  
Banhavam o meu sonhar.

**MAIS HAICAIS PARA RUTH**  
(2019)

## Apresentação

**E**m 2017, lancei meu 16º livro de poesias com o título “101 Poemas para Ruth”, contendo 24 sonetos e 77 haicais.

Lanço, agora, esta plaqueta – é o 18º livro – com 80 haicais compostos em setembro de 2019 para a agenda que ganhei de Andréia Tarelow, minha secretária e reconhecida fotógrafa.

A capa que escolhi para o livro é uma fotografia de fim de tarde tirada por ela.

Nestes 71 anos de convivência poética – compus meu primeiro soneto aos 13 anos em 1948 –, tive, desde os 18 (1953 – dezembro), minha esposa como inspiradora, agradecendo a Deus por nos permitir a permanência de nosso amor pelos últimos 66 anos.

Exclusivamente para familiares e amigos, preparei esta edição particular.

*Ives Gandra da Silva Martins*

Para Ruth

I

Depois do descanso,  
Para você, meu amor,  
Em haicais, avanço.

03/09/2019.

II

Um sol moderno  
Desfaz-se pela janela,  
Em pleno inverno.

03/09/2019.

III

Eu vi  
Meu Deus  
Em ti.

03/09/2019.

IV

Só viver,  
Sem Nosso Deus,  
É morrer.

03/09/2019.

V

Amo-te.  
Amo-te, amo-te, amo-te,  
Amo-te.

03/09/2019.

VI

Na minha mesa,  
Uma caneta tinteiro  
Fere a incerteza.

04/09/2019.

VII

A minha idade  
Ao meu amor pouco importa,  
Nesta cidade.

04/09/2019.

VIII

Fere o frio.  
Como desejamos  
Ver o estio!

05/09/2019.

IX

Meu coração  
Foi por ti encarcerado.  
Era verão.

05/09/2019.

X

O meu espaço,  
Eu procuro conquistá-lo,  
A cada passo.

05/09/2019.

XI

Caravelas  
Singram águas turvas  
E amarelas.

06/09/2019.

XII

O céu escuro  
Desperta, no fim de tarde,  
Dúbio futuro.

06/09/2019.

XIII

Teu olhar  
Penetra a alma inteira  
Como o mar.

08/09/2019

XIV

Quando menino,  
Nunca pensei ser assim  
O meu destino.

08/09/2019.

XV

Nosso recanto  
A mim sempre me causa  
Um doce espanto.

09/09/2019.

XVI

A natureza,  
Tendo o sol em plena luz,  
Rasga a tristeza.

09/09/2019.

XVII

O meu canto  
Jamais por você  
Faz-se em pranto.

09/09/2019.

XVIII

A natureza,  
Corpos, flores e as estrelas.  
Quanta beleza!

13/09/2019.

XIX

As caravelas  
Singram mares e tormentas,  
Com suas velas.

13/09/2019.

XX

Eu fico a gosto,  
Sempre que fito, sereno,  
Teu lindo rosto.

13/09/2019.

XXI

Vozes silentes  
Penetram a solidão  
Dos mais descrentes.

14/09/2019.

XXII

O teu olhar  
Desperta encanto sereno,  
Bem devagar.

14/09/2019.

XXIII

O céu cinzento  
Parece tornar a tarde  
Num só lamento.

14/09/2019.

XXIV

Eu pouco valho,  
Mesmo assim malgrado velho  
Muito trabalho.

13/09/2019.

XXV

Linda menina.  
Belo, seu apartamento,  
Ana Regina.

17/09/2019.

XXVI

Para Andréia

Vida sem meta  
E na parede encostada,  
A bicicleta.

17/09/2019.

XXVII

Sinto saudade.  
Quando longe estou de ti,  
Tédio me invade.

18/09/2019.

XXVIII

Neste caderno,  
Eu escrevo algumas notas  
No fim do inverno.

18/09/2019.

XXIX

Neste papel,  
Se medito em Jesus Cristo,  
Encontro o céu.

18/09/2019.

XXX

São amarelas  
Parcas luzes escorridas  
Pelas janelas.

18/09/2019.

XXXI

Os desatinos  
Forjam, nos dias que correm,  
Muitos destinos.

18/09/2019.

XXXII

No meu corcel  
Carrego de meu amor  
Seu belo véu.

18/09/2019.

XXXIII

Quanta virtude  
Encontra-se no trabalho  
De gente rude!

18/09/2019.

XXXIV

Amo-te tanto  
Que meu amor por ser tão grande  
Fere meu canto.

18/09/2019.

XXXV

Dos japoneses,  
Nos versos belas lições,  
Tenho, por vezes.

18/09/2019.

XXXVI

Meus haicais  
São à Ruth destinados,  
Barcos sem cais.

18/09/2019.

XXXVII

As cerejeiras  
Têm dos vates japoneses  
Folhas inteiras.

XXXVIII

O grande amor  
Chega, no peito, a gerar  
Até a dor.

XXXIX

Subo nos mastros  
Do barco de meus escritos  
E chego aos astros.

XL

Descubro o sonho  
Ao penetrar-te, amada,  
O olhar tristonho.

20/09/2019.

XLI

Chega o verão.  
Aquece bem o tempo  
E o coração.

20/09/2019.

XLII

Por ti, querida,  
Valeu a pena o que fiz  
De minha vida.

22/09/2019.

XLIII

Fora do turno,  
Ouço, sereno, Chopin,  
Em um noturno.

22/09/2019.

XLIV

O céu cinzento,  
Na triste manhã de inverno,  
Gera tormento.

22/09/2019.

XLV

Todo o poeta  
É mais sensível que o mundo,  
Mesmo sem meta.

22/09/2019.

XLVI

Minha aquarela  
Tem teu retrato pintado  
Em uma tela.

22/09/2019.

XLVII

Num lugarejo,  
Versos compus, no passado,  
Que eu mal revejo.

22/09/2019.

XLVIII

Bom restaurante,  
Com a mulher lá estive,  
Seu sempre amante.

XLIX

Pelas procelas  
Dos mares verdes navegam  
As caravelas.

22/09/2019.

L

Pelas janelas  
De meus sonhos navegaram  
As caravelas.

22/09/2019.

LI

Meu arsenal  
De versos, eu os penduro  
Num só varal.

23/09/2019.

LII

Quem comemora  
Hoje, seu aniversário  
É minha nora.

24/09/2019.

LIII

Em cada dia,  
Encontro sempre, querida,  
Tua magia.

24/09/2019.

LIV

O mundo em guerra  
Mas procuramos ter paz  
Em nossa terra.

24/09/2019.

LV

Bagunça em mesa  
Ana Regina é que arruma,  
Bem com destreza.

24/09/2019.

LVI

Não mais consigo  
Dar conta no meu trabalho.  
Será castigo?

24/09/2019.

LVII

Nos meus castelos  
Vivo sonhos medievais  
E mil duelos.

24/09/2019.

LVIII

Linda Rainha,  
No meu coração cavaleiro,  
Torna-se minha.

24/09/2019.

LIX

As tempestades  
Varrem as almas amantes  
Com crueldades.

24/09/2019.

LX

Tem muita cor  
Brilhante no coração  
Do meu amor.

24/09/2019.

LXI

Linda rainha  
Na nobreza, sereníssima,  
Sempre só minha.

25/09/2019.

LXII

Correm no espaço  
Meus sonhos intemporais,  
Quando eu os faço.

25/09/2019.

LXIII

Eu mal termino  
Meus pobres versos compostos  
Desde menino.

25/09/2019.

LXIV

Querida Helena,  
O teu olhar tão vibrante  
Bem vale a pena.

25/09/2019.

LXV

Luzes amarelas  
Iluminam, pálidas, a noite.  
Ruas paralelas.

26/09/2019.

LXVI

Tarde cinzenta  
Pela janela, nublada,  
Mal se apresenta.

26/09/2019.

LXVII

Serena alteza,  
Assim vejo em cada filha  
Uma princesa.

26/09/2019.

LXVIII

São o meu traço  
Os versos que assim componho,  
Embora andraço.

26/09/2019.

LXIX

Bem longe o estio.  
Primavera, qual inverno,  
Mantém o frio.

27/09/2019.

LXX

Uma palestra,  
Se bem feita bem que vale  
Mais de uma orquestra.

27/09/2019.

LXXI

Ó meu Senhor,  
Nada obstante os meus erros,  
Me tens amor.

27/09/2019.

LXXII

Minhas espadas,  
No passado, utilizei  
Pelas estradas.

27/09/2019.

LXXIII

Quantas saudades!!!  
O tempo voa no espaço,  
Rompendo idades.

27/09/2019.

LXXIV

Amor por você,  
Esplendoroso, como sempre,  
Não há quem não vê.

27/09/2019.

LXXV

No meu espelho,  
De plebeu o sangue corre  
Muito vermelho.

27/09/2019.

LXXVI

Minhas estrelas  
Gostaria de por ti  
Sempre retê-las.

27/09/2019.

LXXVII

É de cristal  
O teu olhar sempre lindo  
E matinal.

27/09/2019.

LXXVIII

Está de gala  
Minh'alma quando te vê  
Na minha sala.

27/09/2019.

LXXIX

Parece aranha  
Aquele carro subindo  
Pela montanha.

27/09/2019.

LXXX

No meu jardim,  
Em versos para quem amo  
Eu chego ao fim.

27/09/2019.



*Poesia Completa - 2*  
de Ives Gandra da Silva Martins.  
Produção editorial de GIORDANUS  
para o selo *Pax & Spes*.  
Outono de 2021.  
São Paulo.



Este livro foi impresso na  
LIS GRÁFICA E EDITORA LTDA.  
Rua Felício Antônio Alves, 370 - Bonsucesso  
CEP 07175-450 - Guarulhos - SP  
Fone: (11) 3382-0777 - Fax: (11) 3382-0778  
lisgrafica@lisgrafica.com.br - www.lisgrafica.com.br



*A Presença de Ruth Ausente*

*O Caçador Caçado*

*Eu, Menino e a*

*Lenda dos Quatro Reinos*

*Poemas de um Tempo Esquecido e*

*Quadras de um Homem Comum*

*Meu Diário em Sextetos*

*101 Poemas para Ruth*

*Poemas Além do Tempo*

*Mais Haicais para Ruth*



*Pay Speer*